

Etc.

**Morna, rainha
da Humanidade**

INQUÉRITO

Eclipse, a Morna das mornas

Este é o resultado do inquérito efectuado pelo A NAÇÃO, no país e na diáspora, junto de mais de meia centena de cidadãos, para elegerem as “10 Mornas mais emblemáticas de todos os tempos”, para com isso assinalar e saudar a proclamação, na quarta-feira, 11 de Dezembro, da Morna a Património Imaterial da Humanidade pela UNESCO. Um dia, como é óbvio, que entra para a história de Cabo Verde e da sua música em particular.

Mesmo sabendo o quão difícil e subjectivo pode ser este tipo de iniciativas, este jornal desafiou um vasto painel de músicos, intelectuais, investigadores e simples cidadãos, para apontarem, cada um, as suas “10 Mornas de Eleição”, isto é, o conjunto de 10 composições que melhor espelha esse género musical, segundo os critérios pessoais de cada um dos participantes do inquérito. Ao todo, 44 dos inquiridos responderam positivamente ao nosso repto.

Assim, num rol de 141 mornas indicadas (fechando-se curiosamente a lista com Zebra, de Ildo Lobo), 27 integrantes do painel indicaram Eclipse como a Morna das Mornas. A segunda morna mais votada – “Força de cretcheu”, de Eugénio Tavares, obteve 22 indicações.

Seguem-se “Doce guerra”, de Antero Simas (20), “Biografia de um crioulo”, de Manuel d’ Novas (16) e “Lua nha testemunha”, também de B. Leza, com 14.

A partir daqui, a disputa mostrou-se mais equilibrada e renhida. Com 11 votos, no sexto lugar, aparece “Tempo de caniquinha”, também conhecida por “Um vez Soncente era sab”, de Sérgio Frusoni.

Com 10 votos surgem, “ex aequo”, “N cria ser poeta” de Paulino Vieira e “Sodade” de Armando Zeferino e Santos Vieira e “N cria ser poeta”, de

Paulino Vieira.

Na oitava posição, também “ex aequo”, com nove votos, temos “Mar é morada de sodade”, de Armando de Pina, e “Resposta di segredo co mar”, de B. Leza.

Com oito votos, na nona posição, “ex aequo”, temos “Fidjo magoadado”, de Jotamont, “Hora di bai” (Eugénio Tavares), “Sina de Cabo Verde” (Gabriel Mariano e Jacinto Estrela), e “Súplica”, de Djoya.

E, por fim, na décima posição, “ex aequo”, com sete votos, “Dez grãozinhos di terra” (Jotamont), “Dor di nha alma” (Betu) e “Nos Morna” (Manuel d’Novas).

Curiosamente, das 10 mornas mais votadas, três são de B. Leza (Eclipse, Lua nha Testemunha e Resposta di segredo cu mar).

Em contrapartida, no universo de 141 mornas indicadas, num total de 62 compositores, Manuel d’ Novas surge como o autor mais mencionado, com 15 votos, seguido de B. Leza (14) e Eugénio Tavares e Betu, com nove cada.

A indicação de “Eclipse” como a rainha das mornas vem, por assim dizer, confirmar o lugar que esta célebre composição de B. Leza há muito ocupa no imaginário cabo-verdiano, bem como na nossa discografia. Bana gravou-a, pela primeira vez, no LP “Perseguida” (anos sessenta/setenta), tendo, facto inédito na música cabo-verdiana, como suporte uma orquestra de cordas. E, desde então, “Eclipse” já foi gravada por vários outros cantores, sendo o caso mais recente o de Lura.

A NAÇÃO agradece, por fim, a todos os participantes deste inquérito, o primeiro do género feito em relação à morna. Nas páginas 36 a 39, deste suplemento, os leitores podem encontrar as justificações apresentadas por alguns participantes, cuja leitura não deixamos de recomendar. 🎵



Eclipse, a célebre composição de Francisco Xavier da Cruz, B. Leza, é “a Morna das mornas”, isto é, aquela que corporiza as virtudes desse género musical cabo-verdiano, tanto do ponto de vista poético, como musical.

A Redacção

1. **Eclipse, B. Leza - 27 votos**
2. Força de Cretcheu, Eugénio Tavares - 22 votos
3. Doce guerra, Antero Simas - 20 votos
4. Biografia dum Criol, Manuel d’Novas - 16 votos
5. Lua nha Testemunha, B. Leza - 14 votos
6. Tempo de caniquinha, Sergio Fruzoni - 11 votos
7. Sodade, Armando Zeferino e Santos Vieira - 10 votos
N cria ser Poeta, Paulino Vieira 10 votos
8. Mar é morada de sodade, Armando de Pina - 9 votos
Resposta di segredo cu mar, B. Leza - 9 votos
9. Fidjo Magoadado, Jotamont - 8 votos
Hora di bai, Eugénio Tavares - 8 votos
Sina de Cabo Verde, Gabriel Mariano e Jacinto Estrela - 8 votos
Súplica, Djoya - 8 votos
10. Dez grãozinhos di terra, Jotamont - 7 votos
Dor di nha alma, Betu - 7 votos
Nos Morna, Manuel d’Novas - 7 votos



*Este Natal
acredita
numa viagem
de sonho*

CASA+ 

GANHA
UMA VIAGEM À
ILHA DO SAL
PARA TODA A FAMÍLIA

30% DESCONTO
NA ADESÃO AO PACOTE 3P CASA+

UNITEL 

INQUÉRITO

B. Leza, o rei da morna

B. Leza, Francisco Xavier da Cruz, nasceu na ilha de São Vicente em 03 de Dezembro de 1905 e morreu a 14 de Junho de 1958. Os últimos anos da sua vida foram de grande sofrimento físico e espiritual, facto este patente nas suas últimas criações, de que “Lua nha testemunha” é claro exemplo.

Além de Cabo Verde, também viveu alguns anos em Portugal, onde se casou, depois de participar na Exposição do Mundo Português (Lisboa), em 1940, como integrante de um grupo de músicos. Foi aqui que escreveu, por exemplo, “Ondas sagradas di Tejo”.

Em Cabo Verde, além de São Vicente, viveu e trabalhou na ilha do Fogo, onde foi chefe da Estação Postal dos Serviços dos Correios, Telefones e Telégrafos (CTT) – a sua morna “Partida” foi, precisamente, escrita nessa ilha e pode ser vista como uma “variação” a um tema caro a Eugénio Tavares, “Hora di bai”, de quem era admirador.

Autodidacta, autor de uma infinidade de mornas e marchas de carnaval e hinos de clubes, B. Leza é considerado um inovador da morna, ao introduzir o chamado “meio-tom” brasileiro.

Enquanto filho de São Vicente, também absorveu a influência do tango através dos navios que escalavam o outro ra movimentado porto da ilha.

Bana, com o inestimável suporte do Voz de Cabo Verde, torna-se a partir dos anos sessenta no principal divulgador deste compositor. Aliás, reza a história, que, ainda garoto, Bana começou a cantar com B. Leza, gravando na memória várias das composições do seu mentor (ver artigo de Celestino Almeida, na página 18).

Eclipse, Miss Perfumado, Resposta de Segredo Cu Mar, Lua Nha Testemunha, Pen-

samento, Morgadinha, Luísa, entre várias outras, são algumas das mornas de B. Leza mais cantadas e ouvidas pelos cabo-verdianos ainda hoje.

Reza a lenda que “Lua Nha Testemunha” foi composta no leito do hospital, dias antes da sua morte a 14 de Junho de 1958, daí o seu tom de “testamento”. São várias as mornas dedicadas à mulher, Luísa, sendo as mornas “Luísa” e “Trás de horizonte” dois exemplos emblemáticos.

Também diz a lenda (ou a verdade) que Eclipse surgiu de um desafio que lhe foi lançado por Baltasar Lopes da Silva, de quem era amigo.

O desafio passava por ver como é que um compositor popular haveria de reagir a um tema como “eclipse” e que dias depois do combinado os dois amigos se encontraram para ver o resultado da respectiva criação. B. Leza mostrou ao autor de Chiquinho a sua criação; depois de a ler, Baltasar pegou no seu poema e rasgou-o.

Além de mornas, publicadas em livro, Francisco Xavier da Cruz também publicou uma brochura, “Razão da Amizade Caboverdiana pela Inglaterra” (Rio de Janeiro, 1950), sobre a presença dos ingleses em São Vicente, onde procura explicar a influência britânica nos mais vários níveis da sociedade mindelense e não só.

A revista *Claridade*, no seu número 2, em 1936, publicou o poema Vénus, de Xavier da Cruz. Segundo o autor de “Chiquinho”, B. Leza era “um polo de atracção de toda a gente que se interessava pela música popular cabo-verdiana, e com um prestígio enorme”, uma espécie de ídolo do Mindelo, cidade-ilha que tanto amava, tendo “derramado” esse amor em várias das suas composições. “Alô, Sanvicente” e “Noute di Mindelo” são dois exemplos disso. ☺





Confiança no Futuro.

O BANCO BAI CABO VERDE
DESEJA-LHE UM **FELIZ NATAL**
E UM PRÓSPERO **ANO NOVO**



ESPERAMOS CONTAR SEMPRE COM
A SUA CONFIANÇA.



Saiba mais em: www.bancobai.cv

INQUÉRITO

Os quatro Compositores com mais Mornas escolhidas

Manuel d'Novas – 15 mornas



- 5 de Julho
- Biografia dum Criol
- Caboverdiano nha irmom
- Chamosa
- Esse país
- Gardénia
- Lamento dum emigrante
- Nha coração tchorá
- Nha regresso
- Nos Morna
- Querida
- Rufux escacarecs
- Stranger ê um ilusão
- Tributo final
- Um passá pa cabverd ta sulcá mar azul

B. Leza – 14 mornas



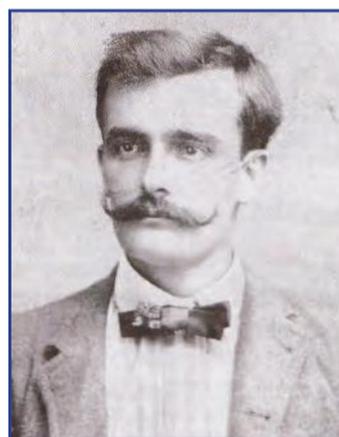
- Eclipse
- Lua nha Testemunha
- Luísa
- Mar Azul
- Miss Perfumado
- Noite di Mindelo
- Ondas sagradas do Tejo
- Pensamento
- Resposta di segredo cu mar
- Talvez
- Tanha
- Tchã de pedra
- Terra longe
- Traz d'horizonte

Betú – 9 mornas



- Coraçon II
- Djar Mai
- Dor di nha alma
- Manu
- Nha berço
- Nha coraçon
- Nos amizade
- Nos fé
- Notícia

Eugénio Tavares – 9 mornas



- Bidjiça
- Carta di nha cretcheu
- Força de Cretcheu
- Hora di bai
- Mal de amor
- Mar di Lua cheia
- Mar eterno
- Na oh minino ná
- Tarde na Aguada

Ficha técnica

- participantes: 44 (Cabo Verde, Portugal, França, Holanda, Itália, EUA...)
- mornas: 440
- mornas únicas: 141
- autores identificados: 62
- Ver a lista das mornas na página 43.

PUBLICIDADE



Charme, Conforto & Requite



📍 Achada Santo António, Praia, Cabo Verde

☎ (+238) 260 49 80 📠 (+238) 938 61 53

✉ comercialhotelsantiago@gmail.com



PERCURSO

Morna, pelos caminhos

Depois de uma longa caminhada, a Morna foi eleita, oficialmente, esta quarta-feira, 11 de Dezembro, em Bogotá, Colômbia, Património Imaterial Cultural da Humanidade. Foram vários os caminhos percorridos para aqui chegar, dando razão a Eugénio Tavares quando escreveu que a morna é “a intérprete maravilhosa da alma desse povo ilhéu e sonhador”. O desafio agora é manter a distinção da lista da UNESCO, garantindo a implementação do plano de salvaguarda.

Gisela Coelho

Eugénio Tavares, B. Leza, Manuel d’Novas, Jotamont, ou Ano Nobu, estavam longe de imaginar que, um dia, as suas belas composições, que retratam a alma e a identidade do seu povo, estariam na génese de uma conquista mundial que enche de orgulho qualquer cabo-verdiano: Morna, Património Imaterial da Humanidade.

Independentemente de onde, ou quando surgiu a Morna, e até do facto de apenas ter sido eleita Património Nacional a 3 de Dezembro de 2018, apesar dos seus estimados 200 anos, a verdade é que ela é, há muito, património e pertença destas ilhas, das suas gentes, em cada choro de saudade cantado. A Morna ganhou, assim, vida própria, na interpretação de cada artista que a tem levado além fronteiras.

Muitos dirão, naturalmente, que a Morna viajou para lá destes 10 grãos de terra, como escreveu Jotamont, e se internacionalizou na voz de Cesária Évora, verdade, mas há muitos mais que a têm entoado pelo mundo fora, seja pela voz dos mais antigos como Bana, Titina, Ildo Lobo, Celina Pereira, ou Tito Paris, entre tan-

tos outros, seja pela ousadia da nova geração como Nancy Vieira, Lucibela, ou Cremilda Medina.

Os caminhos da Morna são por isso inúmeros e diversificados para encontrarem em Cabo Verde ou onde quer que haja algum cabo-verdiano por este mundo fora.

Vêm de longe, e ultrapassam certamente o dossier de mil páginas e mais de 300 entrevistas (recolhidas em Cabo Verde e Diáspora), que foi entregue a 26 de Março de 2018, pelas mãos do Ministro da Cultura e Indústrias Criativas, Abraão Vicente, na Sede da UNESCO, em Paris.

Além das entrevistas, o dossier incluiu uma vasta pesquisa e catalogação, documentada por fotos e imagens, que atestam aquilo que é um dos principais critérios da UNESCO, o enraizamento da Morna na cultura popular.

As primeiras movimentações

Na verdade, e segundo relatos públicos, a ideia da candidatura da Morna a Património Mundial remonta há já alguns anos, e, ao que tudo in-



dica, partiu da cantora Celina Pereira, a quem se juntaram outros defensores como Vasco Martins, também ele assumidamente um investigador da Morna, além de compositor desse género.

Segundo atesta uma notícia datada de 12 Janeiro 2012, publicada na altura pela Rádio Educativa, e que cita a Agência Lusa, na ocasião, Celina Pereira entregou ao Governo uma petição, propondo a elevação

da Morna, primeiro, a Património Imaterial Nacional e, depois, a nível mundial.

Na altura, Celina Pereira, que se encontra actualmente doente em Portugal, justificou tal missiva face ao papel “aglutinador” e ao “valor universal” da Morna.

Numa carta enviada às várias entidades oficiais de Cabo Verde, assim como à UNESCO, a cantora disse estar crente “nas potencialidades da Mor-

na como valor universal e resultado do cruzamento das nossas várias origens, constatando o abraço de pesar mundial, dado à Nação (país) aquando do desaparecimento dessa nossa voz maior (Cesária Évora, falecida a 17 de Dezembro último)”.

Celina argumentou, ainda, citando, Eugénio Tavares, que a Morna é “a intérprete maravilhosa da alma desse povo ilhéu e sonhador”.

da Humanidade



Trazer a Morna aos palcos nacionais

De lá para cá, a Morna continuou a viajar com naturalidade por grandes e pequenos palcos, em casas de música, mais e menos famosas, dentro e fora do país, conquistando públicos que de crioulo não percebem absolutamente nada, senão apenas o encanto pelo sentimento, como um ritmo tão expressivo e saudoso como a Morna pode transmitir. Foi

assim com Cize, é assim com Nancy Vieira ou Lucibela.

O interesse pela Morna ressuruiu nos últimos anos, com algumas ilhas como São Nicolau e São Vicente a protagonizarem festivais de Morna para preservar o legado da Morna.

Não são poucas as vezes que muitas vezes se levantam face à necessidade de se trazer a música tradicional, incluindo a Morna, aos palcos dos maiores festivais de música do país,

onde as novas sonoridades vão tomando conta do público, em detrimento da música que moldou a identidade dos cabo-verdianos. Um facto a ter que se ter em conta, agora que a Morna é Património da Humanidade, depois da consagração efectiva, na passada quarta-feira, 11, durante a reunião do Comité Intergovernamental para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial em Bogotá, Colômbia.

A Morna esteve entre as 42 propostas que constavam da

E depois da eleição?

Antes da reunião decisiva desse Comité, em Bogotá, o presidente do IPC, Jair Fernandes, havia chamado atenção, para o caminho que a Morna ia ter de percorrer depois da sua eleição efectiva a Património da Humanidade, para onde todas as atenções deveriam estar voltadas agora. O desafio, garante, é a materialização do plano de salvaguarda.

“O plano de salvaguarda tem o seu custo e é necessário alocar recursos para o efeito. É necessário mobilizar a sociedade civil em torno da implementação da convenção, particularmente do plano da salvaguarda. É preciso apostar na questão da formação, na investigação, na criação de centros de estudo ligados à temática, neste caso a Morna”, defendeu, citado pela Inforpress.

Segundo o mesmo, uma outra questão “importante” é a internacionalização da Morna, um papel que, lembrou, cabe de uma “forma especial” aos artistas.

À internacionalização acresce o turismo cultural, uma questão “importante” neste plano, e que, para isso será necessário criar infraestruturas de

promoção e divulgação como uma Casa da Morna e o Museu da Morna, envolvendo, como defendeu hotéis, restaurantes e bares, que, a seu ver, acabam por ser promotores e beneficiários dessa inscrição da Morna a Património Mundial.

Também o primeiro-ministro de Cabo Verde, Ulisses Correia e Silva disse, no dia da consagração, que esta eleição trouxe “maiores responsabilidades” e garantiu que Cabo Verde vai “cumprir e honrar” esta consagração com a UNESCO, e o mundo.

Os desafios, alertou, prendem-se com o plano de salvaguarda, para o qual o Orçamento de 2020 já prevê verbas, afirmando ainda que a Morna terá, agora, uma nova dimensão turística com esta eleição a Património Mundial.

Cabo Verde terá assim, de a partir de agora, fazer o seu trabalho de casa e salvaguardar e garantir que esse património maior de todos, a Morna, não correrá o risco de se perder, como chegou a acontecer com a Cidade Velha Património Mundial da Humanidade.

GC

Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade que foram avaliadas nesta reunião.

Isto, depois de a 7 de Novembro passado o ministro Abraão Vicente ter tornado público que a Comissão Técnica da UNESCO lhe tinha comunicado que a informação incluída no ficheiro de candidatura da Morna satisfazia todos os critérios exigidos pela Lista Representativa do Património Cultural da Humanidade e que o referido Comité havia aprovado o dossiê da Morna a Património

da Humanidade.

Agora, em Bogotá, praticamente um mês depois, esteve uma grande comitiva cabo-verdiana, liderada pelo Ministro da Cultura e das Indústrias Criativas e presidente da Comissão Nacional da Unesco, Abraão Vicente, integrada ainda pelo presidente do Instituto do Património Cultural, Hamilton Jair Fernandes, a secretária Executiva da CNU (Comissão Nacional da Unesco), Carla Palavra, e a coordenadora do dossiê de candidatura da Morna, Sandra Mascarenhas. 

ENTREVISTA

Marino Silva, o mais antigo guardião da morna em Portugal

A morna que baila num sorriso de menino

O intérprete, compositor e músico que nos recebeu na sua casa à beira do Tejo, em Almada, que divide e o aproxima da capital portuguesa, Lisboa, aonde aportou em 1946, aos 15 anos, considera que esse status maior da morna deverá constituir um redobrado motivo para a preservação de “uma certa pureza” desse género musical. E, nesse conceito, para ele, o expoente máximo “é Cesária!”, sem porém esquecer o grande vulto que foi Bana.

Natural da ilha do Sal, Marino Silva veio para Lisboa, aos 15 anos, para estudar, trauteia Nossa Senhora di Monte, da autoria de A. José da Rosa, o falecido “Doutor Rosinha”, como era conhecido e tratado.

Ao fazê-lo, escolhe, uma vez mais, uma morna da ilha Brava, porque, como diz, “gosto do

conteúdo poético das suas mornas”. Esboça um sorriso de menino que sempre o caracterizou e o impedia de entrar no cinema Cinearte quando tinha 20 anos e parecia ter menos que os exigíveis 18.

Aliás, na época, “à excepção dos estrangeiros, só se entrava com gravata... Eu entrava, e depois, através da janela, passava a gravata a outros colegas para poderem entrar”, recorda.

E a propósito de criatividade e da diversidade de intérpretes da morna, de outras nacionalidades, incluindo portugueses, o nosso decano observa: “Pode haver misturas, mas a morna é sublime, nobre, tem o seu lugar à parte”.

Além de Cesária, diz, “no ouvido, fico a pensar nas pessoas que conheci”, “homens e mulheres, há tantos que não sei o nome deles todos”. Cita Bana,

Os olhos adquirem um brilho próprio ao cantar, com o dedilhar do violão, “Bo odjo é preto, é doce”, uma morna da Brava, ilha de Eugénio Tavares, compositor preferido do nosso anfitrião, Marino Silva. De trato doce e porte elegante, agora o mais antigo divulgador da morna em Portugal, aos 88 anos, sente-se feliz por este género musical atingir o mais alto patamar cultural: Património Imaterial da Humanidade.

Otilia Leitão, em Lisboa

“com um lugar distinto, um cunho particular”, mas também Titina, Sãozinha Fonseca, Gardénia, Arlinda, Lura, Mirri Lobo, Ildo Lobo, Frank Mimita, Voz de Cabo Verde, que estão no seu ouvido.

“Há também a Celina, que canta umas mornas muito boas, mas agora está adoentada”; o Leonel Vieira, “veio com o Voz de Cabo Verde”, e o Dany Silva, “era o meu contrabaixo, também canta bem, com alma”, aponta “Lua nha testemunha”, de B. Leza, como exemplo.

Nas paredes da sua sala observámos, emoldurada, a Ordem do Vulcão com que foi distinguido pelo Presidente Pedro Pires, pelo 32º aniversário da independência de Cabo Verde.

Espalham-se salvas de prata de distinções várias. A mulher, Beatriz Feijó Silva, a “Tiche”, natural da Brava, mostra-nos, orgulhosa, fotos das actuações do marido, nomeadamente no Casino Estoril ou no Pavilhão dos Desportos. Afinal, quantos cabo-verdianos actuaram nesses dois espaços?

Marino Silva foi ainda homenageado numa sessão festiva, pela Sociedade de Autores Cabo-verdiana (SOCA) em 2014, no teatro Joaquim Benite, em

Almada, e em 2018 pela Associação dos Antigos Alunos do Liceu de Cabo Verde, em Carnide, Lisboa.

Marino Coutinho Silva, 88 anos, é hoje o precursor mais antigo da morna em Portugal, depois de Fernando Quejas, seu amigo, ter falecido em 2005. Este trouxe a morna para Lisboa em 1947 e gravou, com a Columbia Records, em 1952, o primeiro disco de mornas em Portugal, divulgando-as na Emissora Nacional onde trabalhava. Contemporâneos, Marino despediu-se de Quejas nas exéquias deste cantando Hora di Bai.

A morna foi sempre, para este cabo-verdiano, um “hobby”, nunca fez dela uma actividade lucrativa. Era chefe de serviços da Câmara Municipal de Lisboa e quando queria gravar, dizia ao seu director, que lá o deixava ir.

Originário de uma família do Sal, com cinco irmãos (três rapazes e duas raparigas), em criança, já “tocava umas coisinhas no violão” que era do pai e que ainda conserva, guardado. Um outro violão, de cordas de aço, que ofereceu à Associação dos Antigos Alunos do Ensino Secundário de Cabo Verde.

Na escola Fonseca Benevides,

onde completou o curso liceal, Marino formou um conjunto de música com os colegas: “Chegámos a ter um conjunto de gaita de beijos e realejos onde estava também meu irmão, mais novo dois anos, Mermoz Silva. Mas era eu que cantava”.

Às vezes, os que o ouviam, ligavam a morna à música brasileira ou a uma outra forma de cantar fado. Mas a morna, subtilinha, “sempre foi distinta”.

“Tem algumas semelhanças com o fado, é verdade, a nostalgia e o sentimento que vêm da partida dos homens que se afastam das famílias, que partem nos barcos. Isto tanto pode ser cabo-verdiano como português, melhor, é universal, e a morna consegue transmitir isso como nenhum outro género”.

Sobre o fado, Marino Silva apenas o experimentou “por brincadeira”, entre amigos. Na altura, conta, “faziam-se intercâmbios entre várias escolas, nomeadamente a Marquês de Pombal, dentro da Mocidade Portuguesa. Eu é que cantava”.

Aos 20 anos, tinha o “Conjunto Marino Silva”, uma banda que durou entre 1960 e 1970. Mas, como diz, “era um conjunto um bocado desconjuntado”, porque “só tocava quando che-

“

Tem algumas semelhanças com o fado, é verdade, a nostalgia e o sentimento que vêm da partida dos homens que se afastam das famílias, que partem nos barcos. Isto tanto pode ser cabo-verdiano como português, melhor, é universal, e a morna consegue transmitir isso como nenhum outro género.

”



gava algum cabo-verdiano que sabia realmente tocar e eu ia buscá-los onde estivessem”. Foi assim, com esses patricios, que sabiam tocar, que gravou alguns dos seus discos.

Marino Silva cantava num programa da Emissora Nacional, intitulado “Serão para trabalhadores”, num trio que incluía o português Martinho Silva e o cabo-verdiano Fernando Quejas. “Umás vezes, cantava o Fernando Quejas e eu tocava, outras vezes, eu cantava e ele tocava”.

Quando veio para Lisboa eram muito poucos os cabo-verdianos que aqui viviam, não é como hoje. E, nessa época, eram muito poucas as mulheres a cantar. A Titina terá sido a primeira, trazida por Adriano Moreira, em 1962, quando este era ministro do Ultramar. Depois foi o Bana e o Voz de Cabo Verde. Havia também a Fatinha Alfama e a Maria da Luz com quem gravou um single, mas esta foi para os Estados Unidos da América.

Mas, já antes, havia grupos de cabo-verdianos que mostravam a música cabo-verdiana em eventos que o Estado Novo promovia para mostrar unidade política do “império colonial”, caso da primeira Exposição Colonial, realizada no Porto, em 1934, onde esteve um agrupamento liderado por Luís Rendall e um grupo de cantaderas da Boa Vista, que inclui uma das míticas figuras da ilha, Maria Bárbara.

Em 1940, o compositor e o músico B. Lèza liderou a comitiva cabo-verdiana à Exposição do Mundo Português, em Lisboa, da qual constavam, entre outros, Bentinho, Tchufe, Hilário, Simão ‘Anton Fongê’, Mochim de Monte, Adolfo de João Tchili, Justino da Cruz Évora, “bom de viola e violão”, de nominho Djut, “pai de Cesária Évora”.

B. Lèza morreu em 1958, em Cabo Verde, e Marino Silva nunca o chegou a conhecer pessoalmente, embora cante muitas das suas mornas, como não podia deixar de ser. 

ENTREVISTA

Homem discreto



M

arino Silva conta que, nos seus tempos da Emissora Nacional, juntamente com Fernando Quejas, também procurou introduzir a coladera, um ritmo mais mexido e que os portugueses gostavam. “Punha-os a bater palmas e a fazer coro comigo”, diz, divertido.

Quejas e Marino gravaram, juntos ou separadamente, largas dezenas de fonogramas comerciais para as principais editoras, especialmente para as empresas que editavam os cantores da Emissora Nacional e para a fábrica de discos da Rádio Triunfo.

Foi, segundo a história, o período de ouro da rádio, já que a televisão ainda estava longe de ser o meio de comunicação de massas que acabaria por ser.

Cantar na Emissora Nacional era privilégio de poucos, Fernando Quejas e Marino Silva constavam desse mundo de vedetas. Só muito mais tarde, já depois do 25 de Abril, é que as portas das estações de rádio e televisão haveriam de se abrir para os cantores e grupos de Cabo Verde e outros países africanos.

Discreto, Marino Silva diz que nunca se envolveu em política, mas estava em Lisboa quando se deu a revolução do

25 Abril de 1974, que depôs o regime de Salazar e viria a acelerar a independência das colónias africanas.

Ainda se lembra do barulho do grande movimento da força operária dos antigos Estaleiros Navais da Lisnave, uma empresa importante cujos despojos se vêem ainda hoje, ao lado da sua casa.

Aliás, foi após a queda do antigo regime português, em 1974, que Marino Silva voltou à sua ilha natal, 28 anos depois de ter saído: “Fui precisamente no dia da Independência de Cabo Verde, 5 de Julho de 1975. Havia grande efervescência”.

Da sua ilha natal guarda, da infância, os muitos quilómetros que tinha de percorrer, da aridez seca e do zumbido do vento.

“Hoje está tudo muito diferente”, comenta. Santa Maria, o principal centro turístico de Cabo Verde, “está irreconhecível, nada tem a ver com a Santa Maria daquele tempo”.

Depois, foi várias vezes e regularmente. Aliás, esta nossa conversa acontece a poucos dias de viajar a Cabo Verde. “No próximo dia 9 de Dezem-

bro estarei na Praia, onde tenho uma irmã e sobrinhos. Lá passarei o Natal”.

Marino Silva raramente fala das intempéries da sua vida, mas recorda, com tristeza, a morte do pai, com quem sempre viveu em Lisboa, “numa noite de 30 de Novembro... já há muitos anos”, na barra de Aveiro, juntamente com o piloto, quando o barco em que seguiam se voltou.

O seu olhar tolda-se também ao recordar a morte do seu único filho, aos 19 anos, de doença, fruto do primeiro casamento.

Casado há 31 anos com Tiche, com três filhos nos EUA e que tem uma morna com o seu nome, no LP, Ima Costa/Marino Silva – Folclore de Cabo Verde, Marino visitou a Brava em 1988, ainda de barco, e nos anos noventa lá voltou, já de avião, com aterragem no aeroporto que tinha o nome de um irmão da sua mulher: Feijoó Barbosa.

Entre 1958 e 1977, Marino Silva assinala que gravou 17 discos. Mas a nossa investigação detectou 25, sendo sete LPs e dezoito singles. Afastou-se dos

“

Entre 1958 e 1977, Marino Silva assinala que gravou 17 discos. Mas a nossa investigação detectou 25, sendo sete LPs e dezoito singles. Gravou para importantes editoras, como a Imavox, a Alvorada, a inglesa Gramophone, Osiris e a célebre Valentim de Carvalho.

”

estúdios de gravação a partir de 1980, mas continuou a cantar em círculos de amigos, associações, centros culturais.

Gravou para importantes editoras, como a Imavox, a Alvorada, a inglesa Gramophone, Osiris e a célebre Valentim de Carvalho. B. Lèza, Manuel d’ Novas, Eugénio Tavares, Rodrigo Peres são os seus autores preferidos, encontrando-se outras referências nas suas mornas e coladeiras. Ainda que arredado dos estúdios, Marino

Silva tem muitas as partilhas em gravações colectivas de outros autores.

Aos 88 anos testemunha a proclamação da Morna a Património da Humanidade enquanto decano e sobrevivente do tempo em que a Morna começava a conquistar o mundo fora de Cabo Verde.

Desafiado a indicar as suas “dez mornas de eleição” recusou-se ao exercício. “Não sou capaz, porque gosto de todas”, desculpou-se, de forma gentil. ☺

PUBLICIDADE

5^{al} da Música

Música ao VIVO de Segunda a Sábado
Gastronomia Cabo Verdiana e diversos

Avenida Amílcar Cabral - Praia
Telf: +238 261 16 79 / +238 992 99 41
Email: quintaldamusica@gmail.com
Facebook: quintal.musica



ENTREVISTA

Nancy Vieira

“A morna tem vida própria, mas precisa de



Nancy Vieira, voz que dispensa apresentações, considera que a morna tem vida própria, mas precisa de ser melhor cuidada pelos cabo-verdianos. Fomos encontrá-la a ensaiar com Humberto e a sua banda, no Centro Cultural de Cabo Verde, em Lisboa, a preparar-se para a viagem à Colômbia. Em Bogotá, quando se anunciar que a morna é da Humanidade, Nancy sabe que nesse dia e momento irá transportar consigo um Cabo Verde inteiro: “Sim, vai ser uma responsabilidade, mas também uma emoção muito forte e felicidade muito grande”, disse neste exclusivo ao A NAÇÃO.

Otília Leitão, em Lisboa

Essa conquista da morna o que lhe evoca ou sugere?

Sugere-me a história da minha família, a vivência da minha família, ao que eu assisto desde pequena em casa. O meu pai, os meus avós, os meus tios... eu já era da morna, porque foi em casa que aprendi a gostar dela. Dedico-me à morna por inteiro. Não estarei errada se assim for com todos os cabo-verdianos. Foi em casa, no ambiente familiar, que todos começámos a amar a morna.

Para a morna, que anda sozinha, esta qualificação traz agora algo de maior?

A morna, sim, anda sozinha! Quando estamos num concerto

na Rússia, ou em qualquer outro lugar, as pessoas não percebem as letras, não sabem quem é Nancy Vieira, mas a partir do momento que começo a cantar uma morna, ela contagia, provoca emoções que não consigo explicar. Sim, a morna realmente tem vida própria.

O ser património mundial traz maior responsabilidade para artistas e governantes?

Os artistas já carregam muita responsabilidade, há muito tempo, desde que a morna começou a andar sozinha. Acresce sobretudo ao Estado, aos chamados poderes políticos, agarrar e fazer mais do que nós artistas já fazemos. A mor-

na chegou aonde chegou graças aos artistas. Eu não posso fazer mais do que aquilo que tenho vindo a fazer. Os músicos fazem todos os dias, cantando e gravando, levando a morna a lugares inimagináveis, às vezes.

A morna exige pureza ou pode ser misturada com outras músicas?

Outros estilos e géneros musicais são mais passíveis de serem misturados. A morna não tanto. Pode-se acrescentar outros instrumentos com outras músicas. Tenho uma música, num disco meu, é quase uma morna, tem uma guitarra portuguesa a tocar. É intencional, não há risco de descaracteriza-

ser melhor cuidada junto do público”

ção. Outros géneros são mais passíveis de serem misturados. A fusão já acontece com a coladeira, o funaná e o batuco. Há mornas tocadas com teclado e guitarra acústica, outros instrumentos, não deixa de ser morna, porque os elementos definidores da sua identidade continuam lá, intactos.

E sente alguma responsabilidade moral de prosseguir a pureza da morna que cantava Cesária?

Mais do que responsabilidade, é gosto! É como eu gosto mais da morna. Eu gosto dela pura!

E há muita gente a cantar assim?

Infelizmente, da minha geração, não somos assim muitos, poucos, mas há. Há malta mais novinha, artistas que aparecem com muita força, mas noutro tipo de música que cresce com muita força, que dá mais likes.

E os públicos percebem as diferenças?

Depende, mas gostam da morna que sai naturalmente de mim. Tem mais sentimento. Eu não consigo dissociar a coladeira da morna. Aquele sambinha, do género brasileiro e que às vezes até chamamos a coladeira sambada. É mais a minha praia, morna e coladeira.

Os portugueses conhecem bem a morna ou são preconceituosos?

Eu não falaria em preconceito. Alguns apreciam muito, aprenderam a fazê-lo. Hoje, em Portugal, a morna sente-se em casa, deixou de ser desconhecida. Mas, apesar de se cantar morna em Lisboa há muito tempo, há pessoas que ainda confundem. Algumas perguntam-me o que eu faço e quando digo que sou cantora, de Cabo Verde, elas dizem: Ah! eu gosto de dançar aquelas mornas...”, e sacoc-

dem-se, pensado que é morna, quando estão a referir-se a outros géneros de música africana.

É necessário uma maior explicação e aprofundamento?

É preciso mais divulgação. Isso acontece quando o artista, já com alguma projeção, vai à rádio, há o lançamento de um disco, há lugares onde se podem ouvir mornas, etc. A morna é, acima de tudo, uma maneira de ser, era preciso mais espaço para se ouvir a morna.

No teu caso, quais as mornas que gostas mais de cantar?

Gosto muito de cantar Boa Vista Nha Terra, canto-a sempre de mão na garganta. Emociona-me. E não é só pelos afectos, por ser a terra dos meus pais (ver caixa). É mais do que isso. Mas gosto muito da morna Gardénia, de Manuel d’ Novas, desde sempre, cantada pelo Bana. Eu era pequenina e já havia o Bana, esse grande senhor, essa grande voz. Se perguntas um nome para a morna, um só, digo-te Bana! Mas depois, digo-te também, Cesária Évora, Titi-na, Morgadinho, Celina Pereira, Gardénia. Gosto também muito das mornas Lena, Oriundina, Miss Perfumado, Lamento dum Imigrante, Biografia dum crioulo. Mas a minha favorita é Maio Nha terra, do Betú.

E compositores?

B. Lèza, Manuel d’ Novas, Eugénio Tavares... Canto muito as mornas do B. Lèza.

E dos mais novos?...

Dos mais novos gosto do Betú, do Jorge Humberto e do Teófilo Chantre...

E quando é que compões uma morna?

Morna, escrita por mim?... Não me atrevo, gostava de ter esse dom, mas isso não é para quem quer.

Cantando morna pelo mundo

Filha de dois combatentes do PAIGC, Nancy Vieira nasceu em Guiné-Bissau, em Fevereiro de 1975, quatro meses antes da proclamação da independência de Cabo Verde. A mãe, Henriette, foi secretária de Amílcar Cabral e o pai, Herculano Vieira, piloto e comandante da Marinha, ministro várias vezes e embaixador de Cabo Verde em Portugal. Naturais ambos da Boa Vista, Nancy diz-se muito ligada a essa ilha, apesar de ter passado a infância e a adolescência na Praia e no Mindelo. Em casa, diz, “sempre conviveu com a morna e com os sons do violão do meu pai”.

Formada em sociologia, há mais de 20 anos que vive em Portugal, residindo actualmente no Barreiro. É mãe de Myriam, 22 anos. Em 1995, estudante ainda, gravou e lançou o seu primeiro disco, *Nós Raça, um long play*. Seguiram-se, depois, *Segred* (2004), *Lus* (2007) *Pássaro Cego* (2009), *Nô Ama* (2012) e *Manhã Florida* (2018).

Pelos discos, vê-se que o seu repertório é vasto. Além de mestres como B. Leza e Manuel d’ Novas, gravou “Mi Sem Bo Amor”, de Amândio Cabral e Vitorino Chantre. Dos mais recentes constam, entre outros, Betú, Kaká Barboza, Princesito, Mário Lúcio, Tó Alves e Tiolino.

Apesar de recusar o título de compositora,

no seu mais recente álbum, “Manhã Florida”, insere uma composição da sua autoria, intitulada “Porto Inseguro”.

De muitas vivências - dez anos na cidade da Praia, depois quatro anos em S. Vicente onde fez a sua adolescência e veio para Lisboa, Nancy Vieira tem participado em muitos concertos, quer em Portugal, quer noutros países da Europa e Estados Unidos da América (EUA). Polónia, Lituânia, Letónia, Alemanha parecem rendidas às suas músicas, mas também a Turquia, além dos tradicionais lugares para os cabo-verdianos como os EUA ou a Holanda.

A filha, Myriam, pelos vistos, também gosta de cantar. “Gosta de outros estilos, mas canta bem a morna. Myriam sabe muito bem o que é a morna, sobretudo sentiu em nossa casa, em casa dos avós. Sentiu o que é a morna para nós”.

No dia 11, quando a UNESCO proclamar a Morna como Património Imaterial da Humanidade, Nancy Vieira estará em Bogotá, Colômbia, para abrilhantar esse momento que ficará, para sempre, na história de Cabo Verde e desse género musical. “Sim, é verdade, vai ser uma grande responsabilidade, mas também uma emoção muito forte e felicidade muito grande”, frisa, com os seus olhos luminosos. OL



ENTREVISTA

Morna, o género que

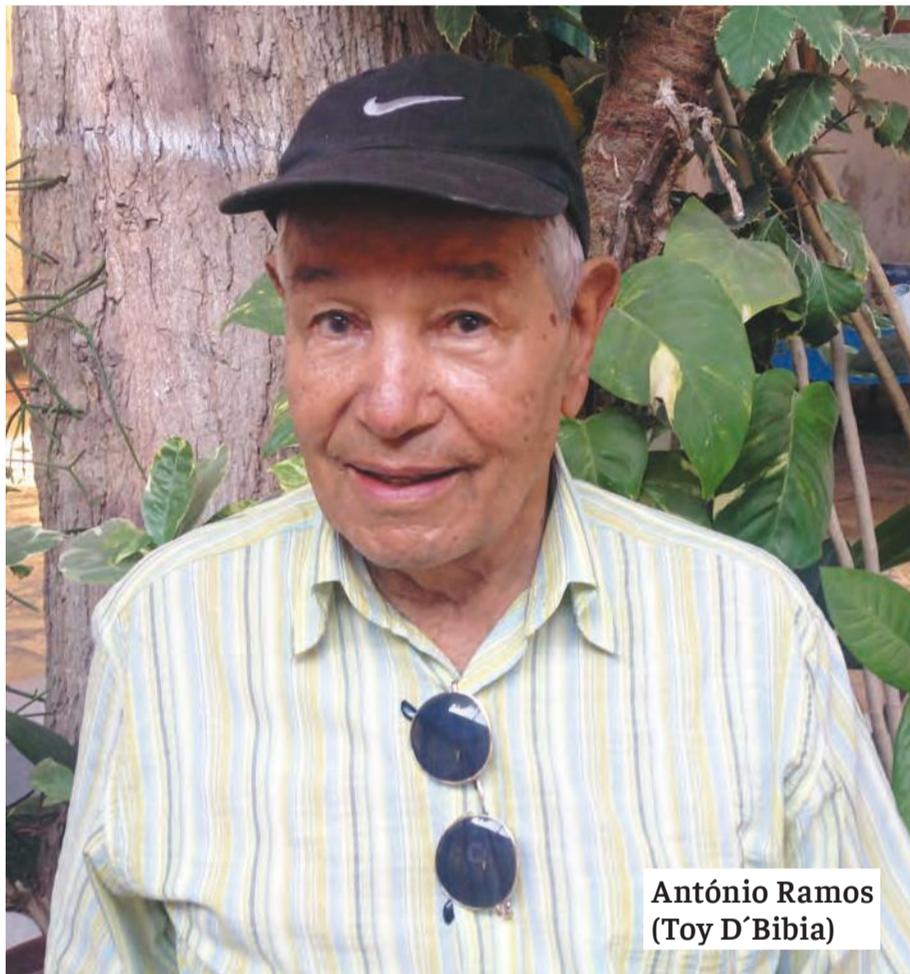
António Ramos, mais conhecido por Toy D' Bibia, começou a tocar ainda criança, em São Vicente. Nesta altura, a música para ele não passava de um passatempo. Foi mais tarde, em Dakar, que sua carreira na música descolou e o seu violão ganhou reconhecimento. No Senegal, Toy D' Bibia acompanhou artistas como Bana e tocou em night clubs, ao lado de Morgadinho, com quem viria a fazer um percurso de mais de 50 anos.

De Dakar para Roterdão

E foi também nas noites de Dakar que conheceu figuras inconfundíveis da história de Cabo Verde, como Amílcar Cabral, Pedro Pires e Aristides Pereira. Segundo conta, chegou mesmo a colaborar com eles em trabalhos relacionados com a independência de Cabo Verde. Depois de vários anos na capital Senegalesa, Toy recebeu uma proposta de Frank Cavaquim, que o levou a trocar Senegal por Holanda, onde formou, com outros colegas, um conjunto, que mais tarde viria a ser o Voz de Cabo Verde. “Na Holanda não havia muitos músicos. Quando cheguei faziam guitarra e baixo e tive a oportunidade acompanhar Tazinho, pai do Voginha e grande solista da sua época”, recorda.

Depois de alguns anos neste país, onde gravou vários discos, entre o quais “Sodade”, ao lado de Humbertona, Toy decidiu que era a hora de se dedicar mais à família e rumou para França. “Na França encontrei um bom emprego, onde trabalhei por 28 anos, até me reformar. Durante esse tempo fui-me dedicando paralelamente à música. Formei um conjunto com um amigo chamado Mário Pop e, mais tarde, com Morgadinho”, o Les Flammes.

Por nove anos seguidos esse



António Ramos
(Toy D' Bibia)



Humberto Bettencourt
(Humbertona)

A morna é agora Património Imaterial da Humanidade, título atribuído pela UNESCO. Para chegar a este patamar, foram décadas de estrada, de gerações de músicos que ajudaram a espalhar este “som” cabo-verdiano pelos quatro cantos do mundo. Um ritmo complexo, mas que requer simplicidade, como defende o veterano Toy D' Bibia. E que vai continuar a unir gerações, como acredita Humbertona, e a prova-los são os nomes que vão surgindo, como Eliana Rosa ou Edson Oliveira...

Natalina Andrade

conjunto animou noites de grandes salas de espectáculos de Paris, um dos momentos da sua carreira que recorda com nostalgia. Toy só abandonou o Les Flammes

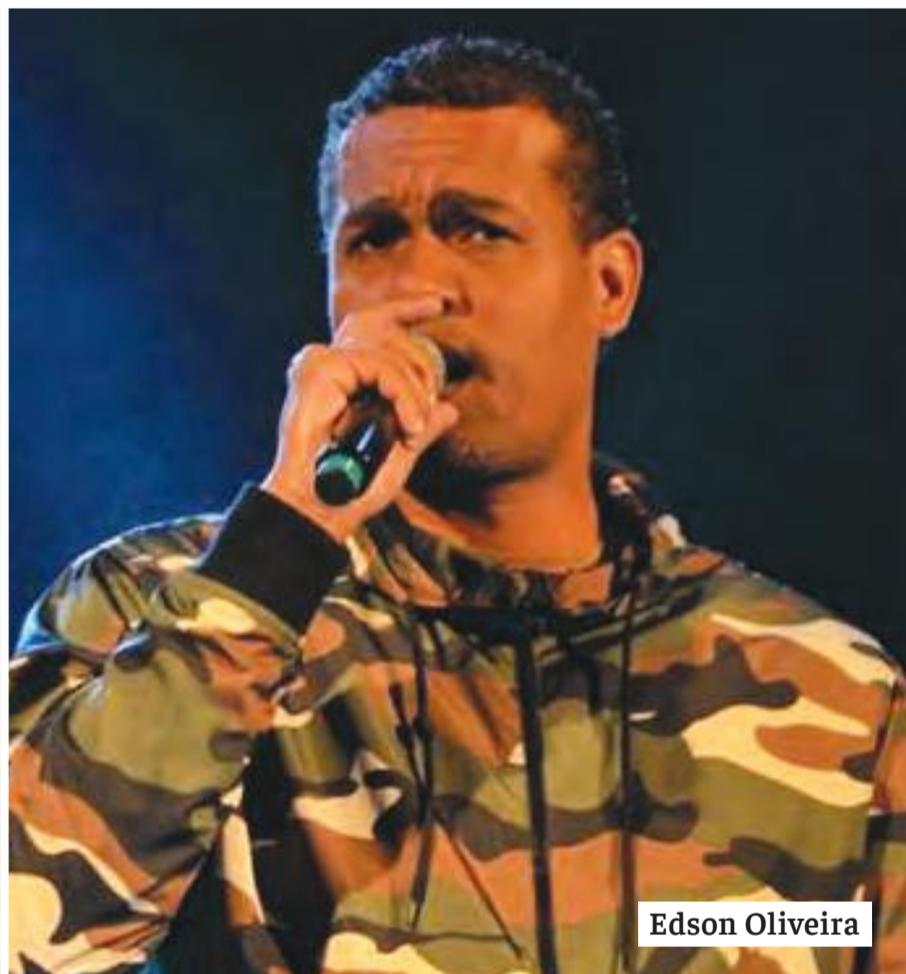
depois que começou a acompanhar a filha, Mariana Ramos, por mais dez anos, até decidir repousar os instrumentos, há cerca de seis anos. Além da viola, Toy D' Bibia tocou guitarra, violão e ainda fez coro em muitas músicas. “De todos os artistas que tive a oportunidade de acompanhar, para mim os melhores são Bana e Cesária Évora”, diz com orgulho.

Da nova geração, o entrevistado do A NAÇÃO fala com estima do músico Voginha, que diz, tem um sistema único de tocar. “O valor da morna está na simplicidade. Basta uma viola, um violão e um cavaquinho. Quanto mais simples, mais bonito. Cantado e tocado com sentimento. E Bana era um exemplo disso. Cantava a chorar, de tanto que sentia a melodia.”

une gerações



Eliana Rosa



Edson Oliveira

Da nova geração de músicos dos ritmos tradicionais de Cabo Verde, Toy D' Bibia destaca Bau, Kako Alves e Voginha. "São músicos que valorizam a morna e é uma grande honra vê-los a fazer este trabalho, sabendo que muitos se inspiram em mim." Quanto ao mais novo estatuto da morna, Toy diz-se "muito feliz" e orgulhoso por este reconhecimento que, segundo ele, não foi apanhado no chão. Foi conquistado.

Humbertona, lançado aos 11 anos

Para o músico Humberto Bettencourt, conhecido no meio como Humbertona, e que fez parte da Comissão de Honra da Candidatura da Morna a Património Imaterial da Humanidade, foi um processo longo e de árduo trabalho, que hoje desemboca em um misto de felicidade e orgulho. "A morna é um género musical muito bem consolidado, com mais de cem anos

de existência, portanto, este é o reconhecimento máximo que poderia e merecia ter."

Humbertona se lançou na música aos onze anos de idade. Na altura, conta, a morna era o ritmo mais tocado, seguido da coladeira. Diplomata de carreira, a música e, especialmente a morna, esteve sempre presente no seu percurso. Num conjunto de amigos, tocava em festas e bailes do Mindelo, até que se mudou para a Bélgica, onde fez parte de vários grupos, muitos radicados na Holanda. Conta com cerca de oito discos gravados, sete na Holanda e um em Portugal. Aquele que mais marcou a sua carreira, diz, foi "Sodade", gravado na Holanda, juntamente com Toy D' Bibia, guitarrista então do Voz de Cabo Verde.

Sem se dedicar inteiramente a uma carreira na música, Humbertona acompanhou ícones como Cize, Bana e Ildo Lobo. Nomes que considera grandes embaixadores da morna e de

Cabo Verde e através dos quais este género ficou conhecido no mundo. "Há quem diga que a geração mais nova não está valorizando a morna. Mas não me parece que seja assim porque encontramos gente a cantar morna em todas as idades. É certo que neste momento existem ritmos mais modernos e que mobilizam mais a juventude, como o zouk e ritmos angolanos. Mas eu não tenho medo que a morna venha a desaparecer porque a cada nova geração vemos nascer novos tocadores e intérpretes", considera.

Eliana Rosa, Edson...

A jovem Eliana Rosa cresceu com o gosto pela dança, teatro e canto. Aos 16 anos começou a frequentar e animar noites cabo-verdianas no Mindelo. "Obviamente, a morna era um dos géneros musicais interpretados e muito pedido nestas noites", recorda.

A morna, confessa esta entre-

vistada do A NAÇÃO, não é o seu ritmo de eleição, mas a interpreta com muito gosto. "Talvez porque ela faz parte da minha cultura, talvez porque eu gosto de ouvir ou porque é um género que mexe com os sentimentos." Ainda assim, esta jovem, que já foi vencedora do concurso de vozes Todo Mundo Canta, diz-se orgulhosa pelo feito que hoje este ritmo alcança. "A morna é algo que podemos chamar de nosso. E graças a artistas de renome que passaram e passam pelos palcos do mundo, a nossa cultura não morrerá."

Já o jovem Edson Oliveira, que canta nas noites do Mindelo desde 2002, conta que se aproximou da morna devido a convivência com músicos como Bau, Chico Serra e outros mais jovens como Djassa e Txenta. "A morna está dentro de mim, como acho que está e qualquer cabo-verdiano. Apenas em alguns mais do que noutros", considera. As suas grandes referências neste género passam por Bana, que classi-

fica como o expoente máximo da morna, na voz masculina, Cesária Évora, "que é inconfundível" e Tito Paris.

"Acho que todos gostamos da morna. Talvez muitos jovens artistas ainda não estão preparados para cantá-la, não é o momento deles para isso. Mas, futuramente, acredito que todos acabam por sentir e apreciar este ritmo" explica este artista, para quem a morna é uma música "muito madura".

"Por vezes os jovens estão vivendo momentos de mais euforia e precisam de ritmos, digamos, mais vivos. A prova disso é que a maioria dos grandes artistas da morna fizeram sucesso já em uma idade mais adulta. Porque o ritmo exige esta maturidade" explica.

O certo é que este rito continua a ecoar na voz e nos instrumentos, tanto de músicos de renome, como nos novos rebentos da música cabo-verdiana, como um estilo que identifica e permite alcançar a todos..

OPINIÃO



Celestino Almeida

Morna, antes de nascer já era património

Aproxima-se o Natal, período em que todas as pessoas aguardam a sua prenda pelo Pai Natal que normalmente entra nas nossas casas pela chaminé. Este ano, de 2019, todos os Cabo-Verdianos esperam ansiosamente a mesma prenda pelo Pai Natal UNESCO que não viajará pela chaminé, mas sim pela internet, trazendo-nos a aprovação do dossier.

Neste áureo momento da consagração da morna como Património da Humanidade, remeto-me à minha infância, lembrando momentos ainda vivos na minha memória em relação à Morna. Ouvia-se a cada canto e em cada casa uma voz cantando uma morna, como que cantando à porfia assim como

disse Sérgio Frusoni, mas a porfia não era com ninguém ou contra alguém, a porfia era com a adversidade e outras vezes até com a alegria, todos cantavam, daí em pensar que a MORNA nasceu com o cabo-verdiano que a utilizou em todas as circunstâncias, nos bons e nos maus momentos.

Na zona onde vivi a minha infância e adolescência, em São Vicente, a rua da Luz, tendo como vizinha a rua da Moeda, ambas desembocando na movimentada Praça Estrela que, por sua vez, tinha afluentes a Craca, Rua Murguine, Rua Muralham e a rua do Matadouro Velho, “quartel general” do B.LEZA.

Na Rua Murguine vivia a fa-

mília Nho Pitra, pai do Musa do Pitrinha, Duca e Luís Morais, família famosa no clarinete de sax; na rua Muralha, ao lado, encontrava-se o núcleo dos famosos do violão, Antãozinho, Miguel Patada e a bela voz do Lela de Maninha e o menino prodígio Longino e mais ao lado, ao despontar, a Titina, hoje grande cantora. Na Rua da Moeda a família João Chalinho, Adolfo, Armando, Eduardo e Djuta, exímia no dedilhar das cordas do seu violão como os irmãos. Em frente morava o garoto gigante Bana que estava permanentemente às voltas da casa de Nho Jom Chalinho por causa dos violões que já o atraíam. Pouco mais abaixo vivia Manim Estrela onde, aos fins da tarde, era o ponto de encontro dos tocadores de violão, algumas vezes improvisadas e bem assim dos negociantes de bordo, classe endinheirada na altura, que movimentavam o ambiente fornecendo negócios ao Manim Estrela. Nesse ambiente não faltavam jogos e boémia e a completar o vozeirão do Tchufe entoando a morna que ele preferia, Note de Mindelo, e o Bana sempre por aí rondando, atraído pelos sons da Morna, música que o levou a frequentar a Casa do B. Leza, onde se aperfeiçoou na interpretação da Morna que o viria a Imortalizar.

Ainda garoto antes de assumir a Morna e, por causa da sua estatura, Bana foi recrutado pelo Mindelense para o lugar de guarda-redes, mas o nosso Bana, coitado, não nasceu para tal. (Tão antigo como a Morna, aproveito para felicitar os responsáveis do Mindelense pelo centenário desse clube que tem na equipa a vitória e no peito o Leão Vencedor.)

Na Rua da Luz, dizia, onde durante muitos anos o Mindelense teve a sua sede, também encontramos a Morna na casa

de Nhô Mocho cujos filhos Beбето no violino, Didje no bandomolim e Lela apaixonado pelos discos, ambiente esse por onde passou a imortal Tututa no piano. Foi nessa casa onde eu ouvi uma gravação 78 rotações no típico gramofone entre outras mornas o Djindja cantava “Bô é linda oh Bininha”, isso nos anos 40.

Titina, vizinha do Mestre B. LEZA, bebeu dessa prodigiosa fonte e muito jovem cantando muito bem, pelas mãos do Ernesto Medina, estreou-se no Teatro do Castilho com interpretações fabulosas; além da morna, cantou, e quase certo, em dueto com o meu falecido irmão Cuda. Nesse mesmo espectáculo o menino prodígio Logino cantou e emocionou a plateia com a morna Rotcha Scribida.

Para a lista das “10 Mornas”, que foi solicitado pelo A NAÇÃO, escolhi as mornas cujos nomes vou indicar (ver lista), como podia ter escolhido outras tantas, algumas que marcaram a minha infância, como “Ná oh minino ná”, de Eugénio Tavares, cantada bastas vezes pela minha mãe e que me dava certa proteção por causa da expressão “sombra ruinho fugi di li”, pois na altura as crianças tinham muito medo por causa das histórias que nos contavam de Captona, Gongon, Canilinha e outras do nosso imaginário popular.

Com a consagração da Morna a Património da Humanidade cai sobre os nossos ombros a responsabilidade de conservar e divulgar a Morna com mais rigor das autoridades musicais, pois que a deturpação do conteúdo das letras é gritante.

Sugeria que antes do Artista gravar, deveria pesquisar, submeter essa pesquisa às Autoridades Musicais, e, não por comodismo, deixarem se guiar pelos erros cometidos pelos consagrados. Fica a sugestão.

“

Com a consagração da Morna a Património da Humanidade cai sobre os nossos ombros a responsabilidade de conservar e divulgar a Morna com mais rigor das autoridades musicais, pois que a deturpação do conteúdo das letras é gritante

”



Luiz Silva, em Paris

A morna e a emigração

A universalidade da morna está intimamente ligada à pluralidade dos seus temas e à dinâmica dos nossos emigrantes no quadro de um convívio directo com outras culturas. Um grande número de mornas, escutadas religiosamente na diáspora, surgiu na emigração. Dança-se a morna com passos lentos, num enlevo sonhador, mas também com requebros das influências do tango, do samba e do jazz nas colónias crioulas nos Estados Unidos da América. Os arranjos musicais da morna reflectem também essas influências, e, para um estudo profundo da morna, seria bom recorrer à tradição oral, ouvir as comunidades ou ainda seguir o modelo africano que se recorre aos «griots» para escrever a história.

Ignorar a relação entre a morna e a emigração reduz a sua universalidade desse nosso género musical. O encontro da morna com o jazz, o tango e o samba foi benéfico. B. Leza dizia que o samba também é nosso: antes de chegar ao Brasil, passou e parou aqui, em Cabo Verde. Temos excelentes intérpretes do samba, como Djosinha, Titina e Jorge Sousa, mas também grandes artistas do jazz, como o saxofonista Joe Gonçalves ou o pianista Horace Silver que têm continuação em Carmen Sousa. Mas tam-

bém há mornas, feitas na Argentina, com balanço do tango. A partir dos anos sessenta foi na Holanda que músicos e compositores como Frank Cavaquinho, Luís Morais, Morgadinho, Manuel d' Novas fizeram a sua evolução musical.

Neste processo não se pode ignorar ainda a presença inglesa em São Vicente com uma elite muito culta tanto ao nível do desporto como das artes. Os ingleses fizeram uma colonização diferente da dos portugueses: mandaram para as colónias pessoas de alta formação para justificar o direito de impor os seus valores culturais e civilizacionais aos povos sob o seu domínio. Em São Vicente, possuíam o seu próprio cinema, no Telegrafo, onde trabalhavam alguns músicos, como Djack do Carmo, autor da música Flor Formosa, gravada pelo Voz de Cabo Verde ou por Travadinha.

A existência de dois cinemas no Mindelo, a começar pelo Eden Park, criado em 1922 pela família Marques da Silva, e o Park Mira Mar, a partir dos anos 1950, deram uma contribuição igualmente importante à cultura musical cabo-verdiana e, acima de tudo, a mindelense. O Eden Park esteve sempre disponível para outras actividades culturais e desportivas, como saraus, concertos, teatro, boxe, por exemplo. Os filhos de César Marques (Lulu Marques, Djosa Marques e Tony Marques), recentemente condecorados, a título póstumo, pelo Presidente da República, Jorge Carlos Fonseca, se revelaram excelentes músicos. Fundaram o conjunto Ritmos Caboverdianos, associando Chico Serra, que mais tarde é recrutado pela Voz de Cabo Verde, mas também Humbertona, Djack de Felícia e o vocalista Longino, tendo mesmo gravado um disco de 45 tours em Portugal e organizado algumas tournées pela Guiné, Senegal e Portugal.

A formação da juventude mindelense muito se deve, pois, àqueles dois cinemas que desaparecem com a independência devido à política centralista e ditatorial do PAIGC/CV. O encerramento do Eden Park, por falta de apoios do Estado e do Município, foi o prenúncio da morte da cultura no Mindelo. Hoje a nossa cidade, devi-

do à incúria da Câmara Municipal e do Governo, não possui um único cinema a testemunhar do seu passado claridoso.

É justo aqui assinalar a importância do professor José Reis (20/3/1895-16/10/1966), na formação musical dos jovens mindelenses. Natural da Guiné, filho de pais caboverdianos, chegou a São Vicente em 1929, depois de estudos em conservatórias portuguesas e italianas. Começou por abrir uma escola de música na qual ensinava piano, violino, violoncelo, passando depois a exercer as funções de regente da Banda Municipal do Mindelo e, por fim, as de professor de Canto Coral no Liceu Gil Eanes e na Escola Técnica. A maioria dos grandes músicos cabo-verdianos passou pela sua escola, tais como Jorge Monteiro (Jotamont), regente da Banda Municipal da Praia e depois de São Vicente, Manuel Santiago, Mané Raquinta, Pitriinha, o autor da morna Traição de Dakar, e que emigrou para a Argentina, Morgadinho, Duca de Nho Pitra, Luís Morais, Manuel Tidjena, Lourenço Lopes, Djosinha de Bernarda e outros. Reis chegou a dar concertos no Cinema Eden Park em que o público podia aplaudir a execução de obras de Bach, Beethoven, Chopin, Schubert, Haydn, Strauss e outros.

Para uma melhor justiça não se pode esquecer também o papel da Igreja Salesiana, onde se formou o Paulino Vieira, um dos maiores músicos caboverdianos de todos os tempos, que dirigiu artistas como Bana, Cesária Évora, Titina, Dulce Matias, Celina Pereira, Dudu Araújo e formou uma nova geração de músicos como Tito Paris e outros.

Também se pode fazer referência à contribuição no plano musical dos racionalistas cristãos vindos do Brasil. É o caso do emigrante Augusto Messias de Burgo, um dos introdutores do racionalismo Cristão em Cabo Verde, músico de alta qualidade, que publicou nos anos trinta, em São Paulo – Brasil, o livro Música e músicos, enquanto que o cónego Teixeira, excomulgado pelo Papa, no ano de 1912, por se declarar espírita, foi professor de música e defensor da língua materna caboverdiana.

Após a Independência surge uma nova geração de compositores da qual se destaca Manuel d' Novas com novos temas que vão do amor à emigração pela qual pede um pouco de justiça: neto do grande compositor santantonense Jacinto Estrela, autor de lindas mornas e que musicou textos de António Caldeira Marques e Gabriel Mariano, inspirando-se do binómio «si tchuva bem morrê fogode // si tchuva ca bem morrê di fome».

Escolher dez mornas entre as centenas, ou até milhares que existem, escritas pelos emigrantes e sobre a temática de emigração, é um exercício muito difícil. Por respeito pelos mais velhos, deixei de lado compositores como o Teófilo Chantre e a sua morna Caboverdiano Emigrante, o Jovino dos Santos e o seu álbum Ex-ilhas, o Eça Monteiro, o Betú e a célebre morna Manu, o Catchass, que foi emigrante em França e modernizou o batuco de Santiago, o Norberto Tavares, o malgrado Djoia autor da morna Súplica, o cantor Eça Monteiro, o violinista Júlio Thomas, os guitarristas José Thomas e irmão, o César David, Damião Mathias, John Euclides e outros.

As viagens mudam os homens. É o caso de Manuel d' Novas, marítimo e emigrante na Holanda, graças aos contactos com outros povos e civilizações, se distinguiu ao abordar os grandes temas da sociedade caboverdiana. A emigração foi e será sempre uma resposta política e, no caso caboverdiano, a morna a sua expressão maior. É por isso que sempre temos solicitado um projecto cultural para as diásporas sem a qual a nossa caboverdianidade pode estar em perigo.

As editoras de livros e discos da Terra Longe, na Holanda, Portugal e França, tiveram um papel igualmente importante na promoção e divulgação da nossa cultura. Bana, para além de maior cantor de mornas de todos os tempos, foi também editor. A Morabeza Records, de Djunga de Biluca, a primeira a editar a Voz de Cabo Verde, Humbertona e outros, marcou a história cultural de Cabo Verde. Por isto este meu público reconhecimento.

Caboverdianamente
Paris, 28/11/2019

“

Para uma melhor justiça não se pode esquecer também o papel da Igreja Salesiana, onde se formou o Paulino Vieira, um dos maiores músicos caboverdianos de todos os tempos, que dirigiu artistas como Bana, Cesária Évora, Titina, Dulce Matias, Celina Pereira, Dudu Araújo e formou uma nova geração de músicos como Tito Paris e outros

”

MEMÓRIAS

Djunga de Biluca e Morabeza Records

“Cumprir a minha missão”

Hoje, aos noventa anos, feitos em Fevereiro, afastado das lides musicais e políticas, Djunga de Biluca é, pois, o primeiro mais importante produtor musical cabo-verdiano e a Morabeza Records a primeira grande marca de discos criada por um filho de Cabo Verde. Do seu acervo constam “clássicos” como “Boas Festas”, de Luís Morais, “Nha terra”, de Bana, entre vários outros álbuns, num total acima de 40 Long Plays (LP).

A partir da Holanda, os discos da Morabeza Records correram o mundo. Onde quer que houvesse cabo-verdianos rara era a família que não tivesse um disco de Bana, Luís Morais, Voz de Cabo Verde, com o selo daquela marca e, assim, a música cabo-verdiana registou aquela que acabou por ser, na história, a sua primeira grande tentativa de internacionalização.

Natural de São Vicente, antigo marinheiro mercante, Djunga de Biluca foi dos primeiros cabo-verdianos a chegar à Holanda, primeiramente em 1948 e depois em 1958, quando consegue finalmente estabelecer-se nesse país europeu como operário.

Ali casou (com uma holandesa), trabalhou em várias actividades, tornando-se no produtor de vários artistas seus conterrâneos, uma tarefa que até então não lhe havia passado pela cabeça fazer. Os primeiros discos saíram com a chancela da Casa Silva.

Como tudo que é novo, a tarefa de produzir os artistas e depois os discos estava longe de ser fácil, tendo em conta as restrições de circulação que na época existiam entre os países europeus. Os con-

tratos com os músicos eram precários e sazonais e, além dos salários, era preciso alojá-los, alimentá-los e até vesti-los.

E, como o próprio relata no seu livro, “De Ribeira Bote a Rotterdam”, e numa altura em que a comunidade cabo-verdiana na Holanda era já expressiva, constituindo o mais importante núcleo crioulo na Europa (não tinha havido ainda a grande emigração para Portugal), Amílcar Cabral e Abílio Duarte é que o incumbem de divulgar a cultura, como meio de mobilização política dos patrícios radicados na Holanda, com vista à independência do arquipélago natal.

“O primeiro disco produzido por mim foi ‘Cabo-verdianos na Holanda’, do Tazinho, sem voz, apenas instrumental, não trazia ainda a etiqueta da Morabeza Records, isso aparece depois”, conta Djunga de Biluca ao A NAÇÃO, via telefone, hoje, a caminhar para os noventa anos de idade. Tirando as dores do corpo, como diz, a memória mantém-se lúcida.

Um outro elemento fundamental no projecto musical foi Frank Cavaquim, que, além de

Na história da internacionalização da música cabo-verdiana, João Silva, mais conhecido por Djunga de Biluca, ocupa um lugar único. Foi através da Morabeza Records, chancela discográfica por ele criada na Holanda, nos anos de 1960, que o lendário Voz de Cabo Verde e o cantor Bana, mas também outros artistas (Tazinho, Humbertona, Chico Serra, Djosinha, Frank Cavaquinho, Mário Pop..., e até o angolano Bonga, de ‘Angola 72’, ‘Angola 74’ e ‘Raízes’) se tornaram célebres para lá dos limites estreitos de Cabo Verde.

José Vicente Lopes

cavaquinho, tocava bateria e outros instrumentos. Como Djunga, Frank estava também a viver na Holanda. É dele, como diz, a ideia de mandar buscar de Dakar, onde viviam e trabalhavam, Luís Morais, Morgadinho, Jean da Lomba, e outros “rapazes” que haveriam de constituir o “Voz de Cabo Verde”.

No primeiro disco, “Nha Terra”, o grupo ainda se chama “Verdianos”. A denominação Voz de Cabo Verde aparece, pela primeira vez, no disco “Boas Festas”, de Luís Morais.

Feitos em vinil, os LP eram praticamente divididos a meias, metade mornas e outra metade coladeiras, normalmente de forma alternada. Por causa disso, mas sobretudo por causa da voz imponente de Bana, este é um dos períodos áureos da morna, mas também da coladeira.

Em Portugal, ainda que timidamente, pouco a pouco, a Valentim de Carvalho e outras editoras foram abrindo as portas para alguns dos cantores cabo-verdianos - casos de Fernando Quejas, Marino Silva, Mário de Melo e, na voz feminina, Titina - Cesária aparecerá depois, gravando

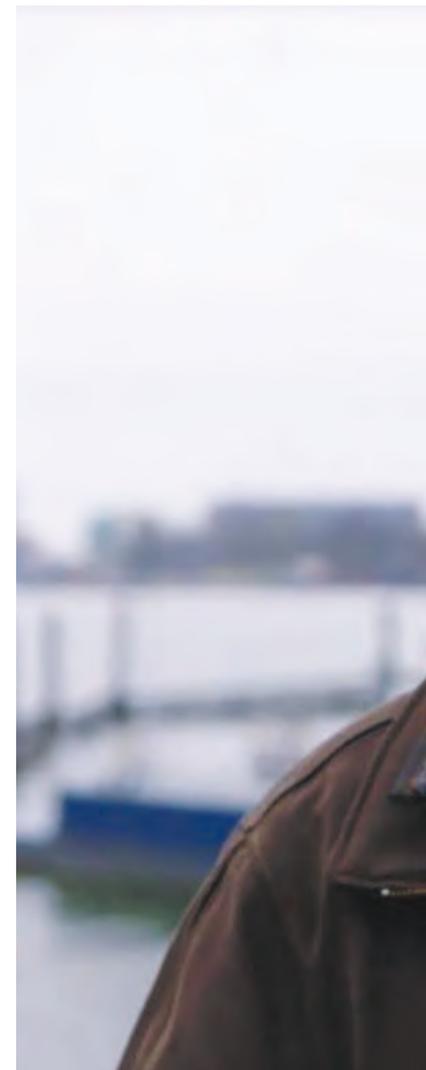
em Cabo Verde, através da Casa do Leão ou então da Rádio Barlavento.

Mais do que fazer fortuna com a música - “eu tinha outro modo de vida”, ressalva Djunga de Biluca ao A NAÇÃO -, a Morabeza Records foi acima de tudo um trabalho de militância nacionalista.

Conhecendo a miséria que era Cabo Verde, já que oriundo de uma família modesta, da Ribeira Bote, ilha de São Vicente, Djunga foi dos primeiros cabo-verdianos, na Holanda, a abraçar a luta pela independência lançada pelo PAIGC, tendo por isso privado muito de perto com Olívio Pires, Abílio Duarte, entre outros nacionalistas.

Sempre que Amílcar Cabral ia a Holanda, Djunga era um dos seus “suportes”. Além dos discos, havia também o boletim “Nôs vida”, da Associação Cabo-verdiana, também ela apoiante do PAIGC.

“O Amílcar Cabral insistia sempre comigo para continuar a fazer este trabalho, porque, para ele, a cultura era fundamental. Eu, quando fui mobilizado, ainda cheguei a pensar que iria para a Guiné, juntamente com os outros



rapazes. Mas o Amílcar tratou logo de me deixar saber que precisava de mim na Holanda, a Cultura seria a minha frente de combate, e foi o que tratei de fazer”.

Tanto assim que, dos vários discos gravados com a ajuda de Djunga de Biluca constam os dois LP do PAIGC, “Protesto e Luta”, utilizados por esse partido na mobilização de novos aderentes.

O angolano Bonga grava também, pela Morabeza Records, mas os seus três primeiros discos (Angola, 72, Angola 74 e Raízes) cujo acesso ao seu país natal só acontece depois do 25 de Abril, dado o seu teor político-revolucionário.

“Por eu estar referenciado pela PIDE, alguns dos discos da Morabeza Records, que essa polícia sabia ser minha propriedade, só podiam circular em Cabo Verde sem a capa. Mesmo assim, isso não impediu o sucesso do nosso trabalho, apesar dos prejuízos financeiros que essa perseguição nos causava”.

Ao todo foram mais de 40 LP e dezenas de EP ou singles, quase todos com artistas cabo-verdianos. Bana, Luís Morais, Djosinha, numa palavra, Voz de Cabo Verde, constituem, ainda hoje, os nomes mais sonantes do acervo da Morabeza Records, um acervo que Djunga de Biluca diz ter doa-



do à Holanda, com a condição de ser também de Cabo Verde.

“Dada a importância desse espólio, era importante dar-lhe um destino, tendo em conta que várias das bobines corriam o ris-

co de se deteriorar ou até mesmo danificar. A Holanda sabe da importância desse material, e foi com grande satisfação que a doação foi aceite, e é pena que em Cabo Verde não haja a mesma

preocupação. A entidade a quem disponibilizamos esse material na Holanda procurou a colaboração de Cabo Verde, mas infelizmente não teve o acolhimento que esperava. É com muita pena

que digo isso, porque o acervo é de Cabo Verde, porque se trata da música cabo-verdiana, e também da Holanda, porque este país nos acolheu e aqui pudemos realizar o trabalho que fizemos”.

Aliás, na candidatura da Morna à Património da Humanidade, Djunga de Biluca diz esperar que os responsáveis cabo-verdianos tenham procurado o envolvimento da Holanda.

“O papel da Holanda na internacionalização da morna, ou da música cabo-verdiana no seu todo, é inegável”, defende.

Aliás, ainda hoje a Holanda é um importante centro de produção de música cabo-verdiana, agora a cargo de outras gerações, mas tudo começou com a Morabeza Records, “num período extremamente difícil em que éramos completamente desconhecidos”, diz Djunga de Biluca.

Apesar do sucesso, a Morabeza Records acabou por fechar as portas na segunda metade dos anos setenta. Houve, mais recentemente, uma tentativa de ressuscitar a marca, reeditando e produzindo novos álbuns, mas foi sol de pouca dura.

“Hora dja tchiga”, de Frank Mimita, “Raízes”, de Bonga, entre outros, foram praticamente os últimos discos da Morabeza Records.

“Com a independência de Cabo Verde, passei a trabalhar no Consulado e com isso a minha vida mudou completamente”, confessa Djunga de Biluca.

“As preocupações tornaram-se outras, havia outras prioridades, o trabalho que era preciso fazer com a nossa gente a nível do Consulado. Entretanto, várias gravadoras passaram a trabalhar com artistas cabo-verdianos. Portugal, ao contrário do passado, tornou-se num importante centro de produção da nossa música, em grande parte porque se aperceberam do sucesso da Morabeza Records”.

E agora que Morna se tornou património da humanidade, Djunga de Biluca diz-se “maravilhado” com esse feito.

“Para mim é uma maravilha saber que a morna chegou aonde chegou. Pessoalmente, tenho uma grande satisfação por eu ter feito o que fiz, cumpri a minha missão, e isso basta-me”.

Por onde andaré Jay Denson?

Nas suas andanças pelos estúdios de gravação, na Holanda, Djunga de Biluca acabou por conhecer e privar com Jay Denson, um jovem inglês, músico e engenheiro de som, com quem acabaria por produzir o LP Morna Nobo (1976).

Era uma altura em que as grandes orquestras de música ligeira tinham um público cativo na indústria fonográfica, sobretudo na Europa, sendo as mais famosas a de Frank Pourcel (França), James Last (Inglaterra) e Fausto Papeti (Itália), por exemplo.

Denson, do convívio com Djunga de Biluca, acabou por se interessar pela música cabo-verdiana, gravando aqueles LP pela Morabeza Records. Era a primeira vez, na história, que a música cabo-verdiana era vertida para o género “música ambiente”.

“O Denson era um jovem prodígio”, lembra Djunga de Biluca. “Como

dizemos em crioulo, um buldonhe. Além de engenheiro de som, ele tocava vários instrumentos. Normalmente gravávamos em 16 pistas, em cada pista ele tocava um instrumento, que depois misturava; para os violinos e para os instrumentos de sopro (clarinete, trompete...), ele recorreu a um grupo de profissionais da orquestra de uma cidade holandesa, perto de Roterdão, e para o coro a um grupo de jovens europeias.

Do nosso convívio, fui eu que lhe fui apresentando as músicas, traduzindo-as para ele saber o significado, também fui eu que estive a treinar o coro das jovens que ele arranjou; o nome do disco ‘Morna Nobo’ foi dado por mim”.

Divertido com a evocação, de todo inesperada para ele, Djunga confessa: “Foi dos discos mais baratos que produzi. Depois de tudo pronto, quando o Denson me apresentou o orçamento, eu até lhe per-

guntei: ‘Não te enganaste nas contas?’ Ou seja, ele não estava a fazer aquilo por dinheiro, era um fulano muito bem da vida, engenheiro de som, da Philips, dos mais requisitados. Apaixonou-se pela nossa música e fez aquele disco, que ainda hoje é uma preciosidade, quanto mais não seja, por ser um caso único, o que deve encher qualquer cabo-verdiano de orgulho”.

O que é feito de Denson? “Infelizmente perdi-o de vista, porque, entretanto, afastei-me do mundo das gravações”, responde Djunga de Biluca.

“É possível que ele tenha regressado à Inglaterra, já nem sei se está vivo ou não. O Denson era um fulano extraordinário, um músico especial”, conclui.

A NAÇÃO encontrou Jay Denson, a viver no seu país, Inglaterra, como damos conta nas páginas 22 e 23.



MEMÓRIAS

Jay Denson, o inglês que incorporou os



Jay Denson é um inglês de Merseyside, Inglaterra, que incorporou, pela primeira vez, a música cabo-verdiana à forma de orquestra ligeira, dando lugar ao LP “Morna Nobo”. Gravado no Studio Frans Peters, em Hilversum, Holanda, e editado em 1976 pela Morabeza Records, esta foi também a única experiência deste multi-instrumentista de jazz com a música de Cabo Verde. Longe de entender crioulo, Denson confessa que se rendeu de imediato ao “calor” da Morna e o processo criativo fluiu. De vez em quando, ainda escuta “Morna Nobo” e vem-lhe à memória os “momentos agradáveis” das sessões de gravação.

Gisela Coelho

Para a maioria dos leitores e até, certamente, para aqueles que se consideram “eruditos” da música tradicional de Cabo Verde, Jay Denson será, provavelmente, um ilustre desconhecido. Quando muito se lembrarão vagamente de mornas como “Morna Nobo”, “Traíçoira di Dakar”, “Ninho magoado”, entre outras, interpretadas de forma instrumental por uma orquestra. Sim, é de Jay Denson que estamos a falar.

A história deste inglês e da relação com a música destas ilhas é aquilo a que se pode chamar de efêmera, mas intensa, e resume-se à Morna. Desse “encontro” resultou um disco, hoje raro, “Morna Nobo” – um LP (Long Play), edi-

tado em 1976, pela Morabeza Records, na Holanda.

Mas, para conhecer essa ligação, foi preciso primeiro encontrar, literalmente, Jay Denson, um homem muito reservado, o que não foi tarefa fácil. Djunga de Biluca, com quem trabalhou, diz que lhe perdeu o rasto, não sabendo se está vivo ou morto (ver páginas M21-M22).

Mas, depois de várias pesquisas, persistência e com a ajuda das novas tecnologias, lá conseguimos localizá-lo no seu país, Inglaterra, e fazê-lo recuar no tempo e no espaço para nos revelar os momentos que ainda guarda na memória sobre a gravação do “Morna Nobo”.

Jay Denson vive actualmente

em Charlbury, no norte de Oxford, a partir de onde foi recordando o tempo em que gravou “Morna Nobo”.

Hoje com 75 anos, lembra que, na altura das gravações, “1975”, trabalhava como engenheiro de som no Studio Frans Peters, em Hilversum, Holanda, quando conheceu “Djunga de Biluca”, “Mr da Silva”, como se lembra dele, e a quem descreve como um “gentleman” (um cavalheiro), com quem se dava “muito bem”.

“Eu trabalhava como engenheiro de som num estúdio na Holanda. O dono da Morabeza Records, o senhor da Silva, já tinha estado no estúdio, várias vezes, para gravar discos, antes de eu trabalhar lá.

sons de “orquestra” ao “Morna Nobo”

Quem é Jay Denson?

Nascido na localidade de Santa Helena, no Condado de Merseyside, Inglaterra, em 1944, Jay Denson é um multi-instrumentista, filho de um investigador de física e de uma secretária de uma escola secundária de reparigas. Tinha cinco anos quando começou a ter aulas de piano e aos 11 já apreciava Jazz e começou também a tocar guitarra.

Como confidenciou ao A NAÇÃO, curiosamente, quando tinha 16 anos juntou-se a uma banda de rock local, os “Zephyrs”, onde tocava baixo e aos 17 trocou o baixo pela guitarra. Fã dos Beatles, numa das fotos que nos forneceu é possível vê-lo “fantasiado” de John Lennon, muito parecidos um com o outro.

Mas as mudanças na vida musical de Jay Denson não se ficavam por aqui, pois gostava de experimentar vários instrumentos. E, aos 19 decide trocar a guitarra por um órgão. “Desde então nunca mais toquei guitarra”.

Ao longo da sua vasta carreira foi no órgão e no piano que Denson se

foi destacando no mundo do Jazz. Hoje não tem dúvidas que o órgão é o seu instrumento de eleição.

“Prefiro o órgão porque sou bom nisso e sou muito menos bom no piano”. Curiosamente, em algumas pesquisas na internet, o seu nome aparece associado ao disco “Coladera Pop”, de 1976, do qual esclarece não ser produtor, mas onde consta, de facto, uma ou mais faixas com arranjos seus, caso de “Vrá Tchif”, que não chegou a ser incluída no Morna Nobo.

Jay Denson assume-se como um artista de Jazz, o género que lhe preenche e atrai “em todas as suas formas”, a vários níveis: “espiritual, emocional e intelectual”. “A capacidade de improvisar é altamente satisfatória”, revela.

Dá música de Cabo Verde só conhece literalmente a Morna e o LP “Morna Nobo”. Da diva da morna, Cesária Évora, diz que nunca ouviu falar, a não ser quando confrontado pelo A NAÇÃO.

“Procurei por ela no Youtube.

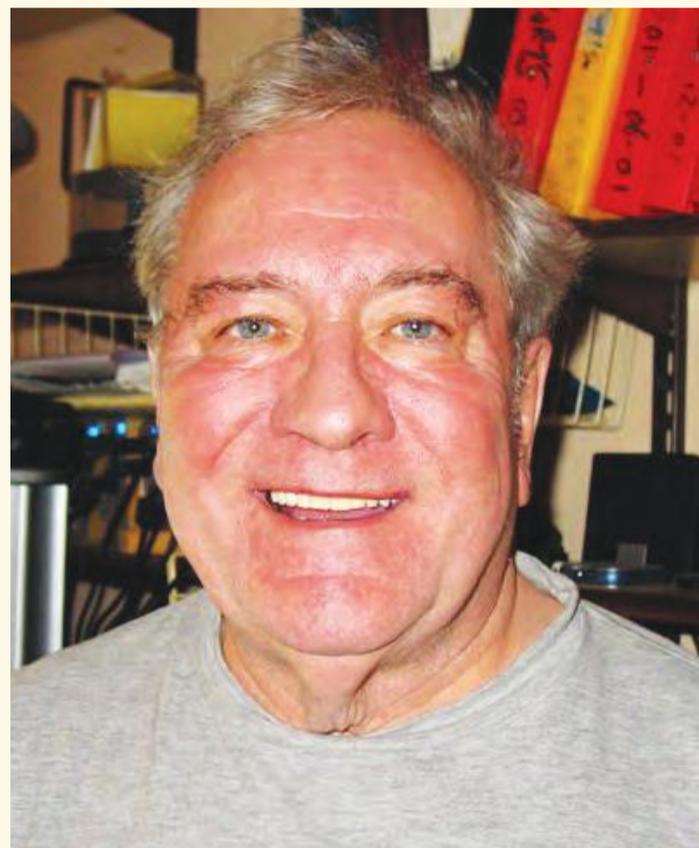
É uma ótima cantora. Vou ouvir mais coisas dela no futuro...”, garantiu. Já quando o nome é Horace Silver, o pai do “hard bop” a história é outra.

“Estou muito familiarizado com a música de Horace Silver, tenho um vídeo a tocar a sua música Doodlin no Youtube. Claro que sei da origem cabo-verdiana dele!”

Apesar de não saber muito sobre Cabo Verde, não esconde que gostaria de “um dia” conhecer as “ilhas da Morna”, se a idade o permitir.

“Estou a ficar um pouco velho para viajar com 75 anos...”. Já na reforma e afastado dos palcos, Denson conta que o seu hobbie é compor música no seu MAC, com recurso ao Logic Pro.

“Receio que já não estou sintonizado com a música pop de hoje em dia. Deixo isso para as gerações mais novas”, concluiu, deixando entender que na família a música é algo de muito pessoal, pois nem os seus três filhos, nem os seus seis netos estão ligados à música. GC



Na altura, pediam-me muitas vezes para fazer arranjos de cordas para os discos. E fui destacado, também, para fazer os arranjos de cordas, para adicionar a umas faixas (de música), que o cliente (senhor da Silva) tinha trazido. O resultado foi o LP Morna Nobo”, relembra.

E foi assim que juntou um grupo de músicos, com vários sopros, violinos e outros instrumentos, que até então não eram conhecidos, pelo menos em gravações da época da música de Cabo Verde, formando aquilo a que na altura se poderia considerar uma “orquestra”, em sessões lideradas por Benny Behr.

“Calor” da Morna

Para o processo criativo Denson deixou-se levar pelo “calor” da Morna, pois não percebia nada da letra das composições, embora, Djunga de Biluca fosse fazendo

as traduções para que ele tentasse sentir o espírito da mensagem.

“A música falou imediatamente comigo, apesar de não perceber as letras. O produtor (senhor da Silva) traduziu-as gentilmente, para que os arranjos encaixassem perfeitamente em cada peça (música). Como a música (Morna) me atraiu muito, achei a experiência muito agradável, interessante e gratificante. Gosto de pensar que a combinação de arranjos ocidentais de cordas e a Morna foi um casamento feliz”, explica.

Mesmo tendo sido uma experiência única, o trabalho deixou marcas pela genuidade da Morna enquanto género musical. Tanto assim que, para alguns entendidos, “Morna Nobo” é um disco único na discografia cabo-verdiana.

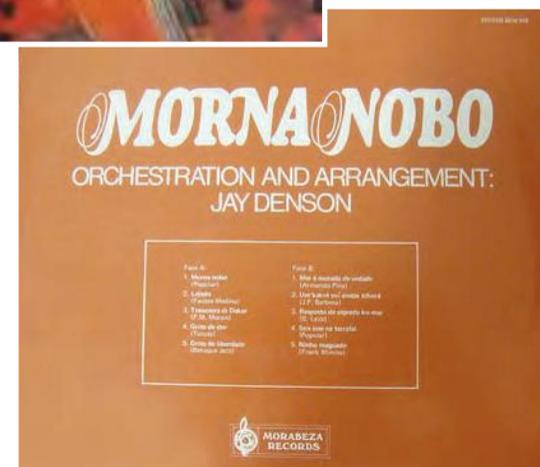
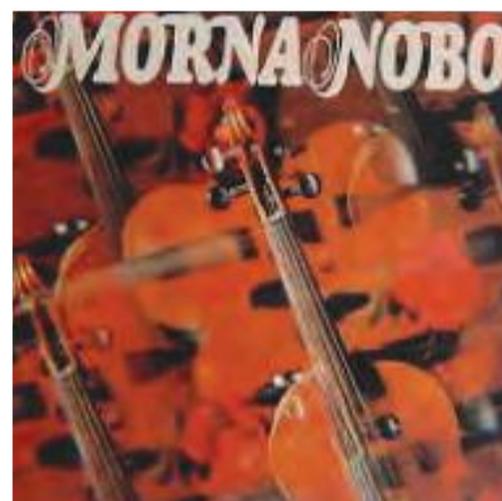
“O ‘Morna Nobo’ foi um das centenas de projectos que fiz ao longo da minha carreira, mas é um daqueles que me recordo de-

vido à beleza inacta da Morna”.

Olhando para trás, Denson não tem dúvidas de que o valor da Morna está no “calor” que transmite e no “sentimento de nostalgia”. “É um pouco semelhante ao fado, de Portugal”.

Hoje, quando de vez em quando, põe a rodar “Morna Lobo”, saltam-lhe à mente as “agradáveis memórias” que guarda da época de gravações, as conversas com Djunga de Biluca... “Não só porque o produtor (senhor da Silva) era um grande cavalheiro, mas porque também, como cliente, mostrou ter ficado muito satisfeito com o nosso trabalho”.

Denson mostra-se, inclusive, “surpreendido” e ao mesmo tempo “honrado” por A NAÇÃO se ter lembrado dele numa altura em que a Morna é consagrada como Património Mundial da Humanidade. “Foi uma surpresa maravilhosa”, finaliza, “não estava à espera”. 



DIVULGAÇÃO

A Sociedade Cabo-Verdiana de Autores (SOCA) vai promover, no próximo dia 1 de Fevereiro, uma Grande Gala, Jovens Cantam Morna. Para além disso, está a preparar, também, uma outra Grande Gala para homenagear dois grandes músicos cabo-verdianos, no quadro da comemoração do seu 15 de existência, que vai contar também com uma Grande Exposição de Artes Plásticas. Entre outras acções, Daniel Spínola, Presidente da SOCA, anuncia, igualmente, para breve, a inauguração de Espaços de Formações artísticas: Música, Artes Plásticas e Dança, bem como um espaço musical e artístico, que terá uma programação mensal de convívio cultural.

Que balanço apresenta da caminhada da SOCA?

Presidente da SOCA, Daniel Spínola – Digo, com firmeza, que nós temos trilhado o caminho da verdade, ao longo do nosso percurso, lutando contra as mentiras construídas e as armadilhas despoletadas para nos derrubar. E temos mostrado a verdade das coisas escamoteadas, ou que foram remetidas para o limbo e que, muitas vezes, ficam ocultas nas neblinas.

Em termos concretos, que acções apresenta?

É o caso da nossa Grande Gala de Homenagem à Titina Rodrigues. É o caso da nossa Grande Gala de Homenagem a Zezé e Zeca di Nha Reinalda. Figuras ímpares e tutelares da nossa música e cultura que durante muito tempo ficaram olvidadas e, quase abandonadas, num canto da memória das nossas gentes e, principalmente, dos nossos médias e dos decisores e promotores da cultura que, sistematicamente, se têm esquecido de as pôr no centro das atividades a que naturalmente, são pertences, recusando trazê-las à ribalta, e ao convívio de todos.

É o caso de um número da revista SOCA Magazine, com o destaque, à laia de Homenagem, à nossa Diva e Musa da música, a simplesmente maravilhosa e espetacular Gardénia Benrós, não só pela sua performance no palco, como, também, pelo seu encanto e talento no canto.

O que esteve na base da Homenagem a Titina?

É sempre de justiça lembrarmos desta nossa intérprete, ela também Rainha na interpretação das mornas e das coladeiras, quisemos destacá-la bem através de uma Homenagem nos Estados Unidos da América (EUA), com o lançamento desta revista.

Que outras actividades culturais lista?

Temos a salientar a inauguração, no dia 19 de fevereiro, da sua Galeria de Arte, assinando o seu 14º

aniversário; o lançamento de 3 números da Revista SOCA Magazine: um em Homenagem à grande artista Titina Rodrigues, outro com destaque e homenagem a Gardénia Benrós – que foi lançado nos EUA, que tem, também, em destaque, a Gala em Homenagem a Zezé e Zeca di Nha Reinalda, e um terceiro com uma compilação dos oito números saídos.

O Programa da Semana de Arte Integrada, que se realiza todos os anos para assinalar o 18 de outubro, Dia Nacional da Cultura e das Comunidades, também foi bem delineado, com lançamentos de livros e tertúlias literárias.

Para além disso, organizámos uma semana de arte integrada, com uma exposição coletiva de pintura na Associação Cabo-Verdiana de Lisboa, onde se fez também uma mini-feira de livros e o lançamento do livro *Geminações*, de José Luís Hopffer editado pela SOCA, de entre outras atividades culturais.

Comemorámos, também, o Dia Mundial da Poesia e da Árvore, que foi em parceria com a Câmara Municipal da Ribeira Grande de Santiago, a Academia Cabo-Verdiana Letras e a Associação de Escritores Cabo-Verdianos...

Mais de cinco mil contos em Direitos Autorais

E em termos editoriais?

Entre várias, temos a salientar a edição do livro “Tututa composições” e do livro “Espermas de Sol”, de António Silva Roque, encontrando-se no prelo a obra “Memórias Poéticas”, de Celina Lizardo, um livro de composições musicais de Jorge Tavares e um com compilação de músicas de Daniel Rendall.

O que mais têm em pauta para os próximos tempos?

Está, também, para breve, a inauguração de Espaços de Formação artística: Música, Artes Plásticas e Dança, bem como um espaço musi-

SOCA vai promover Grande C



Daniel Spínola - Presidente da Sociedade Cabo-Verdiana de Autores (SOCA)

cal e artístico, que terá uma programação mensal de convívio cultural.

Mas, mais, a SOCA fez, em 3 de março de 2018, na Grande Gala de Homenagem a Titina Rodrigues, a primeira distribuição, inédita e histórica em Cabo Verde, de direitos arrecadados, a cerca de 28 autores e artistas musicais, a partir do montante recebido da BINTER, no valor de 1.100.000\$00.

Tendo disponibilizado 20% desse direito arrecadado para o seu funcionamento, ficou 80%, no valor de 880.000\$00 (Oitocentos e oitenta mil escudos), dos quais disponibilizou 800.000\$00 para distribuir aos respetivos detentores de direitos, tendo ficado 80.000\$00 para distribuir a alguns detentores de direitos, utilizados pontualmente.

Distribuiu, ainda, 1.700.000\$00 a 17 escritores, cabendo a cada um a quantia de 100.000\$00, e 1.300.000\$00, a 13 pintores, cabendo, também, a cada um, a quantia de 100.000\$00.

Até este momento, a SOCA disponibilizou cerca de 7.000.000\$00 para distribuição, tendo já distribuído cerca de 5.000.000\$00, a mais

de 50 autores e artistas.

Este ano, para além de uma homenagem aos músicos e intérpretes Zezé e Zezé di Nha Reinalda, fez, também, a distribuição dos Direitos da Cópia Privada a cerca de 20 músicos e artistas. Ao todo, foram cerca de 2.000.000\$00 distribuídos, cabendo a cada um cerca de 80.000\$00...

Ano 2020 promissor

...e para o ano que vem?

Estamos a programar, para o próximo ano, a distribuição dos Direitos Autorais, arrecadados na BINTER, pelo uso de música nos seus voos em 2019. Serão contemplados outros autores e artistas.

Finalmente, a concluir, é de se assinalar aqui, vários pontos importantíssimos, de entre vários outros que estiveram na ordem do dia da SOCA: o Protocolo de Parceria com a Vicentina – Associação do Algarve para o Desenvolvimento do Sudoeste, o qual estabelece um acordo de apoio e de desenvolvimento de atividades culturais; a parceria com a Universidade Lusófona para forma-

ção na área dos direitos autorais e o recente Acordo de Reciprocidade que assinou com a Sociedade Guineense de Autores.

Como está o processo de cobrança e distribuição dos direitos autorais e artísticos?

Ainda este ano, retomamos todo o processo de cobrança iniciado em 2010, e já está em curso, uma vez mais, a batalha para respeitarem os direitos autorais. Estamos a procurar a parceria de várias autoridades afins para a prossecução desse desiderato.

Aproveito para esclarecer aqui que a SOCA teve, desde então, 2010, reunidas as condições básicas para desempenhar o seu papel de gestão coletiva dos direitos autorais em Cabo Verde, alicerçada na portaria do Governo que lhe conferia legitimidade para o exercício dessa função.

Acertos a fazer

Que correcções e melhorias pensam introduzir?

Estamos a envidar esforços para incrementar mais e implementar

Gala “Jovens Cantam Morna”



Gala de homenagem a Titina Rodrigues: PR Jorge Carlos Fonseca, Daniel Spínola e Titina Rodrigues (a Homenageada)

melhor a cobrança e distribuição dos direitos autorais...

Com que intenção?

Para despoletar o diálogo com os autores, e entre eles, sobre as principais questões que lhes dizem respeito; e lutar para que todos os autores e artistas tenham o seu devido lugar na sociedade, com a dignidade, o respeito e a consideração que bem merecem.

A SOCA está, pois, determinada em continuar com a sua dinâmica para remunerar os autores e artistas como bem merecem.

É com esta preocupação que fizeram deslocação aos diversos concelhos do País?

Certo. É nesse quadro que, de Julho a Agosto de 2018, fizemos uma digressão por quase todos os municípios do país para estabelecer diálogo com os Autores e Artistas sobre questões autorais e para apresentar às edilidades cabo-verdianas propostas de protocolo e de parceria no domínio autoral e cultural.

Quais os resultados encaixados?

Nesse périplo, a SOCA teve a oportunidade de esmiuçar questões importantes relacionadas com a cobrança e distribuição dos Direitos de Autor e também de mostrar o percurso feito, desde a sua criação, em 2005, do qual consta um trabalho sistemático de promoção e di-

vulgação dos Autores e Artistas, tanto através da Revista SOCA Magazine e do seu site, assim como a partir de homenagens e destaques dos homens e das mulheres da cultura cabo-verdiana.

É de se realçar que esses encontros com os autores e artistas foram memoráveis por terem permitido um diálogo direto com os mesmos, que foram bastante participativos e pertinentes nas suas questões, permitindo, assim, os devidos esclarecimentos, importante nessa demanda de remunerar os criadores e

intérpretes da Arte em Cabo Verde.

Por outro lado, é de se destacar que os encontros com as edilidades foram satisfatórios e gratificantes por abrirem perspectivas favoráveis à questão da cobrança dos Direitos Autorais, que assentará em bases sólidas e eficientes, mas, também, por constituírem possibilidades de intercâmbios e parceria nos domínios artísticos e culturais que se levantarão como pontes de ligação dos Autores e Artistas a nível nacional.

Tendo valorizado sempre a cultura e a leitura, como importantes pi-

lares do desenvolvimento, a SOCA levou, em todas estas deslocações um acervo de livros e revistas, editados pela SOCA e pela Academia Cabo-verdiana de Letras, para oferecer às bibliotecas municipais.

Encontro da OMPI

A SOCA participou no encontro internacional da OMPI (Organização Mundial da Propriedade Intelectual), que reuniu sociedades de gestão de autores de vários países lusófonos. Qual o balanço?

Foi extremamente positivo porque pudemos, nesse encontro, desfazer algum *quid pro quo* que vinha prejudicando o nosso relacionamento com alguns parceiros. Pudemos também encontrar com alguns dos responsáveis máximos da OMPI e demonstrar-lhes, sem margem para dúvidas, o nosso percurso de um trabalho sério, abnegado e de bons resultados, procurando sempre o melhor para os autores e artistas e para o país.

Desfizemos quaisquer ideias preconcebidas que, eventualmente, tinham sobre a nossa organização, mostrando-lhes o nosso trabalho e demonstrando-lhes a nossa legitimidade, conferida por lei, para a cobrança dos Direitos Autorais e Artísticos em Cabo Verde.

Foi também um momento especial de troca de experiência e de convívio com os vários representantes de sociedades de gestão de autores lusófonos, que abriu portas para outros voos e outras parcerias importantes para a nossa caminhada, ten-

do resultado daí o reforço e consolidação dos nossos ideais de um trabalho conjunto em prol das nossas sociedades, unidas e sintonizadas num trabalho com o mesmo fim.

De realçar o diálogo com a SCM que pode ser decisivo para um processo de cobrança efetivo em Cabo Verde, com base numa parceria profícua e eficaz.

Papel da cultura na economia

Pelo que tem dito nas suas diversas intervenções, deixa a entender que a SOCA tem, ainda, um grande caminho a percorrer, principalmente em termos de sensibilização e divulgação sobre a importância dos direitos de autor. Aliás, não só para os próprios autores e artistas, mas, também, para a economia do país...

É verdade. A importância da cultura, na economia de um país é, cada vez mais, objeto de análise de especialistas da área financeira e económica e há um reconhecimento geral de que a cultura e as artes possuem um papel importante na vida da população, tendo em conta que possibilitam lucros, emprego e capitalização da competitividade passíveis de garantir uma melhoria da qualidade de vida dos artistas e agentes culturais.

Em Cabo Verde, este assunto ainda não vingou como devia e carece de uma dinâmica de sensibilização que possibilite uma consciencialização da sua importância e do seu papel fulcral para a promoção do negócio e do país, com a rentabilização



Princezito na homenagem aos músicos Zeca e Zezé di Nha Reinalda



Lançamento do livro de António Silva Roque (o primeiro da esquerda)

DIVULGAÇÃO

da capacidade e produção dos artistas e patrimónios material e imaterial de que dispomos.

Pensando nessa rentabilização económica e nessa capitalização dos recursos artísticos, de que dispomos, através da promoção da questão autoral, como garante de um usufruto legítimo e indispensável, é que projetamos realizar uma Conferência Internacional sobre “Os Direitos de Autor e Conexos”, seguida de seminários e workshops sobre a propriedade intelectual e as sociedades de gestão coletiva.

Estas ações têm o intuito de promover uma discussão necessária e imprescindível para a valorização e promoção dos artistas, em geral, e da economia cultural, ao mesmo tempo que pomos em evidência uma plataforma de diálogo e intercâmbio que sirva para esclarecer e desenvolver a consciência quanto às legitimidades de defesa e proteção do direito intelectual em Cabo Verde, na medida em que iremos congregiar todos aqueles a quem este tema interessa, direta, ou indiretamente, tais como os magistrados, as autoridades competentes ligadas a esta problemática, os agentes culturais, as entidades usuárias dos direitos, os autores e artistas e o público em geral.

Já a tínhamos agendado antes e agendamo-la agora para 2020, com o objetivo de criar condições para a discussão desse tema, de capital importância, a nível mundial, tanto no que concerne aos direitos inalienáveis dos artistas ao usufruto do seu trabalho, como no que tange à questão da tão propalada economia da cultura e do seu consequente desenvolvimento, proporcionando espaços de informação, de formação e de sensibilização relativamente a esta questão.

Pretendemos, assim, promover encontros frutíferos entre os artistas, os agentes culturais e as instituições que os representam e defendem, com temas pertinentes e consequentes, do interesse de todos, ao mesmo tempo que promovemos diálogos propiciatórios de mais-valia, garantes da promoção de um melhor equacionamento da questão autoral e, conseqüentemente, de uma maior projeção da produção e da criatividade artísticas.

Estes fóruns, que já tínhamos organizado em 2012, em parceria com o IPICV, estão já concebidos para esclarecer o público, em geral, e os artistas, em particular, demonstrando o grande valor que a arte e a cultura possuem no concerto das nações e no incremento da indústria cultural em Cabo Verde, proporcionando, concomitantemente, a oportuni-



Daniel Spínola, Daniel Medina e Ministro da Cultura, Abrão Vicente

de para chamar a atenção quanto à necessidade de investimentos na arte e na cultura, com a colaboração de todos.

– Essas são premissas para um melhor desempenho da gestão dos Direitos Autorais? Há um objetivo e um foco concreto com estas realizações?

Estes eventos pretendem ser base para debates profícuos e determinantes, ao nível do relacionamento necessário e fundamental entre os artistas, os agentes culturais, os produtores, os consumidores e os mecenas da cultura, na procura das melhores vias e práticas de projeção de um mercado artístico-cultural, interativo e sustentado.

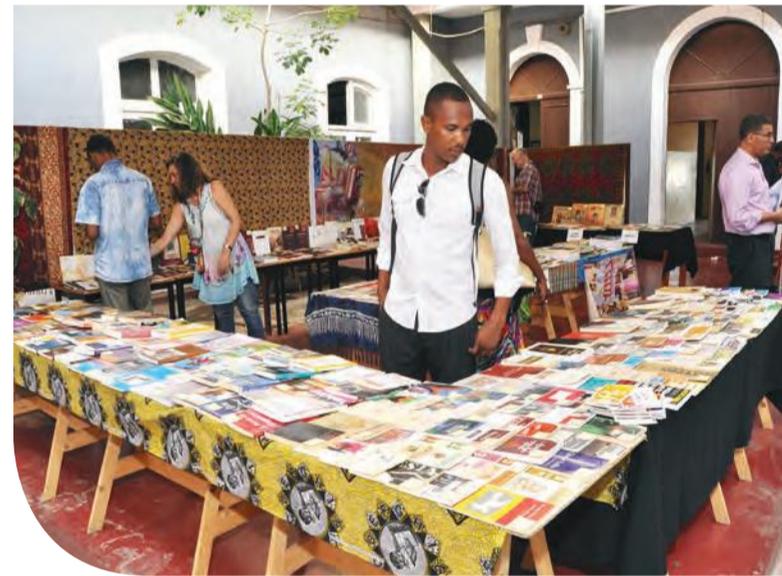
“Rumo a uma autoria digna e próspera,” o evento reunirá especialistas da área do direito intelectual, nacional e internacional, e artistas de todas as modalidades e sensibilidades para debaterem questões relacionadas com: a situação da produção da arte em Cabo Verde, a Propriedade Intelectual e o Direito Autoral; a gestão dos direitos autorais e a Sociedade de Autores, a legislação e a fiscalização no domínio artístico-cultural; a importância da música, dos músicos e dos artistas, em geral, relacionada com o mercado e a sua rentabilidade, e a questão da indústria cultural, o seu funcio-

namento e sustentabilidade. Perpetivamos já dias de intenso debate e discussões com vista a descortinar as melhores vias de levar ao funcionamento, efetivo e eficiente, da defesa e proteção dos artistas e dos seus direitos, que lhes possibilitem o usufruto dos seus trabalhos e uma vida mais comedida com as suas vontades e anseios, e, desde logo, mais criativa e produtiva.

O objetivo é procurar encontrar, também, o mecanismo mais acertado para o exercício e gestão do direito autoral em Cabo Verde, com ferramentas e agendas imprescindíveis para esse desiderato.

Daí que a discussão se irá centrar na questão da gestão coletiva dos direitos autorais, e dos mecanismos que deverão ser postos à sua disposição, a nível nacional, para o seu incremento, de forma a proporcionar a geração de uma economia autoral, fundamental para os criadores, cujas obras constituam material de execução pública.

Quer-se aqui promover uma reflexão sobre o papel e a política que deverão ter o governo e as várias instituições vocacionadas para esse exercício de registo, de proteção e promoção do direito autoral e dos artistas, esperando-se conclusões relevantes e consequentes nessa matéria.





Lista de Autores e Artistas que receberam Direitos Autorais da SOCA

	Autores/Artistas	Nome Artístico	Domínio Autoral	Quantia
1	Abraão Correia Sena	Abraão Sena	Literatura	100.000,00
2	Bernardina de Oliveira Salústio	Dina Salústio	Literatura	100.000,00
3	Carlos Alberto Barbosa	Kaka Barboza	Literatura	100.000,00
4	Carlos Jorge Rodrigues Spínola	Carlos Spínola	Literatura	100.000,00
5	Daniel do Rosário Medina	Daniel Medina	Literatura	100.000,00
6	Daniel Ramos Mendes	Daniel Mendes	Literatura	100.000,00
7	Daniel Euricles Spencer Rodrigues Spínola	Daniel Spínola	Literatura	100.000,00
8	Editora ACL	Editora ACL	Literatura	100.000,00
9	Hirondina de Fátima Bettencourt Santos Lima	Fátima Bettencourt	Literatura	100.000,00
10	Hermínia Curado Ferreira	Hermínia Curado	Literatura	100.000,00
11	Iko Paulo Evora Ceuninck	Iko Ceuninck	Literatura	100.000,00
12	Jorge Tolentino Araújo	Jorge Tolentino	Literatura	100.000,00
13	Manuel Veiga	Manuel Veiga	Literatura	100.000,00
14	Maria Augusta Évora Teixeira	Mana Guta	Literatura	100.000,00
15	António Carlos dos Reis Barbosa (Kaya)	Kaya	Artes Plásticas	100.000,00
16	Domingos Silva Luísa	Domingos Luísa	Artes Plásticas	100.000,00
17	José Maria Barreto	José Maria Barreto	Artes Plásticas	100.000,00
18	Manuela Brazão Barbosa	Nela Barboza	Artes Plásticas	100.000,00
19	Paulo José Tavares Rosa	Paulo Rosa	Artes Plásticas	100.000,00
20	Rodrigo Correia Fernandes	Lu di Pala	Artes Plásticas	100.000,00
21	Joaquim Freire Semedo	Joaquim Semedo	Artes Plásticas	100.000,00
22	Leontina Ribeiro	Leontina Ribeiro	Artes Plásticas	80.000,00
23	Helena Barbosa	Helena Barbosa	Artes Plásticas	80.000,00
24	Mário Barbosa	Mário Barbosa	Artes Plásticas	80.000,00
25	Severo Pedro Delgado	Severo Delgado	Artes Plásticas	100.000,00
26	Albino Eurico Miranda Baptista	Albino Baptista	Fotografia	100.000,00
27	António Gomes	Tó Gomes	Fotografia	100.000,00

28	António Joaquim Santos	Toy Jack	Musica	80.000,00
29	António Sanches	Tonito Sanches	Musica	80.000,00
30	Ariana Maria Ramos Vaz	Nany Vaz	Musica	80.000,00
31	Armilinda Cabral Semedo	"Grupo Tradição di terra"	Musica	80.000,00
32	Carlos Alberto Sousa Mendes	Princezito	Musica	80.000,00
33	Carlos Manuel Tavares Lopes	Romeu di Lurdis	Musica	80.000,00
34	Emanuel Dias Fernandes	Zeca di Nha Reinalda	Musica	130.000,00
35	Eliseu Alves Moreira	"Grupo Vibrason"	Musica	80.000,00
36	Frederico Hopffer Almada	Nhonho Hopffer	Musica	80.000,00
37	Gerson António Martins Spencer	Gerson Spencer	Musica	80.000,00
38	Gracindo Évora	Grace Évora	Musica	80.000,00
39	José Bernardo Dias Fernandes	Zézé di Nha Reinalda	Musica	130.000,00
40	Hélio Batalha Gomes da Rosa	Hélio Batalha	Musica	80.000,00
41	Mário Mendes	Mário Mendes	Musica	80.000,00
42	Rui Afonseca Sousa Cruz	Rui Cruz	Musica	80.000,00
43	Silvestre Alberto Soares Mascarenhas	Bob Mascarenhas	Musica	80.000,00
44	Zé Rui de Pina	Zé Rui de Pina	Musica	80.000,00
45	Edson Silva	Batchart	Musica	28.600,00
46	Carlos Manuel P.Lopes	Bino Ferro Gaita	Musica	84.000,00
47	Estêvão Moreno Tavares	Iduino	Musica	143.000,00
48	Hélio Batalha Gomes da Rosa	Hélio Batalha	Musica	171.600,00
49	Carlos Alberto Lopes Barbosa	Kaka Barbosa	Musica	28.600,00
50	Mayra Curado Andrade	Mayra Andrade	Musica	85.800,00
51	Carlos Manuel Lopes Monteiro	Rapaz 100 juiz	Musica	42.900,00
52	Aristides Paris	Tito Paris	Musica	143.000,00
53	Emanuel Dias Fernandes	Zeca Nha Reinalda	Musica	28.600,00
54	Ecio Eduardo Borges Cardoso	Élzio Tchada	Musica	28.000,00
Total				4.884.100,00

HISTÓRIA

Morna, alma de Cabo Verde



No momento em que as atenções se concentram na Morna, este género musical emblemático e representativo de Cabo Verde, paira no ar uma sede de saber as suas origens e história. Infelizmente, para além da tradição oral que, como se sabe, vai sofrendo hiatos e acrescentos ao longo do tempo, pouquíssima documentação existe ou está disponível para sustentar um histórico completo e real.

Carlos Filipe Gonçalves*

Testemunhos de muitos intelectuais desde o início do século XX têm servido de base para se traçar um percurso da morna em conjugação com a referida escassa documentação. Certo e assumido, a «morna» no seu início tinha uma cadência mais rápida do que aquela que conhecemos actualmente.

A Morna antes de Eugénio Tavares

É um período obscuro, com poucos dados disponíveis, dominado pelas “Cantadeiras”, Maria Bárbara (Boa Vista) e Salibânia (São Vicente) são as mais conhecidas. António Aurélio Gonçalves (1901-1986), escritor e intelectual mindelense, sempre falava da «velha mor-

na» com ritmo mais acelerado do que actualmente. Numa entrevista sobre a morna, em 1979, ele explicou que nos seus primórdios a cantiga, a música, era somente para as mulheres. “Existiam as cantadeiras, as compositoras, e a elas é que estava entregue o domínio da música.”

Moacyr Rodrigues, numa entrevista no Suplemento VP (Voz di Povo, 11-01-1986), “B.Léza 80.º Aniversário”, refere: “A maior parte das mornas no princípio eram feitas pelas mulheres do povo”.

A fase das cantadeiras também é descrita por viajantes que visitaram ou passaram por São Vicente em finais do século XIX. De notar, as cantadeiras irão conviver com os compositores (tout court) durante um período do século XX que vai até o final dos

anos 1930 em São Vicente e na Boa Vista até muito mais tarde. Moacyr Rodrigues, no seu livro *A Morna* (2017), págs. 154 e 155, faz bastas referências às proibições que foram sendo decretadas, acabando a morna/cantiga das cantadeiras por ficar «marginal», sublinhando que a “Morna só volta a ser recuperada na cidade (do Mindelo) graças à produção de Eugénio Tavares”, oriundo da Brava.

Morna, segundo Eugénio Tavares

No livro “Morna Cantigas Crioulas” (1930) Eugénio Tavares descreve o que ouviu sobre a Morna, a partir de meados do século XIX, presumimos, factos/relatos transmitidos através da tradição oral. Tavares diz claramente: “a

(breve história)

Morna é originária da Boa Vista”, sem porém deixar de ressaltar: “Na Boa Vista, não se elevou na linha sentimental; antes planou baixo, buscando os ridículos de cada drama de amor; cantando o perfil caricatural de cada episódio grotesco”. Depois de formada, a Morna difundiu-se pelas ilhas. “Em São Vicente, a morna, como música, aperfeiçoa-se. As letras porém continuam afastadas de qualquer expressão de arte (...)”. Terminados os tempos áureos da Boa Vista, finais do século XIX e princípios do século XX, Mindelo é uma cidade cosmopolita devido ao seu porto, a sua população recebe muitas influências externas e é mais aberta a inovações.

“Na Ilha do Fogo”, diz de novo Eugénio Tavares, “o compasso de polca serviu para cantar os amores de Nhô Dondon, nessa deliciosa toada do ‘Manché’, tão doce no ritmo, quanto áspera e inexpressiva na letra.” Nota-se, «Manché» é uma das músicas que consta de um caderno, editado em 1885, pela Sociedade de Geografia de Lisboa, uma música que, até finais dos anos 1960, sempre era tocada no final dos bailes. Modernamente, essa música era interpretada com um andamento mais acelerado que a morna, quase uma Coladeira!

“À ilha de Santo Antão”, escreve Eugénio Tavares, “se atribui uma morna muito triste, muito melopeiada”, e refere, finalmente, na ilha Brava, “mercê de vida aventureira e trágica do seu povo, a morna fixou os olhos no mar e no espaço azul, e adquiriu essa linha sentimental (...)”.

Isso quer dizer que a Morna que nasceu/evoluiu na Brava veio a ter influência determinante nas características deste género tal como o conhecemos hoje.

António Aurélio Gonçalves referiu que as Mornas de Eugénio Tavares chegaram a São Vicente a partir de 1918. Moacyr Rodrigues e Isabel Lobo (in Morna na Literatura Tradicional, pág.

76), referindo-se ao período dos anos 1920-1930, também dizem: “Deste período são quase todas as mornas com uma linguagem fortemente influenciada pela variante dialectal do Fogo, mesmo quando feitas no Mindelo (...)”.

Diríamos nós que se utilizou, no geral, a variante dialectal de Sotavento, de que as Mornas da Brava (e de Eugénio Tavares) eram o exemplo e moda nos anos 1920. Aliás, diz ainda Moacyr Rodrigues: “Nesta época é Eugénio Tavares o poeta mais cantado em todo o arquipélago. É recebido em apoteose pelo povo do Mindelo”.

A Morna no tempo de Eugénio Tavares

Na música cabo-verdiana, o período mais antigo que deixou mais testemunhos é aquele que vai do início do século XX aos anos 1930. É uma fase que decorre durante a vida de Eugénio Tavares (1867-1930), um poeta de linguagem fina e romântica, tanto em crioulo como em português. Segundo António Aurélio Gonçalves, foi a partir de 1918 que as Mornas de Tavares teriam começado a chegar ao Mindelo, ao tempo o mais importante centro urbano de Cabo Verde, com gentes de todo o arquipélago e também de outras origens, que aqui aportavam por causa do porto.

Perfeitamente sintonizado com o sentimento colectivo e a alma do seu povo, Nhô Eugénio, ou Nhô Tatai, como era carinhosamente tratado pelas gentes da sua ilha natal, deixou as mais belas páginas da música cabo-verdiana. Pode-se dizer, é com ele que a harmonia na Morna começa a tomar a forma que hoje conhecemos. A Morna vai deixando o terreiro (onde imperam as cantadeiras) e passa a ser parte integrante dos bailes e festas, tornando-se “música de salão”. José Osório de Oliveira, no posfácio de Mornas Cantigas Crioulas de Eugénio Tavares (Lisboa, 1931),

diz que a Morna pontifica nos “chamados «bailes nacionais» (...)”. Como a morna é uma dança de sala, aqueles bailes, apesar de populares, não se realizam num terreiro, mas, sim, dentro de casa. (...) Numa sala térrea não muito grande, de paredes caiadas e iluminada a petróleo, dançam dezenas de pares estreitamente entrelaçados”.

Aquele autor descreve a Morna dessa época como “uma melodia muito vagarosa, triste e sensual, um pouco como a dos tangos argentinos e a de certas canções brasileiras.” No que toca à música, também diz: “A orquestra é constituída por músicos amadores, que tocam de ouvido e se servem da flauta, da rebeca, da viola e do violão. As melodias compuseram-nas pessoas que não sabiam escrever música e as improvisaram cantando à viola.”

O período B.Léza: novos caminhos da Morna

Outro grande vulto da música cabo-verdiana é, sem dúvida, B.Léza, Francisco Xavier da Cruz (1905 – 1958). A utilização do meio-tom é apontada como uma das suas contribuições para a música cabo-verdiana, uma inovação que foi explicada e defendida por Baltasar Lopes da Silva em vários artigos e entrevistas.

O músico Henrique Oliveira chama no entanto atenção que “A estrutura das mornas antigas utilizavam, apenas um meio-tom!”. E explica, o que B.Léza fez “foi ter usado e como que abusado do meio-tom (...) construindo melodias lindíssimas em que esta nota dissonante, esta nota sétima, dá um sabor muito especial que antes as Mornas antigas não tinham!

Djick exemplifica a inovação de B.Léza na morna «Talvez» na qual, diz, o célebre compositor mindelense “utiliza sétimas à vontade, é uma melodia que foge à linha da melodia tradicional

da Morna. No Dr. Adriano ou no Barca Sagres também faz exactamente isso. (...) O B.Léza aproveita, diz Oliveira, “para construir uma linha melódica (...) que realmente é só dele, que antes não existia.” A obra e o estilo de B.Léza vão marcar a música de Cabo Verde nos vinte anos seguintes e contará com muitos seguidores.

Do pós-B.Léza à actualidade

A novidade do meio-tom muito utilizado por B.Léza vai influenciar tanto os compositores seus contemporâneos como muitos autores que surgem mais tarde. Para além disso, regista-se uma procura de novos temas e o romantismo dos tempos de Eugénio Tavares vai ficando para trás. Deste período, podemos citar nomes importantes como Olavo Bilac, com a morna “Distino Negro”, Armando António Lima (Léla de Maninha), com “Odjinho Magoado”, “Deusa” e “Amor Profundo”, Luluzin com a morna “Júnior”, Pitrinha, com “Traçoera di Dakar”, etc.

O pós-B.Léza coincide com o eclodir da independência de vários países africanos e o início das Lutas de Libertação nas colónias portuguesas. Timidamente, começam a surgir nessa época algumas temáticas de protesto (Abílio Duarte e Amândio Cabral com “Camin de S. Tomé” ou Djidjongo com “Prisão”).

Jorge Monteiro (Jotamont) é outro grande nome da música cabo-verdiana daquele período. Mas é um caso especial. Maestro, com estudos de teoria musical, o seu estilo de composição é único: sentimental, comunicativo e sobretudo nacionalista. “Fidju Mgoado” destaca-se na sua obra.

Manuel d’ Novas

Nos anos finais de 1960 Manuel d’ Novas é uma outra im-

portante revelação, sobretudo no género Coladeira, e que virá mais tarde a distinguir-se na Morna. A partir de 1974, acontece a fase de “música revolucionária, surge depois o movimento Funaná em 1979. É pois neste contexto que Manuel d’ Novas emerge com uma nova temática na Morna. Numa reacção aos movimentos existentes, Novas compõe a “Morna Got Pintod”, um manifesto e uma crítica que marca uma viragem. Mas a morna passa depois a conviver normalmente com os novos géneros emergentes e que tinham sido reprimidos no período colonial.

Entretanto, a electrónica invadiu a Morna, o que foi muito criticado, mas, verdade seja dita, depois de alguns excessos, perdoáveis quando se introduz uma nova tecnologia, encontrou-se a devida medida. E qualquer que seja o meio de expressão escolhido, a Morna é sempre a Morna. Através dela evocamos a saudade da terra, o amor, a dor, a partida. A Morna é a alma de Cabo Verde. Por isso, o período pós independência é caracterizado pelo surgimento de uma abertura de horizontes, patente na obra de compositores como Renato Cardoso, Daniel Rendall, Paulino Vieira, Carlos Alberto Martins, Betú, Tito Paris, Kaká Barbosa, Antero Simas, Zéca e Zézé...

Quanto aos intérpretes, há uma sucessão de pioneiros: Fernando Quejas, Bana, Cesária, Ildo Lobo... a lista é longa... Fica aqui a minha admiração por todos que agora não são citados, dado os limites para este artigo no jornal.

* Jornalista, autor de “Kab Verd Band”, AHN 2006, no qual este artigo se baseia, além de “Capítulos da Morna” (no prelo) e “Kab Verd Band AZ – Dicionário da Música de Cabo Verde” edição prevista para 2020.

HISTÓRIA

A música de Cabo Verde através do vinil*

Escreve Manuel Ferreira, em “A Aventura Crioula”, que “mornas gravadas em Portugal” até os anos 1930 “nem uma”. “Apenas se bem o sabemos, só nos Estados Unidos com a chancela da ‘His Master Voice’ que pudemos escutar, e da «Victor» segundo informação chegada do Brasil pela mão de Luís Romano.”

Luís Romano, por seu turno, em “Cabo Verde – Renascença de uma civilização no Atlântico médio”, refere: “Em 1935 chegamos a escutar Mornas muito antigas, já registadas em discos vindos da América do Norte, edição «Victor».” O jornal “Notícias de Cabo Verde” em algumas das suas edições (11 de Julho de 1931 e Junho de 1933) traz publicidade de discos de “Mornas de Cabo Verde executadas por caboverdeanos e gravadas pela Columbia Phonograph Company” à venda na firma “António Miguel de Carvalho e Cia. – São Vicente.”

Mas esses anúncios não indicam quem são os artistas ou grupos musicais que constam destes discos. No anúncio publicado no Notícias de Cabo Verde, de 11 de Julho de 1931, pág. 6, estão indicadas as músicas constantes do disco: “Mal de Amor (Morna), Cidade do Mindelo (polka) – Ribeira Bota (morna) Souvenir dum carnaval (polka)”.

Estas músicas constam do disco da Orquestra de Notícias, chefiada por Cândido (Notias) Almeida e que foi gravado em 1930. “Sabe-se ainda que a cantora Cândida Almeida gravou em 1935, parece ser a primeira mulher a gravar música cabo-verdiana! (...) A mais antiga gravação de músicos cabo-verdianos para disco de que há notícia foi realizada pela “Johnny Perry’s Portuguese Criolo Trio” em Junho de 1929, uma valsa e uma polca. Esta orquestra gravaria mais dois discos em 1932 e 1933 desta vez com uma predominância de Mornas entre outros géneros musicais nomeadamente Polcas.

Edição discográfica em Portugal e Cabo Verde

A partir do início dos anos 1950 acontece a edição dos primeiros discos de música de Cabo Verde em Portugal. O primeiro 45 rpm foi editado pela Columbia Records em 1952, com o título “Mornas por Fernando Quejas”, ref. SEGC 26. Em 1953 Quejas lança o segundo disco, “Mornas de Cabo Verde”, mas agora pela etiqueta “Alvorada”, com a ref. MEP 60 030 e que seria primeiro de uma série de mais de 20 discos editados por esta empresa portuguesa ao longo de dez anos.

Em 1954 é editado o disco “Odjinho Maguado – Adolfo Silva e Djuta”, dois irmãos mais conhecidos pelo nominho, Adolfo e Djuta de João Chalino. Para além de Fernando Quejas, foram editados pela Alvorada, outros artistas cabo-verdianos: Maria da Luz, Mário de Melo, Paz Monteiro, Conjunto de Cabo Verde, Titi-

na, entre outros.

Também em Portugal, no início dos anos 1960, há a registar a etiqueta “Rapsódia” da Casa Figueiredo, no Porto, que editou o Conjunto de Cabo Verde e o Grupo Noitinha.

De forma pioneira, a Casa do Leão em finais dos anos 1950, com a etiqueta Lion, gravou Amândio Cabral, Djosinha, Titina, Centauros, entre outros.

Long Play

A primeira edição de música cabo-verdiana no formato LP, 33 rpm, foi o disco “Cabo-verdianos na Holanda”, editado em 1963, na Holanda, pela Casa Silva, de João Silva, mais conhecido por Djunga de Biluca. Depois seria lan-

çado o LP “Nhâ Terra”, do Bana. Este formato generalizou-se a partir de então na música cabo-verdiana.

João Silva criou pouco tempo depois a Morabeza Records na qual seriam editados artistas de renome como Bana, Voz de Cabo Verde, Humbertona, Chico Serra, Bonga, Tazinho e muitos outros.

Note-se, que Fernando Quejas, um pioneiro em termos de edição discográfica, não editou qualquer LP e que no período dos anos 1960 esteve em hibernação, tendo publicando apenas mais dois 45 rpm, no início dos anos 1970.

Nesta fase dos anos 1960 até meados de 1970 o centro de gravação edição discográfica encontra-se na Holanda, as gravações

são realizadas nos estúdios situados na cidade de Hilversum, arredores de Roterdão.

A partir de 1974 o centro de gravação desloca-se para Lisboa, quando Bana cria a etiqueta V.C.V e depois Monte Cara. A produção independente é entretanto adoptada pelos músicos cabo-verdianos, que pagam o estúdio de gravação e a prensagem do disco, para depois se encarregarem da distribuição.

Na nossa comunidade imigrada na Europa a distribuição fazia-se na época sobretudo durante os «bailes de crioulo» aos fins-de-semana, onde se instala uma mesa com os discos em exposição/venda. A partir de meados dos anos 1980 surge a Sons d’Africa, já num contexto em que aparece o CD, formato que gradativamente substitui o LP e os 45 rpm em vinil a partir de 1990.

*NB – Extractos adaptados do livro Kab Verd Band AZ – Dicionário da Música de Cabo Verde, edição prevista para 2020.



Os primeiros discos de música cabo-verdiana foram gravados nos EUA, nos anos 1930, no formato 78 rpm para gramofone, por músicos cabo-verdianos ali imigrados. Holanda e Portugal tornar-se-ão, muito mais tarde, nos dois principais centros produtores de discos cabo-verdianos.

Carlos Filipe Gonçalves

Grandes vozes da Morna



Fernando Quejas (Fernando Aguiar Quejas) – Cantor, violão, violino, piano, compositor. Cidade da Praia, Ilha de Santiago, 20-05-1922 – Lisboa, Portugal, 28-10-2005.

Foi dos primeiros cantores cabo-verdianos a gravar em Portugal. Grande divulgador da música de Cabo Verde nesse país, através da rádio, do disco e de espectáculos. Começou cedo a sua actividade musical, na cidade da Praia; depois foi para Mindelo, S. Vicente, onde, a par dos estudos no Liceu, participou em espectáculos e grupos musicais.

Em 31 de Outubro de 1947 partiu para Lisboa e estreia-se um ano depois na Emissora Nacional num programa de rádio de grande audiência de Artur Agostinho. Só voltou a Cabo Verde em 1990 a convite do então Presidente Aristides Pereira, para um concerto no Palácio da Assembleia Nacional.

De salientar que conservou ao longo dos anos os estilos e modos de cantar e interpretar dos anos 1930 e 1940 de modo que ouvi-lo cantar hoje (nos discos) é reviver uma época e os tempos de Eugénio Tavares.



Cesária Évora (ou Cize). Mindelo, S. Vicente, 27 de Agosto de 1941 – 17 Dezembro de 2011.

Bela voz que obteve consagração a nível internacional, foi a artista cabo-verdiana que gravou mais discos. A sua carreira musical teve início no início dos anos 1960 no Mindelo. Na época, gravou para a Rádio Barlavento e editou dois discos EP 45 rpm.

Esteve, a partir de 1970, mais de dez anos afastada das actuações por decisão própria. Voltou às noites do Mindelo a partir de 1980, com actuações regulares no Piano Bar de Chico Serra ou em noites cabo-verdianas

no Bar Ofélia.

Depois da participação no Festival de Vozes Femininas na Praia em 1984, teve a oportunidade de voltar a gravar com uma participação no LP *Canta Mudjeres*, ed. OMCV, no qual canta as mornas “Belga” e “Mar Azul”.

Partiu nos finais dos anos 1980 para Lisboa, onde, a convite do Bana, gravou o LP “Bia Lulucha”. Foi então descoberta pelo empresário Djô da Silva que a levou para Paris, onde tem início uma extraordinária carreira de sucesso marcada pela gravação de mais de 60 discos CD. Ficou conhecida por Diva dos Pés Descalços, andar sem sapatos transformou-se desde cedo num figurino que marcou o retrato de Cesária Évora.

A sua morte, em 17 de Dezembro de 2011, foi momento de grande tristeza para Cabo Verde inteiro, que via desaparecer a sua primeira grande estrela, pois, raro é o país onde ela não actuou, sempre com muito sucesso. Como há muito não se via em São Vicente, um cortejo formado por milhares de pessoas acompanhou Cize à sua última morada no cemitério do Mindelo.



Bana (Adriano Gonçalves). Mindelo, ilha de São Vicente, 05-03-1932 – Lisboa, 13-07-2013. Cantor que pontificou nas décadas de 1960 e 1970.

Estilo pessoalíssimo, inigualável, que consiste em arrastar as sílabas (dos versos), o que altera ou liga determinadas figuras (tempo de duração de uma nota musical) da melodia, dando uma sensação de atraso do compasso. Deste modo injecta o sentimento e produz uma massa sonora moldada.

Menino do Mindelo, iniciou a carreira nessa cidade, com actuações em espectáculos e sessões culturais, gravou na Rádio Barlavento. No início dos anos 1960 foi para Dakar onde gravou o primeiro disco. Foi depois para a Holanda, integrando o grupo musical Voz de Cabo Verde, tendo gravado os dois primeiros LP, “Nhâ Terra” e “Pensamento e segredo”, seguindo-se dezenas de LP, singles e EP nas históricas etiquetas “Morabeza Record’s” e depois VCV.

A segunda fase da carreira começa com a sua fixação em Lisboa a partir do início dos anos 1970 quando assume o comando da segunda versão do conjunto Voz de Cabo Verde. Passa a gravar sob a direcção musical de Paulino Vieira e Luís Morais.

A partir de 1974 segue-se uma pausa, de pelo menos três anos em termos de lançamentos discográficos. Em finais de 1978, regressa com o LP *Cidália*, que marca uma segunda fase da sua carreira que se caracteriza por uma maior e melhor utilização da electrónica e novas concepções de orquestração, realizadas pelo músico e compositor Paulino Vieira e com o trompetista Manel Tdjena.



Ildo Lobo (Ildo Neves de Sousa Lobo) – Cantor, violão, compositor. Ilha do Sal, 25 de Novembro de 1953 – Praia, 20 de Setembro de 2004.

Voz de ouro, com todos os atributos, célebre cantor do conjunto Tubarões, para o qual entra em 1973 e no qual permanece por mais de 20 anos.

A partir de 1995, lança-se numa carreira a solo, gravando vários discos. Nos últimos anos da sua vida, sonhava com a criação de uma etiqueta própria de modo a apoiar os mais novos no seu gosto pela música. Isso porque ele desenvolvia uma verdadeira luta contra os problemas de fundo que afectam a música de Cabo Verde desde sempre.

Como compositor é autor da coladeira “Panhal na Toc”, bem como as mornas “Strela Negra”, “Separaçon” e “Nha Testamento”.

Carlos Filipe Gonçalves, extractos do livro *Kab Verd BandAZ – Dicionário da Música de Cabo Verde*, edição prevista para 2020.

ENSAIO



Gabriel Mariano

A morna expressão da

(Apontamentos para a sua história)

1 É curioso notar-se que a morna, na sua síntese admirável, confunde em si os aspectos mais antagónicos da alma crioula: a saudade doentia do mais além, a sátira brejeira, o lirismo amoroso e o desejo carnal. O fundo saudosista, sonhador do caboverdiano, e consequentemente o panorama espiritualista e platónico, opõe-se por outro lado, ao seu aspecto carnal, isto é, ao jeito mordaz de algumas mornas. E de aí a perfilhação de temas como por exemplo “Fusquinha”, de gosto inteiramente popular. Mas acima de qualquer outro motivo predomina o amor. O amor delicado e espiritual, o amor que chora como o forro de luto e a letra de dor da carta que veio de longe. É o amor de soluços baixinhos, o amor incompreendido cujo único remédio é cova ou amor igual. E sempre com a mesma toada a morna foi se entornando sobre as ilhas e a par dela outras melodias. Com cores locais ou tonalidades pessoais, cada ilha possui os seus cantares próprios. Mas a morna, apesar da feição distinta que lhe dá cada ponto do arquipélago, é contudo a música preferida e generalizada. É que em todos os cantos se trava a mesma luta, a mesma expectativa tremenda da chuva que vem, que não vem, se ergue o mesmo drama irremediável da emigração. E por isso mesmo a morna é uma espécie de irmã, sempre da nossa idade, sempre junta de nós. Choveu, há muito milho? O espírito está desafogado? Canta-se a morna ao nascer do sol, canta-se a morna ao mondar o milho, canta-se a morna ao comer a cachupa. E nas noites de luar as mornas alastram-se pelas ruas. E canta-se e toca-se e festeja-se até a lua diluir-se, bebida pelo azul. Mas há fome. os anos de estiagem espalham-se sobre os nossos campos como sombra negra? Não importa. Por sobre a terra abraçada e triste, a morna cai de leve como a melodia de um hino fúnebre.

2 Já se fundira numa única sentimentalidade o coração africano e o cérebro europeu. E um tipo perfeitamente diferenciado, fisicamente e moralmente, surgira nas ilhas do arqui-

pélago. Produtos de dois povos desterrados, longe das suas pátrias, o caboverdiano trouxe irremediavelmente no seu sangue este desejo absurdo de querer partir, a nostalgia e a saudade daquele que de longe suspira pela pátria distante. E para aumentar o seu mal, o isolamento total do arquipélago no meio do mar, do mar que ao mesmo tempo o convidava e repelia, do mar que lhe “sufoca desejos lhe dilata sonhos”. E eis o ambiente psicobiológico que talvez tivesse contribuído para a criação a morna. Agora faltava um motivo que insensivelmente levasse o caboverdiano a manifestar a sua alma naturalmente triste e sonhadora, saudosista. Talvez um dia um moço crioulo sozinho na praia olhasse tristemente o vai-vem incessante do mar. Do mar que lhe trazia a presença de outras terras, da terra longe. O pai-branco já não estava na ilha e a mãe-preta talvez tivesse sido vendida para outros lugares. De repente, talvez ele visse, misturando-se com as nuvens que fugiam, as velas brancas de um navio. E o moço sentiu uma vontade esquisita de partir, de embarcar, de seguir no veleiro, de conhecer outra luta, respondendo assim ao apelo subconsciente da sua alma. Mas o barco fugia, fugia sempre. E o caboverdiano ficou de pé na praia, braços caídos, olhando o navio desaparecer. E como um lamento, como uma queixa, dos seus lábios fugiram as notas sentidas de uma canção. Criara-se a morna, des obrara-se a alma de Cabo Verde. Muito de leve a lua tinha surgido e os seus raios abriam-se de mansinho na areia branca na orla do mar. Muitos anos mais tarde Eugénio Tavares, na rocha da ilha, e quase nas mesmas circunstâncias, via afastar-se o iate americano, desfecho inesperado de uma paixão romântica. E enquanto para ele o sol morria, amortilhado no sudário azul das ondas do mar alto, da sua alma desfeita em poesia, saíram os compassos da morna conhecida com o nome de “O Mar Eterno...”

3 A esta hipótese que apontei, isto é, a uma causa puramente sentimental opõe-se outra que por comodidade chamarei causa material. Daqui a pouco falarei dela. Assentes e generalizadas as condi-



ções Psico-biológicas a que já me referi abordarei uma outra face do problema: que ilha teria sido a originária da morna e consequentemente as razões desta primazia. Admitindo-se que a formação do caboverdiano, como hoje o conhecemos, tivesse sofrido as mesmas evoluções ou pelo menos as fundamentais em todo o arquipélago, isto é, admitindo-se como facto que as condições Psico-biológicas já referidas se generalizaram a todas as ilhas, é lógico e natural supor que a ilha que tivesse estas condições mais vincadas possuía a primazia. Ora, deste âmbito parece-me que as únicas ilhas com as características exigidas são as ilhas baixas, áridas e homogêneas do Sal e da Boa Vista. Nelas só, existe a solidão infundável das dunas perfilando-se ao longo dos areais e o recorte solitário das palmeiras abrindo-se em leque para o céu. Não há contrastes. E onde não há contrastes não há lutas e não havendo lutas não há alegria do triunfo. O que há é o marasmo, a modorra que depois se refletem numa despreocupada filosofia, a nostalgia mais premente de cenários novos e o desejo mais ardente de os procurar. Mas a Boa Vista tem uma vantagem sobre o

Sal: é que foi povoada em primeiro lugar. E de aí a minha convicção de estar nela a origem da morna. Mas o curioso é que os temas primitivos das mornas boavistenses não passam de uma rebusca, como diz Eugénio, dos “ridículos de cada drama de amor, cantando o perfil caricatural de cada episódio grotesco, ironizando fracassos amorosos, sublimando a comédia gentílica das moias”. Isto é, urna letra satírica numa música sentimental. Mas este facto pode ser atribuído, segundo penso, primeiro ao modo de ser do boavistense: despreocupado, folgazão, levemente atrevido e depois a pequenez do meio. É esta a segunda hipótese a que chamei causa material.

Da Boa Vista a morna passou a outras ilhas. Em S. Vicente a música aperfeiçoa-se mas a letra continuou os temas boavistenses sendo deste tipo a M. Adelaide, Serafim Jon, etc. Em Santo Antão a morna adquiriu um tom demasiado arrastado, quase choro, mas a letra continuou inexpressiva e limitada. Foi só na Brava que no dizer de Eugénio, o povo, fixando os olhos no mar e no espaço azul esbateu a morna a sua cor sentimental-saudosista. Quer dizer, de troça passou

alma de um povo*



a choro. E a demonstrar o que digo, a primeira morna que se compôs naquela ilha “o lancinante grito de uma caída”: “Brada Maria”. Saíram do adorável e misto Eugénio estas palavras: “A mais velha morna, cantada há quase cem anos, porventura a mais linda de quantas se orgulha o nosso folclore, é esse lancinante grito de uma caída: Brada Maria. Ouve-se sempre com lágrimas; Desviada de seus deveres, e abandonada na mesma noite da queda, a rapariga desferiu, na concavidade brumosa da madrugada, seu grito de dor, e se lança, desvairada, pela sombra húmida das bananeiras! Louca, desgrenhada, vai bater à porta do velho sacristão, santo homem cujo nome não esquece na tradição popular. Recolhe, o velho, a transviada. Chora com ela? Depois, quando as toutinegras acordavam pelas ramadas das laranjeiras, condu-la ao lar. Braz da Encarnação é amado. Braz é um santo. A mãe abre os braços e recebe a filha. Cura-lhe a asa quebrada, e deixa-a adormecer no seu regaço”.

Desta análise há que concluir que a morna se bifurcou em dois tipos: o tipo satírico ou boavistense e o tipo saudosista ou bravense. Mas do meio disto

tudo levanta-se uma pergunta: por que motivo o caboverdiano preferiu e adotou, para sempre, o tipo saudosista?

4 Há pouco apontei os elementos formativos da índole crioula e a sua projecção e síntese na música da morna. Mas para mim o elemento fundamental e do qual saem os outros, é a saudade do mais além, o “wanderlust” dos ingleses. As condições geográficas do arquipélago, os tipos aculturais da sua povoação, delinearam o perfil crioulo, mas a saudade veio imprimi-lo definitivamente no sangue do ilhéu. E é por isso que temas como «Tudo cusa ê pa bô», nitidamente brejeiro e folgasão, que no fundo não são mais que refrações da saudade, aproveitam o ritmo da morna. E mesmo do lado da carne : a sensualidade, o desejo, a posse, descobre-se o saudosismo lírico do caboverdiano. Aliás são assim as mornas de Eugénio, misto de platonismo e de sensualidade, e, recentemente, certas melodias de B. Leza. Mas onde estes sintomas se encontram mais nítidos, mais seguros, é nos compositores de pé descalço, uns entumecidos e outros orvalhados de saudade.

E afinal de contas o que é a morna senão um lamento, uma queixa de menino que nasceu e viveu longe dos pais? Que é a morna senão o eco de um grito que de há muito se debate na garganta petrificada das nossas ilhas? Senão o choro de moça que perdeu o noivo na véspera do noivado? Senão o apelo inútil de um prisioneiro que vê de dentro da sua prisão o destilar de um mundo doirado, longínquo, de coisas que apenas ele conhece através dos passageiros que desembarcam “para ver a pobreza da terra”? Canção feita só de pedaços da nossa alma, saída de vários peitos e reconstituindo no concerto da vida o drama da nossa existência! – A enxada dorme enferrujada a um canto, a música dos pilões e dos moedores desaparece... E o caboverdiano abre os olhos e vê este dilema terrível: partir ou morrer. E ele é obrigado a partir em busca de melhor vida. E ele sente, irremediavelmente, a tristeza da hora de bai. Que povo terá sentido, como o ilhéu, o momento doloroso da partida? Que poeta terá conseguido, como o insular, arrancando o coração, transformá-lo na mais pura poesia impregnada da mágoa desgarradora de uma saudade? Que músico terá conseguido, como Eugénio, pôr nas suas notas o conflito desesperador de um último adeus? É isto tudo que se encontra na morna “Hora de Bai”. Eugénio começa pensativamente (...) em seguida eleva-se transformado pelo desespero de querer ficar e ter que partir (...); para depois se desfazer num choro convulsivo, comoven-

te e arrebatado (...). No fim o poeta acalma-se ligeiramente : agora é só distância, agora é só saudade: deu-se a separação. A terra da ilha desapareceu para se transformar num ponto indeciso na linha cinzenta do horizonte. E contemplativamente o músico fala para dentro de si: “se bem é doce, bai é maguado...”

5 Já vimos em que circunstâncias o caboverdiano é obrigado a deixar a sua ilha e de como isto é vertido na morna. Mas chegado à terra longe do caboverdiano esquece-se do arquipélago? Enriquecendo-se quase sempre no trabalho das fábricas, ele sonha, ele espera sempre poder voltar um dia para vir morrer na sua terra. Nhô Eugene compôs: “se ca bado; ca ta birado”; e Osvaldo Alcântara escreveu “Mamãe Terra, afasta te um bocadinho e deixa o teu filho adormecer ao pé de ti”. Mas enquanto este momento não chega, ele consola-se com recordações, ouvindo lá longe a nova dos seus irmãos que morreram tendo por marcha fúnebre as notas de uma morna... E então ele fará como B. Leza que pediu à onda sagrada do Tejo lhe viesse dar mantilhas a ilha distante.

6 Não se sabe ao certo o motivo por que se deu o nome de morna à nossa canção. De certo não é derivação da adjetivo português “morno”. E mais provável que venha, como José Lopes pensa, do verbo in-

glês “to mourn”. que significa lamentar. Mas para a compreensão daquilo que a morna significa para o caboverdiano pouco interessa a etimologia do termo. É num dos chamados “bailes nacionais” que se pode sentir bem o que a morna representa para o povo no seu atavismo distante de muitas gerações. As mornas tocam-se sempre mais tarde pois o melhor prato fica para o fim. E à volta das três horas da madrugada, gordo no ambiente já se fixou o cheiro do tabaco, o grogue aqueceu o sangue e o fumo se adensa na sala, sobem os acordes da morna. A melodia estranha sai gemendo do violino e vai-se alastrando e insinuando nos corpos. Os pares arrastam se languidamente pelo soalho. Lá fora os espectadores, os “rusgas”, silenciam. A rapariga sente a quentura do braço que lhe envolve a cintura, e cismando baixinho deixa-se embalar pelo rapaz. Mas o rapaz também sente o calor que se evola do corpo moreno e rijo da sua crioulinha. E cantando baixinho, deixa-se embalar pela rapariga. E no fundo do compasso melódico e leve da viola e do soluçar baixo do violão, a rabeça continua gemendo. Agora a morna são os pares que volteiam na sala onde se adensou o fumo do tabaco e o grogue e o amor aqueceu as almas. Mais que dois corpos a morna une duas almas.

* Cabo Verde, Boletim de Propaganda e Informação, nº 30, Cdade da Praia, 01-03-1952

OPINIÃO



Filinto Elísio

Olhares
de Lisboa

Crónica Dezembrina

Em modo Morna

Quando é Cabo Verde em causa, como bom cabo-verdiano que me julgo ser, não há discussão, nem cli-gagem. Estou 100% na roda gigante em prol da elevação da Morna a Património Imaterial da Humanidade. O mesmo sentimento de irmandade e de coletividade de quando o desafio fora a de Cidade Velha, Berço da Nação, a Património Mundial da Humanidade, em 2009. O reconhecimento da Morna irá inscrever à pertença do Mundo não apenas o cancionero cabo-verdiano, mas a língua crioula cabo-verdiana, a dança, a espiritualidade que determina a nossa forma de ser e de estar. Que determina, ó minha memória incessante, a nação que nos é pertença. Com a mesma fé e esperança, a mesma ansiedade, repesco as mornas - e foram tantas, quais velocinos de ouro - que, desde o antanho, povoaram a minha/nossa

existência..

Morna-mundo

A candidatura para a classificação da Morna a Património Cultural Imaterial da Humanidade foi aprovada em novembro pelo comité técnico da UNESCO e, nos próximos dias, a decisão deverá ser ratificada na 14.ª reunião anual do Comité Intergovernamental para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial. Um grande momento para Cabo Verde e para os cabo-verdianos, espalhados pelo mundo.

Dulce na TCV

Geralmente, aos domingos à noite, assiste-se ao Jornal de Domingo, mais pelos comentários do que pelas notícias, e hoje a grata surpresa foi uma reportagem sobre Maria

Dulce Araújo Évora, a jornalista da Rádio Vaticano, que já acompanhou três Papas - João Paulo II, Bento XVI e Francisco -, mais um exemplo da luz e do talento de "storie di vita e d'inclusioni al femminile"...

Próxima crónica

A minha próxima crónica para o programa da jornalista Maria Dulce Araújo Évora será sobre a escritora Djaimilia Pereira de Almeida, prémio Oceanos 2019, com o romance "Luanda, Lisboa, Paraíso". A obra, antes premiada pela Fundação Eça de Queiroz e pela Fundação Inês de Castro, foi agora distinguida entre 1467 concorrentes, das 314 editoras de 10 países.

Rapsódia sobre uma noite de vento

Quase a ser meia-noite, sortilé-

gio da Cinderela, mas sem deixarmos os sapatos no restaurante gre-go, chegávamos em casa. Ainda tentei dizer-te sobre quão clara a noite e foste logo a apontar-me para a esplêndida lua sobre a nossa rua e eu a pensar fosse também do travo ao queijo grelhado, orégãos, mel, azeite e manjerição. "Meia-noite / Uma síntese lunar captura / Todas as fases da rua" e eis como eu balbuciava estes versos de T.S. Eliot, a pensar sempre nas reincidências da História que nos suscitaram as cenas de Salamanca, da Espanha Franquista, da macabra Viva a Morte de 1936, do inferno ao filósofo Miguel de Unamuno. O filme "Enquanto a Guerra Durar", que nos calou fundo, como se tudo fosse a conspirar, inclusive a esplêndida esfericidade da lua na noite ventosa e o seu dissolver nas "floors of memory / and all its clear relations"...



Zéquinha Magra

Morna: A consumação de um facto

Noites, "soirées" e espectáculos serviram como um trabalho de sedimentação para o triunfo da morna além fronteiras.

Se hoje a morna é o que é teríamos de começar por elogiar todo o trabalho de base dos nossos artistas, e, não só as estruturas de incentivo a favor da implementação da morna no terreno e seu desenvolvimento.

Hoje, na fase de reconhecimento além fronteiras, a morna precisa criar, de novo, uma forte reestruturação e dinamismo para atingir a nova meta.

Aliás, o sucesso da morna, para muita gente, é sem dúvida o sucesso do povo Caboverdiano, o sucesso dos artistas e compositores que cantam a glória desse País.

Um dos aspectos fundamentais, ou seja, de grande relevo foi

o impacto antes e depois da Cize, Cesária Évora, na estratificação e sedimentação da morna além fronteiras.

Penso que a celebração das datas servirão como projecções e é necessário que se criem e se lancem estratégias no terreno para a preservação do nosso património cultural.

Desde Eugénio, B. Leza, Alcides Brito, Manuel d'Novas, Ano Nobo, apenas para citar estes, a morna conseguiu triunfar sempre através de uma forte luta para a conservação do nosso património e identidade cultural.

Hoje, no Século XXI, podemos notar que algumas atividades que faziam parte da celebração e comunhão da morna já não são realizadas, como o caso da serenata. Temos arquivado um documentá-



Cesária Évora

rio sobre a serenata que incita o desaparecimento da serenata.

É por isso que a morna merece um outro tipo de análise, sendo a morna um veículo de desenvolvimento de Cabo Verde.

É lógico que a morna representa a nossa identidade cultu-

ral, além de alertar contra as ilusões do estrangeiro, hoje os amigos de Cabo Verde abraçam com carinho a cultura de uma nação que passou a ser melhor reconhecida devido à sua abertura ao mundo, apesar das desilusões do estrangeiro.

Quem era o tal belga...

Saí do Brasil com 24 anos sem saber que existia um país chamado Cabo Verde. “Crioulo” para mim era apenas um jeito mais ou menos pejorativo de chamar os negros no Brasil. Isto, sendo jornalista, com acesso desde criança a jornais, revistas, enciclopédias, etc. Naquela época, fim da década de 1980, faltavam ainda alguns anos para Cesária pôr Cabo Verde no mapa.

Então, em Paris, um dia no metro ouço dois homens falando atrás de mim alguma língua que eu parecia entender. Mas quando começava a prestar atenção, baralhava tudo e já não percebia nada. Mais umas frases captadas sem querer, ah, sim, mas outra vez desentendia totalmente. Mais tarde, em casa, comentei essa cena com meu irmão, Tadeu, que esclareceu: deve ser crioulo de Cabo Verde. Ah. Cabo Verde? O que é isso? Um país na África.

Ele próprio certamente tinha saído do Brasil, alguns anos antes de mim, sem saber o que era Cabo Verde. Terá descoberto com imigrantes portugueses que conheceu na Suíça, que dinamizavam uma rádio comunitária onde passavam música de origens lusófonas. Foi assim que descobri – pois ele me mandava cassetes copiadas dos LPs a que tinha acesso na rádio – Rui Veloso, Rão Kyao, Júlio Pereira, Fausto, Duo Ouro Negro, Bonga... E, para o que vem ao caso, Finaçon.

O meu primeiro contato com a música de Cabo Verde foi provavelmente, pela época, o primeiro disco do Finaçon, “Horizonte”. Não me atraiu muito, era guitarra demais para o meu gosto, sempre com tendência para o acústico. Hoje penso que tinha razão Zezé di Nha Reinalda quando numa entrevista ao Público, há anos, justificou com o ritmo muito rápido da música do Finaçon o facto de o grupo não ter tido êxito no seu lançamento em França. Num primeiro contato, aquele som demorava para entrar.

Anos depois, soube que nesse período em Paris, quando fazia – com meu irmão Tadeu, justamente – um programa de música brasileira no Rádio Clube Portu-

guês, em Villejuif se não me engano, quem lá estava a fazer um programa de música africana, ou cabo-verdiana, era Jovino Santos. Por estranho que possa parecer, nunca ouvi a emissão dele, e nem soube, na época, que existia. Foi muito depois disso que nos conhecemos, quando voltei a Paris, cerca de uma década depois, para entrevistar artistas cabo-verdianos.

Na sequência, Lisboa, 1990. Já se ouvia uma ou outra música de Cise na TSF apenas, ou no máximo numa rádio que então existia chamada Paris-Lisboa. “Cabo Verde, terra estimada”, do LP “La Diva Aux Pieds Nus”, é a que me recordo. Nesses primeiros anos da década de 1990, pela imprensa, em contatos com pessoas, no movimento associativo dos imigrantes, na descoberta das discotecas africanas e em particular aquelas com música ao vivo, cabo-verdiana sobretudo, descobri Cabo Verde.

Tempos do inesquecível Pilon (mais tarde chamado Pilonzinho para diferenciar do outro Pilon) de Emanuel Varela, em Alcântara, onde Leonel Almeida, Dany Silva e outros alternavam-se conforme o dia. Aos fins de semana, era para onde rumava quem saía, às quatro da manhã, do também inesquecível Ritz Club, onde tinham estado tocando Tito Paris, Maria Alice, Júlio Silva, André Cabação, entre outros, e onde a noite terminava com uma série de três ou quatro reggaes de Bob Marley extraídos do “The Legend”. Era a senha para partirmos para o Pilon. Foi neste local, que não era mais que um corredor com uma pista de dança ao fundo, que fiz a minha despedida de Lisboa para ir morar em Cabo Verde pela primeira vez, em julho de 1994.

Nessas noites afrolisboetas a música do Finaçon já reinava incontornável – “Feia, cabelo bedjo” no auge do sucesso – e ouvia-se também coladeiras dos discos dos Tubarões e muitas outras que não me recordo, até porque naquela época não sabia nada sobre elas, seus autores e intérpretes.

Como colaboradora free lancer do Novo Jornal Cabo Verde, faço a cobertura da área cultu-

ral, e vou conhecendo os CDs – já não LPs – que vão chegando às prateleiras das grandes lojas que então existiam, como Virgin, Valentim de Carvalho, entre outras. Escrevi nessa época os meus primeiros textos sobre lançamentos de discos de artistas cabo-verdianos e fiz as primeiras entrevistas com nomes desse universo, como Celina Pereira, Kiki Lima e tantos outros. Tito Paris ainda nem tinha lançado o seu primeiro álbum...

Então um dia, creio que em dezembro de 1993, Cise faz seu primeiro grande espetáculo em Lisboa. No âmbito da tournée de “Miss Perfumado”, num teatro importante da cidade, o São Luís, já não na recôndita e acolhedora sala do espaço de Bana na rua do Sol ao Rato onde Djô da Silva a ouviu pela primeira vez alguns anos antes. À tarde, eu fora entrevistá-la, em São Bento, na casa de uma amiga onde ela se hospedava. No fim do dia, no teatro, fui falar com Djô da Silva. A banda, composta por Paulino Vieira (piano e direção musical), Armando Tito e Vaiss (violões) e Toy Vieira (cavaquinho), preparava o espetáculo.

Há nessa data dois momentos inesquecíveis para mim. Um deles é quando Armando Tito, no momento do check sound, senta-se num banquinho na borda do palco, bem na minha frente, e começa a tocar “Cabocla”, tema que eu jamais imaginaria ouvir naquele contexto. Fiquei boquiaberta, mas mais pela beleza do solo de violão de Armando Tito do que pela descoberta de aquela música tão antiga e esquecida no Brasil fazia parte do repertório daquele músico, que eu supunha distante do universo brasileiro.

O outro momento inesquecível foi à noite. A terceira ou quarta música do alinhamento do concerto foi “Belga”, que simplesmente me inudou.

(...) *Belga ja bai, levam nha cretcheu*

*Na qu’el hora, triste di bai
Nha coração, tchora qu’el ai
Pam ca, sofrê mas tcheu (...)*

A voz aveludada de Cize, a melodia da morna, o som impecável da banda que eu tinha visto

na passagem de som horas antes, a luz, o silêncio da plateia. Tudo. Vieram-me lágrimas aos olhos. Até hoje não sei porque, mas alguma coisa me pegou naquele momento. E faz-me compreender, hoje, porque pessoas de culturas tão diferentes, de terras longínquas, sem vínculos culturais com Cabo Verde, amaram a música de Cize.

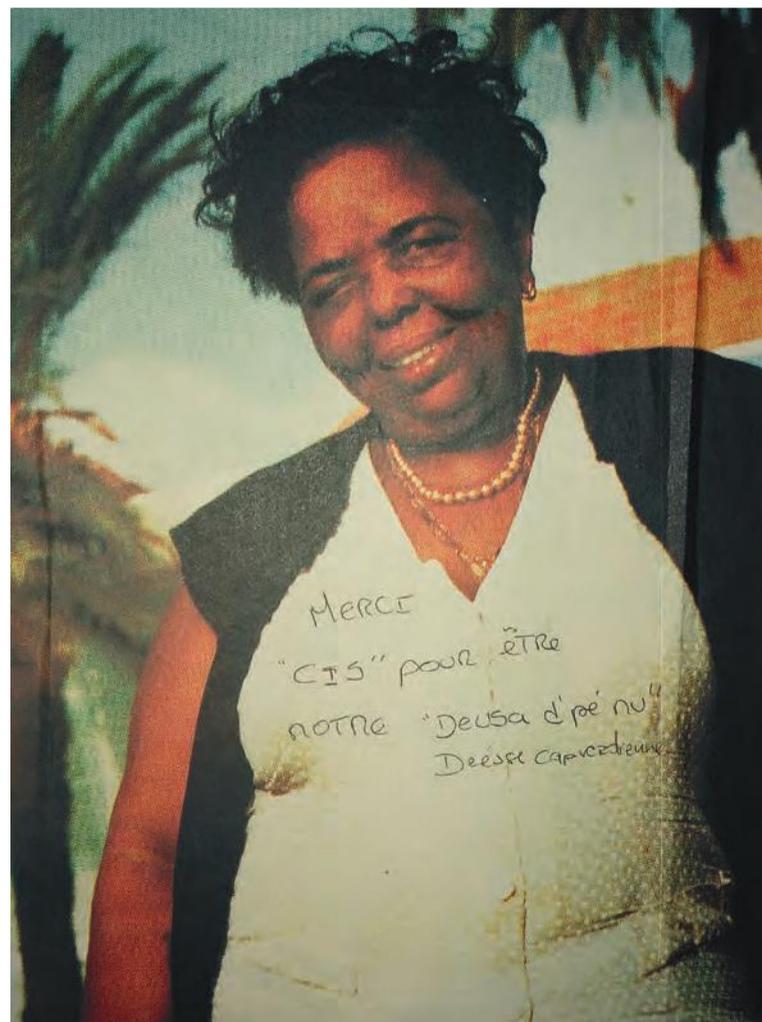
Porque eu própria não compreendia a letra – “somá na Paul”, “sodade tcheu”, “el flá”, coisas estranhas aos meus ouvidos – a não ser por uma ou outra expressão, como “lua cheia”, “tristeza”, “coração” (“nha cretcheu” talvez eu já soubesse). Mas entendi tudo. A morna na voz de Cise é algo simplesmente comovente.

Mas devo confessar que passaram-se anos até eu entender quem era o tal belga de que falavam os versos.

* Jornalista, autora de **Cabo Verde & Música - Dicionário de personagens**, entre outros.



Gláucia Nogueira *



INQUÉRITO



José Pedro Oliveira

As minhas 10 escolhidas foram encontradas por razões díspares que passo a apontar:

1 e 2. As duas do Betú – Cusas di Coraçon e Nha Coraçon II – pela elevada qualidade que o compositor põe nestas mornas levando-me a crer que estaremos perante um dos melhores trovadores cabo-verdianos de sempre.

3. Fidjo Magoado de Jotamonte – para mim, poderia ser o Hino Nacional de Cabo Verde tal a dedicação à Pátria que meu antigo professor de Canto Coral consegue colocar com mestria numa única composição.

4, 5 e 6. As três de B. Leza – Eclipse, Lua Nha Testemunha e Tchã de Pedra – As duas primeiras dispensam comentários, de leigo como eu, e a última pela curiosidade de ser o meu local de nascimento e porque o B. Leza compôs a morna sem nunca ter estado nesse lindo vale. Respondeu a uma encomenda solicitada por uma jovem que aí foi passar umas férias e, por ventura, terá vivido alguma arrebatadora paixão.

7 e 8. As duas do Eugénio Tavares – Mal de Amor e Força di Cretcheu – principalmente pela beleza da escrita do nosso poeta maior.

9. Stranger é um ilusão, do santantonense Manuel d' Novas, é uma morna que, para além da bela melodia própria de um craque, traz uma mensagem profunda à nossa juventude.

10. Camponesa Formosa – pela formosura da letra (autor?) e pela soberba interpretação do saudoso ILDO LOBO.



Fátima Bettencourt

Caro José Vicente Lopes – cá estou a responder à tua solicitação de 10 mornas mais emblemáticas de todos os tempos, no meu ponto de vista. Confesso ter alguma dificuldade em separar a morna do seu autor. Daí que esta lista é também de 10 autores.

Não podendo, do mesmo modo, me separar do coletivo, as minhas escolhas dizem respeito à Nação. Aliás considero a própria morna uma criação coletiva o que justifica a sua aceitação pelo povo cabo-verdiano, sem restrições.

1. Força di Cretcheu (Eugénio Tavares) – Foi escolhida porque, sendo E. T. um romântico e um compositor fundacional do cancionero cabo-verdiano, elegeu o amor como tema privilegiado das suas composições das quais a morna Força di Cretcheu é a mais simbólica.

2. Tempo di Canequinha (Sérgio Frusoni) – Foi escolhida por ser o retrato de

uma época segundo o imaginário coletivo, sendo o próprio autor o exemplo acabado de inclusão e aceitação do outro.

3. És Dez Grãozinhos di Terra (J. Monte) – foi escolhida pelo sentimento de pertença que transmite nomeadamente aos que vivem na diáspora, e pelo amor à terra e aos valores da cabo-verdianidade.

4. Lua Nha Testemunha (B. Leza) – escolhida pela beleza da sua linha melódica; por ser o canto dolorido do amor que se perdeu, uma das características mais marcantes do cabo-verdiano.

5. Caminho de São Tomé (Abílio Duarte) – por ser a morna que denuncia e retrata uma das maiores tragédias vividas por este povo que nunca conseguiu resgatá-la completamente até porque as suas consequências vão perdurar pelos anos vindouros.

6. Grito de Dor (Tututa Évora) – Escolhida por ser o grito pungente da dor que

Amílcar Spencer Lopes

Mornas bonitas abundam, felizmente, no cancionero cabo-verdiano. Assim, eleger “as dez mornas” exige critérios de aferição definidos, designadamente, pela beleza melódica, riqueza lírica, contexto da sua criação ou produção, entre outros.

Claro que uma escolha é sempre um acto subjetivo. Os critérios estabelecidos para o efeito conferir-lhe-ão, porém, senão objetividade, ao menos clareza e seriedade.

1. Violeta. – É das mais antigas mornas, de que há memória. Não se conhece o autor, nem a letra, mas já é uma melodia, com um fio harmónico consistente. Está gravada, instrumentalmente, pelo saudoso mestre do violão, Luís Rendall, em cadência muito próxima do galop boa-vistense.

2. Marê 'dlaide (Maria Adelaide), de autor desconhecido – Morna muito antiga, de melodia sublime e intemporal. Gravada, geralmente, instrumentalmente (piano e violão, como solistas). Uma história lendária de amor entre duas pessoas de estratos sociais diferentes, o que tornou impossível a relação. Existe mais de uma versão da pretensa letra.

3. Força d'Crêcheu, de Eugénio Tavares. – Uma das grandes “mornas da Brava”, cantada por todo o lado. Composição em que a beleza poética e harmónica se cosem magistralmente.

4. Paris Papá J'quim. - Morna popular de S. Antão, de tema sentimental e suavidade melódica transcendente. Foi talvez a primeira morna a ser gravada com instrumentos eléctricos, pelo então Conjunto Ritmos Cabo-verdianos, no início dos anos sessenta, do século XX, com o título de Unino. Essa gravação inaugura uma



nova era, para a música de Cabo Verde.

5. Eclipse, do B. Lêza. – Na verdade, sem esforço e sem favor, meteria meia dúzia de mornas do B. Lêza entre as dez mornas da minha eleição. Para não cercear, todavia, outras, de outros compositores, que merecem, igualmente, a minha distinção, fico com Eclipse, pela sua beleza poética e musical e por aquilo que revela da grandeza de expressão do compositor e “poeta do povo”.

6. Sodade, de Armando Zeferino e Santos Vieira. – Não sendo, propriamente uma morna, ritmicamente falando, é, sem dúvida, pelo tema, pela estrutura musical e pelo contexto em que foi produzida, aquilo a que se poderia chamar de morna, tocada em cadência acelerada, produto, certamente, da conjugação em que foi criada.

A magistral interpretação de Cesária Évora, sob orquestração e direcção de Paulino Vieira, conferiram-lhe um lugar impar, como bandeira da internacionalização do folclore cabo-verdiano.

7. Sina d'Cabo Verde, de Gabriel Mariano e Jacinto Estrela. – Um hino de amor à Terra-Mãe.

8. Rufux, Scacareq, de Manel d' Novas. - Retratista da sociedade cabo-verdiana, Manel de Novas é outro que tem uma mancha de mornas bonitas e representativas da mundividência cabo-verdiana. A citada enche, porém, as minhas medidas.

9. Doce Guerra, de Antero Simas. - A consagração de um compositor, de mérito.

10. Dor di Alma, do Betú. - Para mim, “a joia da coroa”, do riquíssimo espólio desse compositor maiense.

mais fundo fere a mulher cabo-verdiana na sua condição de mãe. Está incluída num disco que se tornou bandeira duma geração.

7. Biografia dum Criol (Manuel d' Novas) – Foi escolhida por traçar o percurso do cabo-verdiano pobre (a maioria) desde que nasce até se fazer homem consciente da sua identidade.

Realça em particular o vocabulário popular valorizando sobremaneira a língua materna. É um caso paradigmático de um trovador que se faz porta-voz de um povo.

8. Doce Guerra (Antero Cimas) – Foi escolhida por ter sido erguida em Hino pelos cabo-verdianos. Estende sobre as ilhas um manto de concórdia e harmonia que só a música pode criar quando trabalhada por um talento do mais alto gabarito. Há nela partilha, tolerância, unidade e afeto pela terra e pelos conter-

râneos, tudo no sentido mais nobre e generoso da condição humana.

9. Oh! Nha Terra Scalabrode (Nhela's Spencer) por ser um hino de amor incondicional à terra árida e seca e contudo mais que todas amada. Mais uma vez o sentimento de pertença ocupa todo o espaço desta composição.

10. Súplica (Djoya) – Se a morte não tivesse levado o autor tão cedo do nosso convívio, certamente esta morna ainda não constaria duma lista deste tipo apesar da sua irretocável linha melódica.

Mas, o artista talentoso não está mais aqui nem o homem ferido de tristeza e angústia. E assim esta morna soa como um adeus doloroso e por isso ela nos toca tão profundamente e o silêncio íntimo que se cria quando é escutada, soa como se nossas almas se ajoelhassem.



Ney Fernandes

1. Fidju Maguadu (Jotamont);

Uma morna que para além do seu campo melódico muito bem concebido, constituiu-se numa ferramenta para a tomada de consciência, enquanto povo, preenchendo os repertórios das serenatas selectivas e convívios entre verdadeiros amigos. O Jota Monte marcou, e de que maneira, uma geração.

2. Hora di Bai (Eugénio Tavares);

3. Sodadi – Zeferino

4. Eclipse – B. Leza;

5. Kabral ka Mori – Daniel Rendall;

6. Laura – Manel Clarinete

7. Linda – Ano Nobu;

8. Biografia d'un crioulo – Manel d' Novas. Eis uma morna retratando aquilo que os Cabo-Verdianos têm em comum, expondo com mestria sonora e lírica traços da caboverdianidade,

9. Doce Guerra – Antero Simas; Por ser a morna em que o seu criador procura unir os cabo-verdianos, mutuando "lírico-sonoro composicional" elementos de identidade de cada uma das ilhas, sedimentando a unicidade desta NAÇÃO.

10. Ka No Dexa Nos Morna Morê (Manel d' Novas). O compositor, com todo mérito, determinação e apelo musical, identifica a MORNA como elemento da nossa identidade, enquanto povo. A sua preservação será neste antes e depois, mais do que nunca, para a preservação da Morna, enquanto Património Cultural Imaterial da Humanidade, caso venha a ser ratificada como tal. Portanto "KA NO DEXA NOS MORNA MORE", vai ser uma composição repto sempre actual.



João "Vuca" Pinheiro

As mornas de minha eleição são as seguintes:

1. Brada Maria - a morna mais antiga de que há memória em Cabo Verde. Originária da Boa Vista, a melodia foi transmitida de geração em geração, mas parte da letra original perdeu-se no tempo.

Eugénio Tavares, para não deixar cair no esquecimento essa linda e histórica melodia, baseado no argumento original que a tradição popular conservou, fez a recolha necessária e introduziu-lhe os versos que atualmente se cantam.

2. Força De Cretcheu (Eugénio Tavares) - "Ca tem nada nês bida más grande qui amor. Si Deus ca tem medida, amor inda é maior." É o acalando de um amor maior, um verdadeiro hino ao amor

mais singelo e puro.

3. Eclipse (B. Leza) - Um marco na divisão entre o sentimentalismo da morna bravense e a modernidade da morna sanvicentina.

4. Nós Morna (Manuel d' Novas) - Esta morna consegue expressar a afirmação cultural que devia existir em cada cabo-verdiano que se preze.

5. 'N Crebo Fora De Marca (Rodrigo Peres) - Acoplada a esta doce melodia, esta morna descereve um querer "fora de marca", um querer "más tcheu qui planta crê ago, má qui comida crê sal".

6. Fidju Maguado (Jotamonte) - Emblemática na luta pela independência, demonstrando a esperança de uma nova aurora.

7. Tempe De Caniquinha (Sérgio Fruzoni) -



Natacha Mosso Magalhães

Tarefa muito difícil, a escolha de 10 Mornas, porque há tantas e tantas mornas lindas que é muito injusto deixar várias de fora. Não podendo escolher mais do que dez, deixo aqui as que me tocam, cada um pela sua razão, mas todas porque são de uma sensibilidade enorme e os seus interpretes souberam dá-las uma beleza ainda maior.

É imperativo dar a conhecer estas composições às novas gerações. Não as elenco por ordem de preferência, mas aleatoriamente.

1. Nos amizade

Gosto de todas as mornas cantadas pelo Ildo Lobo. Essa particularmente porque fala dum amor que ultrapassa as gentilezas, os gestos, as formalidades que impomos ao amor, mas que é verdadeiro e puro, pois baseado na amizade. A letra é bem pertinente para as relações que se constroem atualmente, mais de aparências do que de essência.

2. Nha berssu – Betu

Essa morna é linda, linda. E Ildo só a tornou belíssima. Uma interpretação soberba! É uma declaração de amor do Betú para a sua ilha. É pura poesia!

3. Dor di nha alma – Betu

Eu oiço essa música e fico comovida. E como sempre, Ildo a emprestar a sua voz para interpreta-la divinamente. É possível sentir, com a voz do Ildo, a dor do poeta.

4. Doce guerra – Antero Simas

Não há mudo a dizer sobre essa morna. É o nosso segundo hino e pronto. É a música que nos identifica e que nos une. Essa é a morna que deve ser amplamente divulgada junto as gerações mais novas para que se sintam sempre orgulhosos de nascer nessa nação, peculiares, una e indizível.

5. Notícia – Betú

Muito triste essa melodia. Dá para entender que se trata de uma tragédia que acontece no mar, mas seria interessante conhecer a origem dessa morna.

6. Nos fé – Betú

Mais uma belíssima composição de Betu e que Mirri dá o toque final de excelência. Um tributo a Cabo Verde, as suas riquezas, uma chamada de atenção às desigualdades sociais.

7. Alto Cutelo – Renato Cardoso

Essa música me emociona muito. É um hino à imigração, ao sofrimento dos cabo-verdianos que partiram rumo à uma vida melhor; um tributo ao espírito resiliente do povo cabo-verdiano, que, não obstante ter encontrado dor e sofrimento, continua a mar a sua terra.

Uma morna que fala de um período muito triste da nossa existência e da condição do cabo-verdiano, que as gerações mais novas devem conhecer

8. Biografia dum Kriol: Manuel D'Novas

Se Doce Guerra é o "hino" da Nação, Biografia dum Kriol é o hino do Homem cabo-verdiano. Fala do amor incondicional do cabo-verdiano pela sua terra, do seu orgulho á terra. Essa música marcou e marca todos cabo-verdianos e é quase raro encontrar alguém que não saiba cantar pelo menos o refrão.

9. Porton di nos ilha - Renato Cardoso

Se me perguntarem quais as músicas que entrariam na minha "musicoteca" esta é certamente uma delas. Que melodia! Arrepiante! Uma belíssima composição, instrumentalmente bem executada pelos Tubarões, magistralmente interpretada pelo Ildo.

Uma melodia profunda, se não a mais profunda pois conta a nossa história, do sofrimento que os cabo-verdianos passaram após a independência até chegar ao país que hoje, que aborda questões essenciais ligadas aos direitos humanos, nomeadamente à ter uma vida digna.

10. Mar azul – B. Leza

Essa morna me comove pela doçura com que a Cesária a interpreta; mas também porque fala de dois grandes elementos da nossa identidade e condição de povo ilhéu: o mar e a saudade: o mar que junta, mas que também separa

Uma descrição atenta e minuciosa de um certo tempo da vida que se levava em São Vicente.

8. Cabo Verde One 2000 (Morgadinho) - O autor faz aqui uma análise da atualidade e um apelo à justiça social que devia imperar.

9. Combersa Co Deus (Vuca Pinheiro) - Esta morna pede a ajuda divina na escolha do melhor caminho a ser trilhado em vida. Uma verdadeira apologia à vida, quando diz "si bo odjâm na sucuro, fazem munturo, barrem pa djunto d'oto futuro".

10. Sodade (Armando Zeferino e xxx Santos) - Morna "galope" que catapultou o nome e a imagem de Cabo Verde para muito além das fronteiras nacionais, atingindo um merecido patamar a nível mundial.

ENTREVISTA



Francisco Sequeira

Caro José, eis a minha escolha das 'ten' que te prometi:

1. Força de Crêcheu (Eugénio Tavares), para mim, a Morna, o texto, a letra, a mensagem do sentir, da morabeza, mensagem cabo-verdiana para toda a humanidade e também ao vasto universo espaço destas 10 ilhas lá em cima.

2. Maria Barba (Autor desconhecido – Tenente Serra e M^a. Barba) gravada pelo Bana com falha um tanto gravosa na letra e recuperada cerca de 10 anos depois, em 1999, positivamente, pelo grupo Djalunga no duplo CD (Cap Vert un Archipel de Musiques) interpretada como deveria ser, sempre por duas vozes, acrescentando a parte final da cantadeira... 'Ai, toda a vez q'um ta cantá ês morna, ta lembrâm Boa Vista, nha terra' (isto em Bissau, Guiné onde vivia).

3. Morna de Despedida (Eugénio Tavares) o Bana ao colocar a 10^a. faixa no LP Rotcha nú, registou, é pena está claro, esta única do génio, paciência... Mas esta é de grande porque enche e preenche pois é a morna das mornas de plenitude da vivência deste povo que o destino obriga praticar despedidas dolorosas mas de regresso felicíssimas e renascentes...

4. Eclipse (B. Léza), provocado por Baltasar Lopes, o músico reagiu plenamente em potência máxima que o mestre amigo ficou grato e lhe sugeriu outras...

5. Mãe (Euclides Tavares, 'Djodja') na voz da Arminda Sousa gravada integrada do Grupo Noitinha (nome de conjunto típico bem da nossa ambiência) estudantil em Portugal,

morna exemplar morabe ternurenta, de criação saudosa à mãe distante.

6. Querida (Manuel d' Novas) morna de inspiração feliz, arranjo exemplar do génio Paulino Vieira, o Bana que a gravou em primeira mão e sendo assim, ganhou mais súditos... Morna que incluo na chamada Nova-Morna.

7. São'Cente (Jorge Monteiro) gravada em 1962 em Portugal, pelo Conjunto Cabo Verde (dueto Mité Costa e Djosinha) divulgaram outras e esta que retrata a parte do Arquipélago povoada tardiamente e em atitude feliz apesar dos pesares reuniu todo o sentir cabo-verdiano incluindo poucos nascidos na que continua deserta... E a sina vai provocando novas marchas, novas evoluções... Roberto Moreno Tavares

8. Canto de Amores (Luís Lima - Toy Vieira) morna-título, mais um do Luís, letrista especial deste evoluir nosso que me provoca sempre emoções renovadas sem fugir do quotidiano harmonioso do dia a dia...

Toy Vieira praticou um arranjo na linha do irmão genial que me lembrou Pedro Cardoso, ao afirmar que o Tango ganhou da Morna... e o B. Léza utilizou a designação Morna-Tango; O Bana mais uma vez, reinando na máxima morabeza. Esta é também do Luís como outras dele das chamadas mornas novas.

9. Caminho di Mar (Autor desconhecido) trazida para nosso convívio pela 'Dakariana' Jacqueline de premiar, retomada pelo Ildo, com arranjo do Mário Lúcio superior no traçar evolutivo do Paulino Vieira e Manú Lima na Rapsódia A Morna em 1990, é de se afirmar quando assim a vai acontecendo, é assim

mesmo.

10. Mar ('Fany di Anu Novu' Epifânio Tavares) 1^o. single 2017 do novel delfim na morna Josimar Gonçalves, na verdade da boa 'heritage', espantou-me agradavelmente este dois príncipes-herdeiros o autor e o intérprete.

O segundo o pai Carlos Gonçalves está presentemente numa evolução musical assinalável a par do filho; Quanto ao autor, o saudoso músico sempre apreciado, lá em cima no seu estilo doce de mel d'cana nosso e bom, sorri e balança a cabeça aprovando. (...)

Para terminar, somente relato um caso que me chamou atenção e me deu ideia da força do encanto da nossa canção de eleição: Na Rússia que fui pensando iria assistir, talvez, uma vez nesta vida, uma Olimpíada (1980), depois de uma de história política, o tradutor Valentim, com aquele sotaque abra-sileirado encantador, espantou-me com a seguinte afirmação seguida de pedido:

-Vocês têm um disco com um piano desafinado mas mesmo assim me encantam aquelas melodias... Caramba que fiquei desarmado, mas pensei, pensei e lá cheguei à conclusão que se tratava da dupla Humbertona & Chico Serra.

Chegado à S. Vicente, tive a sorte de encontrar o Chico justamente perto da sua residência e da montra da Drogaria do Leão onde a taça que ganharam com o LP foi premiado na Holanda esteve exposta; questionei-o da desafinação do famoso piano, ele respondeu-me - É devêra sim, êl era desafinôde! Para concluir lhe respondi: Chico, isso demonstra que a nossa Morna é qualquer coisa de especial, superior d'encantar!



Roberto Moreno Tavares

A morna, a alma da música de Cabo Verde, transmite muitos dos sentimentos e características do povo cabo-verdiano.

Música e dança, ela trata da nossa insularidade, o romantismo intoxicante dos nossos trovadores, o amor à terra, a partida para o estrangeiro, o regresso, a saudade e o mar.

Desde os primórdios, esses compositores criaram novos horizontes, neste género musical, através de composições impregnadas de melodias encantadoras, cativando o público receptor.

Para a escolha das minhas 10 mornas considero que elas constituem um marco importante por aquilo que cada uma representa, especialmente a realidade e a vivência dos cabo-verdianos.

São conhecidas em todas as camadas sociais, cada uma transportam-nos para um cenário imagético, conhecidas que são facilmente são cantadas ou interpretadas por qualquer cabo-verdiano.

1. Biografia dum Criol (Manuel D'Novas)
2. Dez Grãozinho di Terra (Jotamonte)
3. Doce Guerra (Antero Simas)
4. Força di Cretcheu (Eugénio Tavares)
5. Laura (Manuel clarinete – Manuel Correia e Silva)
6. Lua Nha Testemunha (B.Léza)
7. Nós Fé (Betu)
8. Porton D'nos Ilha (Renato Cardoso)
9. Regaço (Orlando Pantera)
10. Terra Bô Sabé (Renato Cardoso)



Tatiana Ferreira Sanches

Morna é a saudade e saudade é Cabo Verde. E tudo se resume ao AMOR por estas ilhas e sua gente. Por isso a minha seleção tem a ver com reminiscências da minha infância, aos tempos de minineza de amor puro e inocente. Eram tempos em que sentava nas rochas e cantava poemas ao mar. Estas são as sonoridades, as mensagens que marcaram um coraçãozinho de criança e adolescente das ilhas.

1. Petit pays - Cesária Évora
2. N'cria ser poeta - Paulino Vieira
3. Destino de um criol - Ildo Lobo
4. Mar morada de sodade – Bana
5. Sodade - Cesária Évora
6. Carta di nha crêcheu - Sãozinha Fonseca
7. Tarrafal – Bulimundo
8. Mar Eterno, na voz de Celina Pereira
9. Romansi di amor – Bulimundo
10. Dja'm crêbo ma n'ca ta frabu na voz de Maria de Barros.



Eileen Almeida Barbosa

É engraçado que enquanto criança e adolescente, pouco liguei à morna. Se me perguntassem, até era capaz de dizer que não gostava porque era música de gente velha.

Havia uma ou outra – como as do José Silva, que de certa forma associei à partida do meu pai para a emigração e não com a independência, e Terra bo Sabê, que começava com uma voz de criança, com que simpatizava.

Quando fui para a universidade em Faro, Portugal, ia muitas vezes ao centro comercial para ver um filme ou passear pelas lojas. O centro ficava a uma boa meia hora a pé, se cortasse por uns baldios onde havia um acampamento de ciganos. Ia e voltava à noite, e cantava o tempo todo quando não tinha saldo para ligar a alguém.

Por alguma razão, as mornas a que nunca liguei foram-me surgindo na cabeça, e eu desesperava por me lembrar das letras a que nunca prestara atenção. Inventava pelo caminho e depois, invariavelmente, ia desafinar um pequeno trecho ao meu

amigo Nitcha, que tinha uma guitarra e costumava participar nas serenatas em Faro, organizadas quase de propósito para fazer as caloiras chorarem de saudades.

Foi a passar perto desse acampamento de ciganos que me surgiram as mornas Lamento d'um Emigrante e Nha Coração Tchorá. Hoje, as coisas mudaram de tal forma que me desesperei por ter que escolher apenas 10 Mornas!

1. Cretcheu, bo que é de meu, José Silva
2. Nha coração Tchorá Manuel d' Novas
3. M cria ser poeta – Paulino Vieira
4. Biografia de um crioulo - Manuel d' Novas
5. Lamento d'um emigrante, Manuel de Novas
6. Doce Guerra - Antero Simas
7. Mim cordod Un sonha, Cabo Verde era um paraíso - Paulino Vieira
8. Terra bo sabê- Renato Cardoso
9. Torrão di meu – Nhelas Spencer
10. Força di Cretcheu - Eugénio Tavares



José Vicente Lopes

Se apenas no universo de B. Leza, ou de Eugénio Tavares, é possível facilmente encontrar 10 Mornas de Eleição, muito mais difícil é escolher 10 mornas num universo de 100 ou mais composições de elevada qualidade.

Aqui teríamos uma vasta lista de composições da qual fariam parte Manuel d' Novas, Lela de Maninha, Jotamont, Paulino Vieira, Anu Nobu, Ney Fernandes, Betu... A lista, felizmente, é extensa.

A Morna é, sem dúvida, a forma sublime de expressão da alma crioula. De tão batida a frase ela é hoje um lugar comum, mas nem por isso deixa de ser válida nesta hora em que a UNESCO reconhece o que, para nós, há muito é uma evidência: morna património da nossa humanidade.

A morna pode ser doce como a cana sacarina, amarga como a fedegosa, arbusto que matou um sem número de cabo-verdianos nos tristes anos de fome, como nos dá conta a morna “Mambia” resgatada por Cesária Évora num dos seus discos.

Através da morna é possível contar a história de Cabo Verde e do cabo-verdiano, do nascimento à morte. No nascimento teríamos o clássico “Na minino ná”, de Eugénio Tavares, no ocaso da vida teríamos, do mesmo Eugénio Tavares, “Bedjiça”, mas também “Lua nha testemunha”, de B. Leza, ou “Fidjo pedido”, de Frank Mimita.

Entre estes dois extremos teríamos uma panóplia de canções que falam da vida em Cabo Verde, mas também na diáspora, a começar por “Camin de São Tomé” (Abílio Duarte) e, claro, “Sodade”, de Armando Zeferrino e Santos Vieira, e do retorno a casa, “Na caminho de Djabrava”, de Juloca Feijó, ou “Alô, Sanvicente”, de B. Leza... Sem esquecer, como não podia deixar de ser, o amor, a amizade, o 5 de Julho...

Felizmente, há mornas para todos os gostos e feitios e a vasta lista de participações do desafio lançado pelo A NAÇÃO fazem jus a isso, acabando por afunilar nas “10 Mornas de Sempre”, exercício sem dúvida temerário e herético, ainda assim, possível, sem porém perder de vista que o “sempre”, às vezes, varia em função dos momentos e dos actores.

E neste arquipélago de mornas há autores, infelizmente, poucos conhecidos ou que caíram no esquecimento. Mas há também intérpretes que marcaram, para sempre, certas composições tornando quase que uma heresia outras interpretações.

“Belga”, cantada por Cesária Évora, no álbum Mar Azul, é incomparável, da mesma forma que é incomparável “Pensamento” ou “Eclipse” na voz do Bana. Aliás, onde quer que esteja, Bana é sempre inigualável.

Um outro caso, por sinal muito sério, é Frank Mimita a interpretar “Linda”, “Odjinho Maguado”, Ildo Lobo o Porton d' nós ilha, etc. Zequinha, dos Tubarões, a cantar “Partida”, de Ney Fernandes.

E perdido no tempo, porque há muito morreu, não me esqueço de Paz Monteiro a interpretar “Mar de lua cheia”, de Eugénio Tavares... Mas também de Eleutério Sanches, num EP em que divide com a irmã Lily Tchiumba (ambos angolanos filhos do cabo-verdiano João Baptista Sanches), a cantar “Odjinho maguado” e “Lutchinha”.

E para fechar uma história muito pessoal, minha. Um dia, menino, em Luanda, cheguei a casa e no giradisco JVC, cor de rosa, Tazinho “chorava” um dos seus solos precisamente no momento em que ao entrar surpreendi a minha mãe, sozinha, a enxugar lágrimas silenciosas. Questionada por mim, ela respondeu-me: “Ca é nada, nha fidje, é só sodade”.

Naquele dia, hoje longínquo, aprendi o

que era saudade. O LP “Sucessos de Tazinho”, a par de vários outros vinis, eram já parte do meu património sentimental. E nos inesquecíveis convívios em casa do meu tio Lisboa, no bairro Zangado, eu via, fascinado, os meus patrícios adultos a rodopiarem ao som de mornas e coladeiras.

Foi ali, em casa de Lisboa e da mulher Bia, pais de Carlos d' Angola (que jogou no Amaranite), do Albertino, do Zeca e outros primos, que, menino, sem saber, eu aprendia a ser cabo-verdiano. Aliás, foi na casa desses meus familiares que vi, pela primeira vez, um giradisco e sempre que podia manuseava com muito cuidado aqueles vinis, de Cabo Verde, lia o que diziam e, sobretudo, ouvia o que diziam...

Manuel Ferreira, em “Aventura crioula”, pergunta: “Haverá um cabo-verdiano insensível à morna? Insensível, ou mesmo, vamos lá, indiferente?”... “Não”, responde Ferreira, nesse mesmo livro outrora leitura obrigatória para o conhecimento da cultura cabo-verdiana.

“Dir-se-ia que na morna o cabo-verdiano projecta-se no caminho dominante da sua realização artística. O homem crioulo está ali com alma em pleno”. Está gravado na pedra.

1. Eclipse, B. Leza
2. Pensamento, B. Leza
3. Mar de lua cheia, Eugénio Tavares
4. Na caminho di Djabrava, Juloca Feijó
5. Camin di São Tomé, Abílio Duarte
6. Zebra
7. Linda, Anu Nobu
8. Nha coração, Betú
9. M'cria ser poeta, Paulino Vieira
10. Mar é morada di sodade, Armando de Pina

SOCIEDADE

Morna, factos e curiosidades

Amorna, cantiga das cantadeiras, em meados do século XIX é já um género musical definido. A Sociedade de Geografia de Lisboa publica em 1885 um caderno de partituras para piano, intitulado “Músicas Populares de Cabo Verde”.

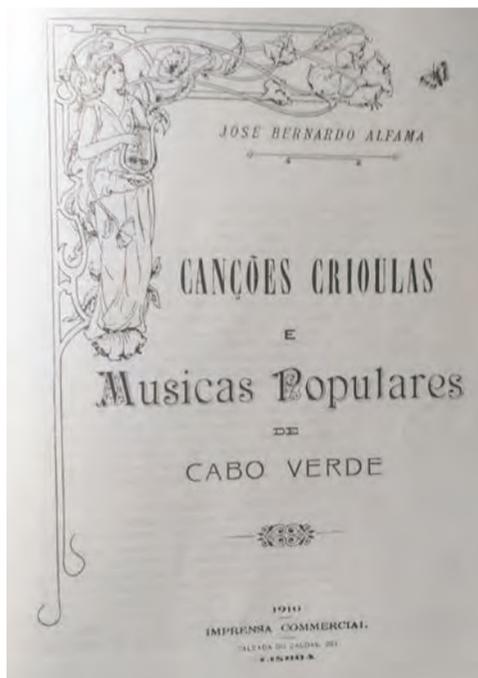
Não sabemos qual terá sido na época o acolhimento desse priméiríssimo «song book» da música cabo-verdiana, mas uma coisa é certa, se foi editado é porque essa música despertou interesse!

Hoje, esse caderno de partituras continua a suscitar polémica simplesmente porque não menciona, uma única vez, imagine-se, a palavra Morna! Apenas indica o andamento das músicas através de conhecidas expressões

como Andantino e Allegro, ou então, Andamento de Tango, Andamento de Valsa. Existiria ou não a palavra Morna na época? Seria ou não um género musical reconhecido? O género existia porque algumas das partituras assim o demonstram.

O músico e investigador Vasco Martins, em “Cabo Verde Resonâncias Volume 1 A Morna, estudos adjutórios” (2018), faz uma análise do assunto.

Sobre uma das músicas do referido caderno escreve Martins: “(...) como se pode ler e analisar, contornos melódicos semelhantes à morna «Maria Adelaide»” note-se, esta, uma das mais belas Mornas dos finais do século XIX que chegou até nós!



Brada Maria

A morna suscitou atenção do maestro, compositor e pianista (clássico) português Augusto de Oliveira Machado (Lisboa, 27 de Dezembro de 1845 – 26 de Março de 1924), que realizou, em 1887, uma recolha intitulada: “Motivos Africanos (Cabo Verde)” do qual constam quatro partituras que fazem parte do espólio do músico doado à Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) onde pode ser consultado.

A referida recolha contém transcrições de quatro músicas, entre elas, “Brada Maria”, que tem sido considerada a mais antiga morna.

Mocho Alfama

José Bernardo (Mocho Alfama) – poeta, investigador, compositor. Ilha Brava, nascido em meados do século XIX provavelmente em 1867 (?) – falecido na Cidade da Praia em 1927 (?), publicou o livro “Canções Crioulas e Músicas Populares de Cabo Verde”, Lisboa, 1910. É considerada a segunda publicação mais antiga que se conhece com partituras (para piano) de música de Cabo Verde.

Poeta: autor de versos em crioulo e português, publicados no livro citado, por ocasião da visita a Cabo Verde do príncipe D. Luiz Filipe em 1907, compôs uma saudação, que foi “cantada por um grupo de raparigas indígenas”.

Jornalista: foi colaborador activo da imprensa cabo-verdiana nos primeiros anos do século XX, nomeadamente, dos jornais “Cabo Verde”, “Voz de Cabo Verde”, “O Independente” entre outros. Utilizava em muitos escritos o pseudónimo “O Mocho Alfama”.



Primeiras menções na imprensa nos EUA à música cabo-verdiana

“Dengosa”

Nos finais do século XIX e início do século XX fizeram sucesso em Portugal géneros-musicais importados como a modinha brasileira ou o tango argentino!

No calor das modas, parece que a Morna também teve um vislumbre de promoção! A Valentim de Carvalho edita, por volta de 1914, a partitura “Dengosa – Nova Morna de Salão” da autoria de Augusto Neuparth Vieira, músico e compositor português (Lisboa 31 de Dezembro de 1888 – São Paulo, Brasil 1953).

Ainda na mesma época, a Valentim de Carvalho vendia um folheto intitulado “Morna Dança de Cabo Verde – Teoria dos passos e posição”, da autoria do professor de dança Magalhães Pedroso (que, deduz-se, acompanhava a referida partitura!).



Exposição Colonial

Na primeira Exposição Colonial Portuguesa, no Palácio de Cristal, no Porto, em 1934, participou uma delegação de cantores e músicos de Cabo Verde, nomeadamente, a célebre cantadeira Maria Barba e outras da ilha da Boa Vista que apresentaram a morna (no seu estilo característico, na época já marginal).

Jornais da época, como o “O Século” e o “Comércio do Porto”, noticiaram a celebração do «Dia de Cabo Verde» na referida exposição que foi marcada por uma actuação de Luiz Rendall e seu grupo.

No ano seguinte, realizou-se em Lisboa o Festival Caboverdeano (cf. jornal Notícias de Cabo Verde, 11-09-1935) e nele participaram “escritores, poetas e músicos de Cabo Verde residentes em Lisboa.”

Na “Exposição do Mundo Português”, em 1940, que decorreu em Lisboa, B.Léza integrou a delegação cabo-verdiana de músicos. Ele acabou por ficar alguns anos em Lisboa, onde se casou e compôs célebres mornas, uma delas, “Ondas sagradas di Tejo”.



Bana actua nos EUA em 1969

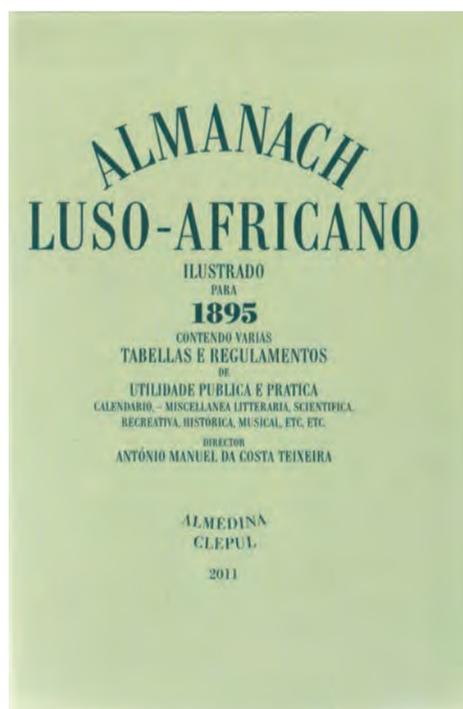
Mar de Canal

“Mar de Canal”, conhecida morna de Santo Antão, gravada num dos primeiros discos de Bana e mais recentemente por Cesária Évora, é uma das canções mais antigas de Cabo Verde.

A imagem ao lado foi retirada do Almanach Luso-Africano de 1895. A pauta e a letra estão atribuídas a L. Silva (Luiz Silva?), não sabemos se a criação ou simplesmente a recolha, já que o texto termina com “Etc.”. De notar que, tirando o refrão “Cambola-me nhe casamento”, a versão gravada por Bana e Cesária é ligeiramente diferente.

Infelizmente, não conseguimos apurar mais informações sobre L. Silva. O mais antigo Luiz Silva que a história cabo-verdiana regista é Luiz Calazans Lopes da Silva, natural de Santo Antão, mas este nasceu em 1905, por isso não pode ser ele o autor de “Mar-Canal”.

Fica, pois, a pista para os estudiosos da música cabo-verdiana, sobretudo no que toca ao tipo de mornas de Santo Antão do antigamente.



Onde ouvir Morna

Lisboa

Associação Caboverdiana

Está no centro de Lisboa, embora um pouco escondido. O restaurante da Associação Cabo-verdiana fica no oitavo andar de um prédio comum, da rua Duque de Palmela, junto ao Marquês de Pombal, lá no alto sobre a capital.

Aqui os almoços são às terças e quintas-feiras e têm um sabor especial. Os ritmos de Cabo Verde instalam-se na sala e subitamente, o ambiente de restaurante transforma-se em festa familiar. É uma “catedral” da música de Cabo Verde.

A morna, o funaná, a coladera são os géneros musicais mais to-

cados, mas também lá se exibiu o batuco. É quase impossível resistir a um pezinho de dança depois de provar os pratos típicos onde a cachupa é a estrela da carta. É possível consumir outros pratos como caril de frango ou a muamba.

O restaurante com uma paisagem privilegiada sobre a avenida da Liberdade é ainda palco de eventos culturais, promovidos pela associação onde marca igualmente presença a música de Cabo Verde.

Morada: Rua Duque de Palmela, 2, 8º andar (Marquês de Pombal)

Tambarina

Fica na rua do Poço dos Negros, em Lisboa, um dos restaurantes emblemáticos da gastronomia cabo-verdiana com o nome de uma árvore nativa das regiões tropicais – Tambarina. Aqui podemos saborear a cachupa de peixe, de carne ou especial (a célebre, frita com ovo em cima), e também as doces cocadas, na companhia musical de uma morna ou coladera.

Domingos Brito, proprietário do restaurante, esclarece que de terça-feira a domingo, ao jantar, promove a música de Cabo Verde convocando os seus conterrâneos a cantar mornas e coladeras: “Mas estou aberto também a que outras pessoas possam atuar cantando outros géneros musicais da minha terra”.

O ex-emigrante na Suíça, onde trabalhou na construção civil durante 46 anos, indica

que ainda hoje a sua vida é uma aventura, representando este espaço instalado num bairro tradicional e histórico da cidade, uma forma de estar “ligado ao meu povo e à minha terra”.

Natural de Santa Catarina, ilha de Santiago, realça que a música não tem fronteiras, mas privilegia a música de Cabo Verde: “Não temos fronteiras. Gosto sobretudo do convívio e a música é muito importante para isso”.

Domingos Brito entrega a responsabilidade à confecção da comida a Augusta Costa. Natural do Tarrafal, ela possui os gostos e a arte da cozinha cabo-verdiana. Não dispensa o acompanhamento musical quando está a preparar os pratos crioulos.

Restaurante Tambarina - Rua do Poço dos Negros 94, 1200-109 Lisboa

Praia

Espaço Kaku Alves, Várzea

Propriedade do conhecido instrumentista cabo-verdiano Kaku Ales, que chegou acompanhar Cesária Évora nas suas digressões, este espaço de música ao vivo fica situado na Várzea e é um dos spots mais procurados por quem gosta de música tradicional. Aqui juntam-se, várias vezes, outros músicos, profissionais e amadores, que têm em comum o amor pela música das ilhas. O local é muito frequentado por nacionais de várias classes sociais e também por turistas.

Quintal da Música, Platô

Propriedade da simpática dona Ália este é um dos espaços mais antigos da capital que abre as portas à música tradicional e, naturalmente, à Morna. Localizado no centro histórico do Platô, o Quintal da música é muito frequentado por turistas e locais que procuram desfrutar da música e da gastronomia das ilhas.

Espaço Poesia & Morna

Propriedade de Domingos da Rosa, este espaço fica localizado no Palmarejo e é muito frequentado por locais que querem desfrutar da música tradicional de Cabo Verde.



São Vicente

Casa da Morna, Rua da Praia

Fundada pelo artista Titio Paris, um dos grandes nomes da música cabo-verdiana, especialmente da morna. Esta é a única Casa da Morna até então existente em Cabo Verde, onde se oferece música ao vivo todas as quintas, sextas e sábados.

Bar Calypso Ofelia, Monte Sossego

Foi uma das primeiras casas onde se fez noites cabo-verdianas, em Mindelo. Até hoje o bar/restaurante anima os seus clientes com música ao vivo, todos os sábados, entre os quais morna e outros ritmos tradicionais.

Palácio do Povo, Rua de Lisboa

Embalando pela exposição AKUABA, no Palácio do Povo é possível “visitar Cesária Évora”, através da exposição de alguns itens pessoais e discos, com a morna como pano de fundo.

O Cocktail, Avenida 5 de Julho

No restaurante O Cocktail há música tradicional ao vivo de quarta-feira à domingo e a morna é presença obrigatório no repertório.

Nota: Há ainda vários outros espaços onde se pode embalar nas noites de Mindelo ao som da morna. Jazzy Bird, Bombu Mininu, Livraria Nho Djunga, Zero Point Art, Bar Matijim, Bar Holanda, Hotéis e todas as casas de música.

LISTA COMPLETA DE MORNAS

	TÍTULO	AUTOR
1	Eclipse	B. Leza
2	Força de Cretcheu	Eugénio Tavares
3	Doce guerra	Antero Simas
4	Biografia dum Criol	Manuel d'Novas
5	Lua nha Testemunha	B. Leza
6	Tempo de Caniquinha	Sérgio Frusoni
7	N cria ser Poeta	Paulino Vieira
8	Sodade	Armando Zeferino e Santos Vieira
9	Mar é morada de sodade	Armando de Pina
10	Resposta di segredo cu mar	B. Leza
11	Fidjo Magoado	Jotamont
12	Hora di bai	Eugénio Tavares
13	Sina de Cabo Verde	Gabriel Mariano e Jacinto Estrela
14	Súplica	Djoya
15	Dez grãozinhos di terra	Jotamont
16	Dor di nha alma	Betu
17	Nos Morna	Manuel d'Novas
18	Coração II	Betu
19	Torrão di meu	Nhela Spencer
20	5 de Julho	Manuel d'Novas
21	Grito de dor	Tututa Évora
22	Mar eterno	Eugénio Tavares
23	Na caminho de Djabraba	Juloca Feijoo
24	Partida	Ney Fernandes
25	Porton di nos ilha	Renato Cardoso
26	Laura	Manuel Clarinete
27	Mar Azul	B. Leza
28	Mar de canal	Luís Silva
29	Maria Barba	
30	Rufux escacarecs	Manuel d'Novas
31	Seiva	Orlando Pantera
32	Tarde na Aguada	Eugénio Tavares
33	Brada Maria	Popular
34	Cabo Verde One 2000	Morgadinho
35	Cabral ca morri	Daniel Rendall
36	Caminho de São Tomé	Abílio Duarte
37	Caminho di mar	Popular
38	Cize	Morgadinho
39	Mal de amor	Eugénio Tavares
40	Minute de silêncio	Paulino Vieira
41	Ódio é pobreza	Paulino Vieira
42	Oh! Nha terra scalabrode	Nhela Spencer
43	Papá J'quim Paris	
44	Stranger é um ilusão	Manuel d'Novas
45	Talvez	B. Leza
46	Terra longe	B. Leza
47	Tributo final	Manuel d'Novas
48	Xandinha	Dante Mariano e Amândio Cabral
49	Belga	
50	Camponesa Formosa	Popular
51	Combersa Co Deus	Vuca Pinheiro
52	Dja crebo man ka ta flabo	Jorge Pedro Barbosa
53	Gardénia	Manuel d'Novas
54	Lamento dum emigrante	Manuel d'Novas
55	Linda	Ano Nobu
56	Mãe	Euclides Tavares (Djodja)
57	Mar di Lua cheia	Eugénio Tavares
58	Maria Adelaide	Popular
59	N' crebo fora de marca	Rodrigo Peres
60	Na oh minino ná	Eugénio Tavares
61	Nha berço	Betu
62	Nha Terra	Jotamont
63	Noite di Mindelo	B. Leza
64	Nos amizade	Betu
65	Nos fé	Betu
66	Notícia	Betu
67	Nova Aurora	Valdemar Lopes da Silva
68	Ondas sagradas do Tejo	B. Leza

69	Pensamento	B. Leza
70	Regaço	Orlando Pantera
71	Romanso d'amor	Ney Fernandes
72	Rotcha scribida	Popular
73	Seis one na Tarrafal	Zeferino
74	Terra bô sabé	Renato Cardoso
75	Traz d'horizonte	B. Leza
76	Vida tem um só vida	Manuel d'Novas e Dany Mariano
77	27 de Setembro	Joaquim Lima (Didjungo)
78	A morna	Paulino Vieira & Amigos
79	Alto Cutelo	Renato Cardoso
80	Anjo negra	Paulino Vieira
81	Avizinha di rapina	Simão Gomes Ramos (Mané Razuedje)
82	Bejo furtado	Tete Alhinho
83	Bela	Nazalio Fortes
84	Bidjiça	Eugénio Tavares
85	Boa Vista nha terra	Manuel Ramos Silva (Romezinho)
86	Caboverdiano nha irmom	Manuel d'Novas
87	Canter de felicidade	Luís Lima e Paulino Vieira
88	Canto de amores	Luís Lima e Toy Vieira
89	Carta di nha cretcheu	Eugénio Tavares
90	Charmosa	Manuel d'Novas
91	Cretcheu, bo que é de meu	José Silva
92	Distino negro	Olavo Bilac
93	Djar Mai	Betu
94	Du	Olavo Bilac
95	Enterro campones	Ney Fernandes
96	Êss mundo	Abílio Duarte
97	Esse país	Manuel d'Novas
98	Eternidade	Frank Cavaquinho
99	Feticera di cor morena	Armando Felix / Pedro Duarte
100	Fidju pedido	Frank Mimita
101	Fitecera de rebera de janela, tá cme na gote	Popular
102	Flor di nha esperança	
103	Grito d'povo	Abílio Duarte
104	Gritu di liberdadi	Batuque Jazz
105	Judite	Jack Monteiro
106	Lolinha	Jotamont
107	Luísa	B. Leza
108	Manu	Betu
109	Mar	Ano Nobu
110	Mar nha confidente	Juloca Feijoo
111	Marlene	Silvestre de Faria (Tchibeti)
112	Mi sem bô amor	Vitorino Chantre e Amândio Cabral
113	Mim cordod un sonha, Cabo Verde é um paraíso	Paulino Vieira
114	Miss Perfumado	B. Leza
115	Morna Nobo	Luís Fonseca
116	Nha coração tchorá	Manuel d'Novas
117	Nha coração	Betu
118	Nha Pensamento	Djuta Gomes
119	Nha regresso	Manuel d'Novas
120	Nha terra aonte e aoje	Kaka Barbosa
121	Nho Santiago	Daniel Rendall
122	Nossa Senhora di Monti	António José da Rosa
123	odjos stacadinhos	Lela de Maninha
124	Ondas de bo corpo	Dany Mariano
125	Ondas tchorá	Jotamont
126	Petit pays	Nando da Cruz
127	Praia de Aguada	Augusto Casimiro
128	Querida	Manuel d'Novas
129	Rotcha nu	Frank Cavaquinho
130	Santiago	Daniel Rendall
131	São Tomé	Nhó Balta
132	São Vicente di longe	Lela de Maninha
133	São'cente	Jotamont
134	Tanha	B. Leza
135	Tarrafal	Ney Fernandes
136	Tchã de pedra	B. Leza
137	Traícoeira de Dakar	Francisco Morais (Pitrinha)
138	Um passá pa cabverd ta sulcá mar azul	Manuel d'Novas

PUBLICIDADE

limão

www.iibanks.com

O iib CV DESEJA-LHE UM FELIZ NATAL E UM PRÓSPERO ANO NOVO.

SÃO OS NOSSOS VOTOS SINCEROS PARA SI E PARA OS SEUS. NESTA ÉPOCA DE ALEGRIA, DE POR UM PONTO FINAL NA SAUDADE, O iib CV DESEJA-LHE UM FELIZ NATAL E UM PRÓSPERO ANO NOVO, INVESTINDO O SEU TEMPO E AMOR JUNTO DAQUELES QUE SÃO MAIS IMPORTANTES PARA SI. AFINAL, ESSE É O PROPÓSITO DO NATAL: ESTAR PRÓXIMO DAQUELES ESTÃO MAIS PRÓXIMOS DO NOSSO CORAÇÃO.



+238 808 03 65

+238 260 26 00

ATENDIMENTO PERSONALIZADO DAS 08H00 ÀS 18H00



O seu Banco, O seu Futuro

iib | Sede e Agência Cidade da Praia | Avenida Cidade de Lisboa, CP 35 | Praia - Santiago
iib | Agência do Sal | Vila Verde Resort, CP 142 | Santa Maria - Sal